GABRIELE GREGGERSEN

A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE C. S. LEWIS

Nascido em Belfast, Irlanda do Norte, em 29 de novembro de 1898, o filósofo C. S. Lewis, que gostava de ser chamado de "Jack" pelos seus familiares, é considerado um dos maiores autores do século XX. Toda a sua carreira foi dedicada à docência na Universidade de Oxford, onde passou 29 anos, e de Cambridge, onde lecionou outros 40 anos, até a sua morte súbita em 1963.

Além da sala de aula, ele teve uma particular paixão pelos livros, que o cercaram desde a mais tenra infância. Na adolescência, Lewis criou e ilustrou, junto com o seu irmão mais velho, Warren, um mundo imaginário povoado por animais falantes. Dessa forma, encontrava refrigério para a dura realidade da sua vida, marcada pela morte da mãe, quando ainda criança, e por duas guerras avassaladoras.

Mas foi no cristianismo, ao qual foi introduzido por colegas de carreira como J. R. R. Tolkien, que Lewis encontrou respostas para questões filosóficas e existenciais mais profundas. Daí que todas as suas palestras radiofônicas, difundidas pela BBC de Londres, e obras, que vão da ficção científica a um tratado de literatura, carregam esta mensagem de esperança para um mundo já esvaziado de parâmetros antropológicos sólidos. A história do seu encontro marcado com o sentido da vida encontra-se mais explicitamente descrita em sua autobiografia, *Surpreendido*

A Antropologia Filosófica de C. S. Lewis

GABRIELE GREGGERSEN

A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE C. S. LEWIS

Capa:
Zeta Design
Ilustração de capa:
O Cavalo e seu Menino de Pauline Baynes
Editoração eletrônica:
Aldair Dutra de Assis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Greggersen, Gabriele
A antropologia filosófica de C. S. Lewis / Grabriele Greggersen.
- - São Paulo : Editora Mackenzie, 2001.

Bibliografia.

1. Antropologia Filosófica 2. Lewis, Clive Staples, 1898-1963 - - Crítica e interpretação I. Título.

00-4945 CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Lewis, C. S. : Antropologia Filosófica 128

Editora Mackenzie
Rua da Consolação, 930
01302-907 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 236-8666
Fax: (11) 214-2582
E-mail: editora@mackenzie.com.br

Distribuído e comercializado pela Editora Cultura Cristã
Rua Miguel Teles Jr., 382
01540-040 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 270-7099
Fax: (11) 279-1255
E-mail: cep@cep.org.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

AS PONTES E JUNÇÕES DE GABRIELE GREGGERSEN

O agudo humor espanhol criou o malévolo provérbio: *Dios los crea y ellos se juntan*. Aplica-se essa "lei" (tão confirmada empiricamente como a "lei de Murphy") quando se descobre — de modo surpreendente e aparentemente inexplicável — que duas (ou mais) pessoas esquisitas (e com o mesmo tipo de esquisitice...) ou portadoras de qualquer outra qualidade negativa são velhas conhecidas e amigas (um dia, por exemplo, você vem a saber que aquela *socialite* carioca é amiga de infância da Ivana Trump).

Mas essa mesma força de atração (que, na formulação geral, poderia corresponder a digamos: "dize-me quem és e dir-te-ei com quem andas") ocorre também no âmbito das qualidades positivas. Nesses casos de encontros providenciais — com colegas, professores, autores que, por assim dizer, já eram "nossos" — *Dios los junta* (em algumas línguas bantu, o nome para Deus é *Kalunga*, o "grande juntador").

Nesse sentido, C. S. Lewis em *The Four Loves* fala da amizade como faísca, um intuir que, no meio daquela massa, há alguém — passe a palavra tão desgastada — especial, único em sintonia conosco, e dizemos admirados e agradecidos: "Ah, você também!?". O sentido de uma das palavras gregas para amar — *filéin* — é precisa-

mente o desse *Ah, you too!?*, o estar em sintonia (*filadelfia* é a sintonia entre irmãos; *filantropia*, o sentir com o gênero humano).

Seja como for, as junções na vida (na nossa ou na dos outros), os livros e autores que escolhemos (ou serão os livros que nos escolhem...), trazem um quê de mistério (são maravilhosas ou, ao menos, surpreendentes).

Digo isso para apresentar a obra de Gabriele Greggersen, uma autora que tenho acompanhado desde sua graduação na Faculdade de Educação da USP (já em seu primeiro ano nessa escola tive a honra de ser seu professor de Filosofia) e, depois, orientador de sua dissertação de mestrado e de sua tese de doutoramento, também na FEUSP. Gabriele — como professora e autora — está investida da missão de difundir entre nós o pensamento de clássicos, da mais alta importância, mas que não encontram em nosso meio acadêmico o merecido destaque, como é o caso — entre tantos outros — de Josef Pieper, Tomás de Aquino, G. K. Chesterton, Tolkien e, naturalmente, Clive Staples Lewis.

Só com "ajuntar" esses nomes, já se vê imediatamente que a vocação típica de Gabriele é a de quebrar muros e a de construir pontes. Numa palavra, abrir caminhos para o — tão desorientado — homem de nosso tempo. Para fazer uma ponte é necessário equilíbrio e solidez nos dois pólos que se quer ligar: para a pura sensibilidade emotiva, Gabriele nos oferece o complemento da razão filosófica e, por outro lado, corrige os racionalismos e cientificismos, lembrando-nos da *Kreatürlichkeit* (criação e "criaturalidade", junto com a noção de mistério

são pontos centrais na visão de mundo de Gabriele Greggersen — seu mestrado foi precisamente sobre o papel central desses conceitos no pensamento cristão).

Junções (e lembremos que o conceito bíblico de junção identifica-se com o de paz, como quando se diz que Cristo é o pontífice — construtor de pontes. Ele, nossa paz, que quebrou o muro e fez a junção etc. — Efésios 2.14). A fé religiosa — um vivo imperativo pessoal para a autora — não tem por que excluir a reflexão filosófica. E esta, por sua vez, não tem por que desprezar a literatura. O pensamento de Gabriele flui com vigor tanto em rigorosas teses acadêmicas como em seus poemas e contos infantis.

É extremamente natural, portanto, seu encontro com C. S. Lewis. *Dios los crea, Dios los junta...*

L. Jean Lauand
FEUSP

INTRODUÇÃO

Clive Staples Lewis (1898-1963), considerado um dos maiores críticos literários, escritores de obras de ficção, filósofo e teólogo cristão do século XX, tão prestigiado na Europa e nos Estados Unidos e traduzido para tantas línguas, inclusive orientais, infelizmente ainda é pouco conhecido no Brasil.

A nosso ver, esse fato deve-se em grande parte à falta de acesso aos seus escritos — o que pudemos comprovar na prática ao longo dos nossos estudos — e conseqüente falta de procura e interesse pelo autor. Contudo, por onde quer que tenhamos andado em terras brasilienses, carregando essa insígnia e divulgando nossas pesquisas, procurando trazer ao público pouco informado pequenas incursões nessa vasta extensão de sua obra, a resposta tem sido imediata e abundante, graças ao estilo e à linguagem universais empregados pelo autor.

Outro fator explicativo é a qualidade das traduções para o português brasileiro. Nesse sentido é importante ressaltar que traduzir Lewis certamente é um desafio para qualquer tradutor, considerando o simples fato de ele ter sido um literato, catedrático de Oxford e Cambridge, dotado de um estilo peculiar e distintivamente britânico em todas as suas obras.

No extenso campo de pesquisas associado aos contos de fadas, Lewis se destaca como um caso singular de autor, que dispõe de uma sólida e coerente visão filosófico-teológica do mundo, respaldada na mais rigorosa formação acadêmica de Oxford e Cambridge, do período entre guerras.

Basta consultarmos a sua vasta obra, que abrange, desde obras imaginativas até tratados literário-filosóficos, para nos darmos conta desse fato. Ao mesmo tempo que foi brilhante catedrático, primeiramente de filosofia, mudando logo para literatura britânica medieval e renascentista, por seu estilo claro e encantador de se comunicar, principalmente por escrito, Lewis acabou tornando-se um *best-seller* da literatura infantil (uma literatura infantil que atinge profundamente também os adultos...). É precisamente essa tão singular união de talentos e competências acadêmicas num único sujeito que nos despertou o interesse de explicitar as notas que compõem uma filosofia veiculada, com tamanho potencial educacional, por meio de "simples" contos infantis (particularmente, é claro, no caso de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*).

Podemos encontrar, em meio à imensa produção de Lewis (naturalmente, interessa-nos mais o Lewis cristão), obras que percorrem uma gama de estilos e formatos que vão desde densos estudos teológicos, como *Milagres* (*Miracles*, 1947), até contos infantis, como *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (*The Lion, the Witch and the Wardrobe*, 1950) e outras seis crônicas de Nárnia, passando por crítica literária, como *The Discarded Image* (1964) e *An Experiment in Criticism* (1961); ficção científica ou teológica, como *Perelandra* (1943); estudos filosófico-teológicos, como *O Problema do Sofrimento* (*The Problem of Pain*, 1940); conferências radiofônicas filosóficas e teológicas, como *Cristianismo Puro e Simples*[1] (*Mere Christianity*, 1952), e estudos antropológicos em forma literária, como *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*[2] (*The Screwtape Letters*, 1942) etc.

Embora se possa acusar Lewis de ser demasiadamente generalista, essa vasta e multiforme produção atinge grande profundidade e especialidade, apresentando certas constantes de visão de mundo que se evidenciam de forma aparentemente "inocente", mas que são indicativas do seu estilo diferenciado e sua contribuição para as ciências humanas, em particular para a educação.

Para darmos conta dessa contribuição e dessa profundidade, a partir de um trabalho que consideramos uma obra fundamental no todo do seu legado — *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, ou *LF*, como iremos nos referir em todo o livro —, estabelecemos os seguintes objetivos prévios:

- Mostrar como um conto infantil, o *LF*, pode apresentar e mesmo constituir-se num "modelo" ou parâmetro educacional, solidamente enraizado numa visão de mundo e numa teologia com ela coerente.
- Desentranhar, em confronto com o todo da obra de Lewis, os temas fundamentais constituintes da estrutura filosófico-teológica presentes (de modo mais ou menos explícito) no *LF*.

[1] Ou *Mero Cristianismo*, conforme tradução publicada pela Editora Quadrante.
[2] Ou *Cartas do Coisa-Ruim*, conforme versão anterior das Edições Loyola.

- A partir dessa "densidade" do *LF* analisar o alcance pedagógico dessa obra, discutindo a viabilidade de uma educação moral e de uma educação cristã, pautadas em literatura.

Partiremos, assim, de uma biobibliografia, na qual levantaremos informações valiosas para a compreensão da vida e da obra desse mundialmente reconhecido autor.

No Capítulo 1, estaremos estabelecendo paralelos quase que intuitivos entre *LF*, o todo da obra de Lewis e a Bíblia, já apresentando os primeiros resultados de sua filosofia da educação. A partir daí, passaremos a expor pontos essenciais da antropologia filosófica de Lewis, em diálogo com pensadores correlatos, como Josef Pieper e G. K. Chesterton. Apresentaremos, então, algumas considerações iniciais e esparsas sobre algumas cenas de *LF* que nos parecem relevantes e geradoras de certas discussões essenciais para a compreensão da antropologia filosófica de C. S. Lewis. Os temas fundamentais daí extraídos, tais como a lei moral, a verdadeira realidade e a razão, são contemplados no Capítulo 2.

No Capítulo 3, traçaremos alguns paralelos entre *LF* e os relatos bíblicos, que, de acordo com o próprio autor, embora importantes, não são necessários para a compreensão e aplicação pedagógica da história, que é recomendada nos currículos de escolas leigas dos Estados Unidos.

No Capítulo 4, estaremos nos dedicando ao que chamamos de "educação moral dos contos de fadas", inspirando-nos, para isso, em outro autor britânico famoso — que, de acordo com a autobiografia de Lewis, "batizou a sua imaginação" — G. K. Chesterton, que em sua *Ortodoxia* dedica um capítulo especial à "Ética do mundo dos Elfos". Nesse capítulo discutimos ainda aspectos relacionados à temática da linguagem. E, para a discussão de um tema importante nesse campo, o das relações entre linguagem, imaginação e realidade, tomaremos por base uma de suas obras mais acadêmicas, *Studies in Words*, 1960.

Em um segundo momento, discutiremos a educação moral dos contos de fadas, mais uma vez inspirados em Chesterton, e convidando outro autor correlato e estreito amigo de Lewis, J. R. R. Tolkien.

Quanto às virtudes cardeais, presentes em *LF*, nosso referencial teórico será o conhecido filósofo e teólogo Josef Pieper, que não por acaso foi um dos tradutores de *O Problema do Sofrimento* para o alemão. Como não podia deixar de ser, nesse capítulo estaremos citando outra obra memorável de Lewis, as *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*.

O capítulo final será dedicado à teologia de Lewis, com destaque, inicialmente, ao ponto nuclear de um Deus pessoal. Em diversas obras, uma e outra vez Lewis insiste neste ponto central: a recusa de um Deus abstrato e a conversão de um Deus pessoal e concreto, como única maneira de se ser cristão autêntico. E mais, em *LF*, como em toda a obra de Lewis, Deus não só é pessoal, mas é simplesmente "Pai". Em outras palavras, diz-se que Deus é "amor", ainda que esse conceito se encontre um tanto desgastado nos dias de hoje. E as Sagradas Escrituras narram que tal amor encontrou a sua maior expressão na "encarnação" e "redenção", temas que nos serão igualmente preciosos nessa parte.

Aliás, todo o *LF* é uma grande parábola sobre a redenção. Lewis, em *LF*, apresenta literariamente o drama da Paixão (e seus correlatos: a dor, o sacrifício, o resgate etc.), no fundo, as mesmas teses teoricamente discutidas pelos teólogos cristãos. Assim se compreende o extraordinário potencial pedagógico contido em *LF*: uma viva perspectiva cristã do mundo, apresentada sob a inaparência de uma historieta de gnomos, feiticeiras, leões e crianças. Também a discussão da concepção de redenção por meio da imponente figura de Aslam, em contraste com outras visões religiosas que pressupõem o contrário, é objeto particular de nossas análises.

Para finalizar, apresentaremos as nossas próprias reflexões a respeito de uma possível "pedagogia do conto", ou seja, da parábola, do bom senso, da simplicidade, do humor e do concreto, firmemente enraizada em sólida antropologia e suas diretrizes pedagógicas, com sugestões práticas de como trabalhar o *LF* em sala de aula, com alunos de 8 a 80 anos de idade.

Nossa proposta, portanto, é precisamente levantar e discutir essas constantes, pelo menos aquelas que aparecem mais nitidamente em *LF*, que são mais relevantes para a filosofia da educação e, mais particularmente, para a filosofia didática ou, quem sabe até, para a didática da filosofia.

BIOBIBLIOGRAFIA

Antes de discutirmos os aspectos principais em *LF*, faz-se necessário assinalar, de forma sucinta, os principais fatos relativos a vida e obra desse autor, que já inspirou e

continua inspirando estudos e biografias de diversos catedráticos e autores, e até mesmo a produção de filmes.

Na presente introdução, faremos um apanhado geral dos principais momentos da sua vida e obra, que destacamos na nossa cronologia biobibliográfica, apresentada no Anexo I (Coren, 1994, p. 125 et seq.). O melhor retrato que encontramos da história de Clive Staples Lewis encontra-se em sua autobiografia, *Surprised by Joy*. Esse conhecido crítico britânico e catedrático de Oxford (Magdalene College, de 1925 até 1954) e Cambridge (como professor de literatura inglesa medieval e renascentista), nasceu em Belfast (Irlanda), em meio aos livros de seu pai, eminente advogado, e de sua mãe, professora de matemática, ambos de confissão cristã (presbiterianos). *Surprised by Joy* é considerada obra de leitura obrigatória em diversos cursos de graduação e pós-graduação oferecidos por reconhecidas universidades de renome internacional, e muito divulgados via internet.[4]

C. S. Lewis nasceu em 1898, em Belfast, na Irlanda, e morreu na noite de 21 de novembro de 1963 em Oxford. É reconhecidamente um dos maiores pensadores e es-

---

As datas de publicação são as das edições originais.

Uma simples pesquisa do nome completo inconfundível do autor resulta em nada mais, nada menos do que 400 mil sites diferentes a ele dedicados. E os mais conhecidos e visitados são os que se referem às crônicas de Nárnia tais como: "Into the Wardrobe" (http://www.cache.net/~john/cslewis/), "Cair Paravel" (http://www.netten.net/~dpicket/narnia.html), "C. S. Lewis and the Inklings" (http://www.bgsu.edu/~edwards/lewis.html), "The C. S. Lewis Page" (http://paul.spu.edu:80/~loren/lewis/), "The C. S. Lewis Institute" (http://www.erols.com/lewisinstitute) e muito mais. Podemos citar ainda a página dedicada às comemorações do centenário do seu nascimento (http://www.cslewis100.com) e a nossa própria página a ele dedicada, lado a lado com Josef Pieper (http://www.geocities/SoHo/Gallery/8496/).

critores em língua inglesa de nosso século. Ainda recentemente, o especialista Bruce Edwards comentava, numa oficina dedicada a Lewis, que:

> ... há, por assim dizer, três Lewis: o pré-moderno, o moderno e o pós-moderno. O primeiro, anterior à conversão ao Cristianismo em 1929, basicamente um escritor acadêmico, deslumbrado com a visão de mundo profana. O segundo, o *scholar* cristão, e um terceiro Lewis, sem dúvida o mais fascinante e surpreendente, o *imaginative writer*, que, para Edwards, compreende não só o escritor de *fairy-tales*, mas também, digamos, o autor de *Os Quatro Amores*. Pretende, assim, aperfeiçoar a antiga visão de Owen Barfield, o orientador de Lewis em Oxford, que pretendia distinguir o crítico literário, o autor de *fiction* e o apologeta.[5]

Além de *workshops* a respeito de Lewis, contamos hoje com inúmeras revisões e biografias escritas, bem como filmadas para cinema ou vídeo (tais como *The Life of C. S. Lewis: through Joy and Beyond* — BA 1007, *Shadowlands* — BBS BA 1007 e o mais recente *Shadowlands* — traduzido para o português como *Terra das Sombras* — a adaptação para o cinema feita por Richard Attenborough, de grande sucesso, com Anthony Hopkins interpretando Lewis).

Apesar das críticas contra uma ou outra simplificação e/ou distorção, todas essas biografias, propósito principal das obras lewisianas, refletem mais ou menos nitidamente o sentido, o "espírito" que animava esse autor, que era o firme propósito de:

[5] Trecho de relato de viagem, "Estudos Lewisianos nos Estados Unidos", in *Mirandum II*, 1997.

> ... resolver o problema intelectual criado pelo sofrimento; para a tarefa mais elevada de ensinar coragem e paciência jamais fui tolo o bastante para considerar-me qualificado, nem tenho qualquer coisa a oferecer aos meus leitores exceto minha convicção de que quando é preciso suportar a dor, um pouco de simpatia humana tem mais valor do que muito conhecimento, um pouco de simpatia tem mais valor do que muita coragem, e a menor expressão do amor de Deus supera tudo. (*O Problema do Sofrimento*, p. 7-8)

De fato, desde menino, Lewis teve sua vida marcada pela dor. A morte de sua mãe, quando ele tinha 10 anos de idade, não foi uma experiência realmente religiosa,[6] mas certamente tão negativa que acabou infligindo nele um realismo cético, que o levou a abandonar o Cristianismo, depois de experiências escolares desastrosas sofridas num colégio interno da Inglaterra.

Naturalmente, seu pai levou muito tempo para se recuperar do ocorrido, projetando em Lewis e seu irmão mais velho, Warren, toda a sua amargura. Por outro lado, um efeito bom dessa experiência foi que juntos os meninos, que viriam a se tornar amigos por toda a vida, criaram *Boxen*, a história de um mundo muito

[6] "My mother's death was the occasion of what some (but not I) might regard as my first religious experience. When her case was pronounced hopeless I remembered what I had been taught; that prayers offered in faith would be granted. I accordingly set myself to produce by will-power a firm belief that my prayers for her recovery would be successful; and, as I thought, I achieved it. When nevertheless she died I shifted my ground and worked myself into a belief that there was to be a miracle. The interesting thing is that my disappointment produced no results beyond itself. The thing hadn't worked, but I was used to things not working, and I thought no more about it". (*Surprised by Joy*, p. 22)

semelhante ao de Nárnia, repleto de animais falantes. Além disso, a experiência também fez com que Lewis fizesse sua primeira constatação do fenômeno humano chamado "saudade" ou busca por "ser amado". Em suas reflexões posteriores à conversão madura ao Cristianismo, Lewis constata que essa busca arquetípica humana pela felicidade ou alegria (e, curiosamente, alegria ou *joy*, é também o nome de quem viria a ser a sra. Lewis, Joy Gresham), leva alguns poetas e muitos filósofos a falar de "Deus" e do "mundo".

Assim, a própria experiência de confronto com a morte inspirou Lewis a falar do "mundo" por meio da poesia, ao ingressar em sua carreira de escritor imaginário.[7] Mas, como tantos outros poetas e intelectuais, não resistiu por muito tempo a falar em "Deus".

Pieper já se admirava com esse fenômeno que faz com que as pessoas, diante da morte, comecem a falar de Deus e do mundo, coisa que, no dia-a-dia, nem de longe lhes passa pela cabeça. Começam mais precisamente a "filosofar" (embora nem sempre com autoridade). O filosofar é o ocupar-se propriamente das coisas do mundo, como nos explica Pieper (2001b):

[7] Exemplos das questões que, desde cedo, preocupavam Lewis encontram-se em seus poemas, como este: "Satan speaks I am Nature, the Mighty Mother, I am the law; ye have nonen other. I am the flower and the dewdorop fresh, I am the lust in your itching flesh. I am the battle's filth and strain, I am the widows's empty pain, I am the sea to smother your breath, I am the bomb, the falling death. I am the fact and the crushing reason to thwardt your fantasy's new-born treason. I am the spider making her net, I am the beast with jaws blood-wet. I am a wolf that ollows the sun And I will catch him ere day be done". (*Spirits in Bondage*, 1919, p. 3)

> Filosofar significa: dirigir o olhar a tudo aquilo que se nos depara e, num esforço de pensamento preciso e metodicamente disicplinado, suscitar a questão de seu significado último e fundamental. Alfred North Whitehead († 1947), o célebre filósofo da Universidade de Harvard, que foi ao mesmo tempo um dos fundadores da moderna Lógica Matemática (e em relação a quem, portanto, não se admite facilmente a suspeita de que não expressasse seu pensamento com suficiente precisão), afirmou em seus últimos anos de vida que a Filosofia simplesmente se ocupa da questão: What is all about? questão que indaga do todo e que quer saber o que o todo tem a ver com esta realidade concreta.

Filosofar, ou seja, falar sobre o *mundo* é prática dos filósofos de todos os tempos, de Platão a Heidegger; difícil mesmo é falar sobre Deus, especialmente para quem crê nele e o teme. Todavia, as pessoas simplesmente ignoram esse tipo de sentimento de reverência e respeito pelo caráter inefável do assunto, como Pascal mesmo já constatava em sua época:

> Fico surpreendido com a audácia com que algumas pessoas se encarregam de falar sobre Deus. Num tratado dirigido a ímpios, elas começam com um capítulo provando a existência de Deus mediante as obras da Natureza [...] isso apenas confere aos leitores base para pensar que as provas de nossa religião são muito fracas [...]. É notável o fato de que nenhum escritor canônico jamais fez uso da Natureza para provar Deus. (*O Problema do Sofrimento*, p. 9)

E a inexauribilidade que envolve o bem numa aura de mistério também se aplica, de uma certa forma, ao mau, embora o tipo de mistério e a magia por este espalhados pelo mundo sejam de natureza totalmente diver-

sa dos do bem, uma vez que infunde no mundo medo, vazio e padecimento fortuito.

No prefácio a *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, Lewis — que não se considerava teólogo, mas era reconhecido como tal por religiosos e por especialistas em teologia, por causa de trechos como o que citamos a seguir — apresenta dois tipos de reação diante do mal:

> Existem dois erros iguais e opostos em que recai nossa raça no que toca aos diabos. Um é descrer de sua existência, outro é crer nela e ter por eles um interesse excessivo e malsão. Eles próprios ficam igualmente satisfeitos com ambos esses erros e saúdam com o mesmo prazer um materialista e um mágico. (p. 15)

Como dizíamos, seu orientador e amigo Owen Barfield classificava a obra de Lewis de acordo com três fases do autor: a do distinto crítico literário, a do escritor ficcional de grande sucesso (seu "homem imaginativo") e a do apologeta cristão e eloqüente orador de programas de rádio. Mas, de acordo com o próprio Lewis, o seu homem "imaginativo" era o mais amadurecido:

> O homem imaginativo em mim é mais velho, mais continuamente operativo e, nesse sentido, mais fundamental do que qualquer um dos outros, o religioso e o crítico. Ele me fez, pela primeira vez, aventurar-me como poeta. Ele é que, numa réplica à poesia dos outros, tornou-me um crítico e, em defesa a essa réplica, tornou-me muitas vezes um crítico paradoxal. Foi ele que, após a minha conversão, levou-me a encarnar minha fé religiosa em formas simbólicas ou mitopoéticas de um *screwtape*, até um tipo de ficção científica teológica. E é claro que foi ele que me levou, nos últimos anos, a escrever a série de contos narnianos, destinados a crianças; não porque eu estivesse preocupado com o que elas *queriam ouvir*, o que me comprometeria a fazer adaptações (o que felizmente não foi necessário [...]), mas porque o conto de fadas foi o melhor gênero literário que eu encontrei para expressar o que pretendia dizer.[8]

Como se vê, a valorização da ficção literária (sobretudo em forma de conto infantil) e do mito é uma constante lewisiana, presente em *Dymer* e *Spirits in Bondage* e que se prolonga até a sua última carta, escrita para uma criança, com dicas de como apreciar ou escrever bem uma obra de ficção.

Em *The Allegory of Love* (1936), Lewis já revelava sua preferência pela ficção. Concentrado nas relações entre a literatura medieval e o amor cortês, este livro é considerado um dos seus maiores trabalhos de crítica literária.

Para além de suas incursões filosófico-literárias-históricas, na prática Lewis ficou mais conhecido e consagrado pelas questões morais e religiosas que colocava em jogo, de forma análoga, nas suas obras de ficção escritas na sua fase madura.

---

[8] "The imaginative man in me is older, more continuously operative, and in that sense more basic than either the religious writer or the critic. It was he who made me first attempt (with little success) to be a poet. It was he who, in response to the poetry of others, made me a critic and, in defense of the that response, sometimes made me a critical controversialist. It was he who, after my conversion, led me to embody my religious belief in symbolical or mythopoetic forms, ranging from Screwtape to a kind of theologized science-fiction. And it was of course he who has brought me, in the last few years to write the series of Narnian stories for children; not asking what children want and then endeavoring to adapt myself (this was not needed) but because the fairy-tale was the genre best fitted for what I wanted to say." (Hooper, 1993, p. 444).

Cartas de um Diabo a seu Aprendiz (1942), seu primeiro *best-seller* — uma sátira, na qual um diabo-mor escreve cartas a um diabinho (com instruções de como melhor levar seu paciente humano ao mau caminho, que Lewis confessa ter escrito com facilidade, mas pouco gosto) — é obra mundialmente reconhecida e citada como grande modelo de ensaio, escrita em forma de carta.

Aos 40 anos de idade, Lewis até aventurou-se a escrever ficção científica. Em *Out of the Silent Planet* (1938), o famoso filologista, dr. Ransom, é seqüestrado e transportado em uma nave espacial para o planeta vermelho, Macalandra. Lá ele escapa e conhece os habitantes, que aprende a amar, enfrentando grandes perigos por eles.

Na segunda obra da série, *Perelandra* (1943),[9] considerada a melhor demonstração do talento descritivo do autor, o dr. Ransom continua sua batalha em um mundo novo, ainda não decaído, e evita que "Eva" recaia no equívoco do mal. Essa obra tematiza essencialmente a problemática do que popularmente se denomina "tentação".

Finalmente, em *That Hideous Strength* (1945), o dr. Ransom consegue frustrar um plano de ataque contra a Terra, discutindo a ética na ciência. Com essas obras, Lewis levanta, de uma forma sutil e forte, as mesmas questões da doutrina cristã, discutidas mais profundamente em *Cristianismo Puro e Simples* (1952) e *Milagres* (1947).

[9] Após a publicação dessa obra, Lewis é citado ao lado de eminentes autores, tais como H. G. Wells (entre outras famosas obras, esse autor criou *The Time Machine*, 1895; *The Invisible Man*, 1897 e *The First Men in the Moon*, 1901), Olaf Stapledon (*Last and First Men*, 1930), Aldous Huxley (*Brave New World*, 1932) e George Orwell (*Nineteen Eighty-four*, 1949). Em 1947 Lewis aparece na capa da revista *Times*, em conseqüência do sucesso de *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*.

Já as *Crônicas de Nárnia* são hoje citadas lado a lado com obras de literatura infantil tão famosas quanto *O Pequeno Príncipe*, entre outras reconhecidas obras direcionadas ao público infantil.

A plenitude da maturidade de Lewis pode ser mais claramente reconhecida na sua já mencionada última carta, escrita para uma criança, em que comenta que as crianças logo percebem quem é Aslam, coisa que os adultos raramente conseguem. Essa observação expressa em profundidade a tese fundamental da vida e da obra desse importante autor, cuja especialidade principal, a busca por *joy*, levada às últimas conseqüências, acaba no *amor*, temática central de *Os Quatro Amores*.

1

A ANTROPOLOGIA CRISTÃ DE *O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*: COMENTÁRIOS PRELIMINARES

Nas páginas a seguir apresentaremos — de um modo um tanto casual — pontos considerados importantes da visão de mundo cristã lewisiana,[1] que são apresentados ao leitor de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* em forma de conto e que esmiuçaremos mais adiante; quase uma colagem dos principais temas bíblicos e teológicos que ocorrem em *LF*. Somente a partir daí já se pode avaliar o imenso potencial pedagógico da parábola lewisiana.

A GRAÇA QUE ACONTECE

Nossa primeira nota refere-se ao tema central do Cristianismo, a graça, que se apresenta já no primeiro parágrafo de *LF*: "Era uma vez duas meninas e dois meninos: Susana, Lúcia, Pedro e Edmundo. Esta história nos conta o que lhes aconteceu...".[2]

Após o tradicional "Era uma vez..." *LF* apresenta-se como uma grande parábola da redenção. Redenção — este é um tema constante na Bíblia, em Lewis e no *LF* —

---

[1] Que devemos, em grande parte, a Luiz Jean Lauand, que não só sugeriu diversos temas, como indicou-nos sua localização bíblica.

[2] No original inglês, lemos: "Once there were four children whose names were Peter, Susan, Edmund and Lucy. This story is about something that happened to them..." (*The Lion, the Witch and the Wardrobe*, 1950, p. 1)

é "graça" ("de graça" — gratuita): iniciativa divina da qual o homem é beneficiário. Isso se expressa de modo altamente sugestivo já no primeiro parágrafo de *LF*: "*something that happened to them*". *Happen* é o que "acontece", à margem da iniciativa do sujeito.

O agir de Deus — tal como os contos de fadas — é, por assim dizer, indevido, gratuito, "acontece": daí que o conto de fadas seja um modo apropriado de espelhar a teologia (servindo-lhe de "modelo").

O *Oxford English Dictionary* registra, nesse sentido, que *happen* procede etimologicamente de *hap* (*fortune — good or bad — that falls to anyone*); daí também *perhaps* e, por especialização, *happy* (feliz) e *happiness* (felicidade). Há um certo paralelismo em português com a tríade: ventura, aventura, venturoso. A redenção e o encontro com Aslam acontecem por iniciativa dEle. Nárnia, como a graça, não depende de nós, somente de Aslam. Aliás, Nárnia só acontece mesmo quando não se está procurando por ela. Daí que *LF* termine afirmando:

> Mas não tentem seguir o mesmo caminho duas vezes. (*LF*, p. 166)[3]

Isso pode muito bem ser comparado ao que se lê em Lucas a respeito da vinda do Filho do Homem.[4] Em outras palavras, é dito o seguinte: o Senhor vem quando menos se espera. Este é um dos temas centrais da pedagogia cristã de *LF*: a dialética "graça" — "cooperação humana", um dos mais polêmicos temas do pensamento cristão da atualidade.

[3] "But don't go trying to use the same route twice. Indeed, don't try to get there at all. It'll happen when you're not looking for it." (ibidem, p. 206)

[4] Lucas 12.40 e 12.46. Em Mateus 24.50 é dito o mesmo.

INGRESSANDO EM NÁRNIA

No primeiro capítulo de *LF*, Lúcia entra em um velho guarda-roupa e, por entre velhos casacos, acaba descobrindo uma floresta encantada. Uma posição explícita de Lewis a respeito da doutrina da graça e da medida da cooperação humana com as iniciativas divinas encontra-se, por exemplo, no começo do capítulo "Caridade" em *Os Quatro Amores*, em que Lewis aplica a metáfora do cultivo de um jardim:

> Não é desprezo pelo jardim dizer-lhe que não poderá tirar sozinho as ervas daninhas nem podar as árvores frutíferas ou colocar uma cerca ao seu redor, ou mesmo cortar a grama. Um jardim é uma coisa boa, mas essa não é a espécie de bondade que ele possui, pois permanecerá um jardim, distinto de uma selva somente se alguém fizer todas essas coisas para ele. Sua verdadeira glória é de um tipo muito diferente. O próprio fato de necessitar cuidados constantes dá testemunho dessa glória. Ele fervilha cada hora de um dia de verão belezas que o homem jamais poderia ter criado nem mesmo imaginado com seus próprios recursos. Se você quiser ver a diferença entre a contribuição dele e a do jardineiro, coloque o mato mais comum que nele cresce lado a lado com as enxadas, ancinhos, tesouras de podar e pacote de inseticida; você colocou beleza, energia e fecundidade ao lado de coisas mortas, estéreis. Assim também a nossa decência e bom senso se mostram cinzas e cadavéricos ao lado da genialidade do amor. E quando o jardim se encontra em plena glória, as contribuições do jardineiro para essa glória continuarão desprezíveis quando comparadas às da natureza. Sem a vida brotando da terra, sem a chuva, a luz e o calor des-

cendo do céu, ele nada poderia fazer. Depois de ter feito tudo, simplesmente encorajou aqui e desencorajou ali poderes e belezas de uma fonte diferente. A sua contribuição, porém, embora pequena, é indispensável e laboriosa. Quando Deus plantou um jardim, Ele colocou um homem sobre o mesmo e este debaixo das suas ordens. Quando Ele plantou o jardim da nossa natureza e fez com que amores brotassem e frutificassem nele, estabeleceu que "cuidássemos" deles. Comparada com os mesmos ela é seca e fria e, a não ser que a graça divina desça, com a chuva e o sol, usaremos em vão esse instrumento. Mas os seus serviços laboriosos e, na maioria negativos, são indispensáveis. Se eles foram necessários enquanto o jardim era ainda paradisíaco, quanto mais agora, quando o solo se contaminou e as piores espécies de ervas daninhas parecem crescer alegremente nele. Mas não permita o céu que labutemos com espírito de presunção e estoicismo. Enquanto ceifamos e podamos, sabemos muito bem que aquilo em que estamos trabalhando está cheio de um esplendor e vitalidade que nossa vontade racional jamais poderia ter suprido por si mesma. Liberar esse esplendor, fazer com que se torne completamente aquilo que está tentando ser, obter apenas árvores altas em lugar de moitas emaranhadas, e maçãs doces em lugar de azedas, é parte de nosso propósito. (*Os Quatro Amores*, p. 91-92)

Isto é, a graça é algo tão gratuito quanto um bosque selvagem, mas ao mesmo tempo tão planejado e cheio de sentido quanto um jardim cultivado. Portanto, a graça é algo que simplesmente acontece, como acontece a aprendizagem, sem pedir licença a ninguém. G. K. Chesterton, que pode ser considerado autor correlato a Lewis no que diz respeito à filosofia da educação pelos contos

de fadas (*The Ethics of Elfland*), recomenda, numa fórmula muito semelhante, colocar o senso comum lado a lado com a decência e deixar Deus iluminar ambos com Sua mente. Essa é a moral dos contos de fadas, magistralmente descrita por Chesterton. E é nessa filosofia que radica boa parte da "filosofia da educação" narniana:

> O mundo dos contos de fadas não passa do país ensolarado do senso comum. Não é a Terra que julga os céus, os céus é que julgam a Terra; assim, ao que me parece, não foi a Terra que censurou o reino das fadas, o reino das fadas é que censurou a Terra. Eu já conhecia a linguagem dos feijões mágicos, antes mesmo de ter comido feijão; tinha certeza do homem na Lua, antes de ter certeza da Lua. E isso concorda com toda tradição popular. Os poetas menores modernos são naturalistas e falam dos bosques ou riachos; mas os repentistas de velhos épicos e fábulas eram sobrenaturalistas e falavam dos deuses dos rios e bosques. É a isso que se referem os modernos, quando afirmam que os antigos não "apreciavam a natureza", porque diziam que a Natureza era divina. As velhas babás não falam da grama às crianças, elas falam das fadas, que dançam no gramado; e os gregos antigos também não enxergavam as árvores, de tantas dríades. (Chesterton, s.d.)

Em resumo, o que Chesterton diz é: A babá que narra os contos de fadas é a guardiã da tradição e da própria universalização democrática do conhecimento. Nada há de mais plausível e confiável do que os contos de fadas. O "senso comum" que a academia detesta, mas a tradição insiste em preservar, é um antídoto contra essa fantasia monstruosamente errada que é o racionalismo.[5]

---

[5] Outra nota interessante de Chesterton a esse respeito é o que também ensinam os contos de fadas desde o Jardim de Infância. Tudo que é exagerado

Para retornarmos a *LF* existe aqui ainda uma clara associação possível com uma metáfora paulina. Em 1 Coríntios 3.6 et seq. lemos: "Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer". E em 1 Coríntios 3.9: "sois campo de cultivo de Deus".

Quer dizer, o homem, e até os seus deuses ou sua imaginação, participam e, até certo ponto, imitam a atuação de Deus na natureza e até de sua redenção ou recriação, mas é somente de Deus, o *Primum Mobile* do mundo, que vem o poder supremo, a inspiração e o sentido transcendentais.

A BUSCA (*LONGING*) HUMANA POR RECONCILIAÇÃO

No segundo capítulo de *LF*, o fauno chama Lúcia de "filha de Eva". Esse tratamento não é bíblico, mas "Filho de Adão" (com que os personagens de Nárnia se dirigem aos meninos) faz, ainda hoje, parte da tradição semita. Na Bíblia, o livro dos Salmos — e, por exemplo, Eclesiástico 40.1 — emprega freqüentemente essa fórmula, tanto no plural quanto no singular (Salmo 8.5; Salmo 11.4; Salmo 12.2 etc.).

Logo em seguida, com delicioso senso de humor, Lewis dá uma reviravolta em nossos preconceitos e apre-

leva ao fanatismo, mas há coisas que simplesmente "não podem" ser exageradas: "I generally learnt it from a nurse; that is, from the solemn and star-appointed priestess at once of democracy and tradition. The things I believed most then, the things I believe most now, are the things called fairy tales. They seem to me to be the entirely reasonable things. They are not fantasies: compared with them other things are fantastic. Compared with them religion and rationalism are both abnormal, though religion is abnormally right and rationalism abnormally wrong". (Chesterton, s.d.)

senta o fauno estranhando ver uma humana... Mas logo se faz íntimo dela, confiando-lhe os mistérios mais profundos de Nárnia e contando-lhe a respeito da causadora do eterno inverno:

> — Mas quem é a Feiticeira Branca?
> — Ora, é ela quem manda na terra de Nárnia. Por causa dela aqui é sempre inverno. Sempre inverno e nunca Natal. Imagine só!
> — Que horror! — exclamou Lúcia. (*LF*, p. 26)

É sempre inverno em Nárnia. A metáfora — da frieza, da rigidez e da esterilidade do pecado — além de totalmente bíblica,[6] fala por si. Tocamos aqui em um dos pontos principais da parábola lewisiana: o pecado afeta (estraga) não só a alma, mas também a criação, como vemos em *Perelandra* (1943), a já mencionada segunda série da famosa trilogia espacial, na qual o dr. Ransom, filólogo inglês, é seqüestrado para Marte (*Malacandra*) na nave de um cientista adepto do materialismo. Lá ele encontra diversos seres racionais e espíritos puros, e chega a conhecer sua bondade natural, uma sensibilidade ética já rara na Terra (*Thulcandra*), planeta isolado do universo e do diálogo com Deus. Em *Perelandra* (Vênus), Ransom recebe a missão de salvar uma dama, a nova Eva, e ajudá-la a encontrar o Rei, restaurando a razão de ser desse lugar que é a de preservação da esperança da vida eterna. O mal, em contrapartida, quando chega, começa por destruir a criação de Perelandra. Então, Maleldil, a imagem de Cristo, é anunciado:

6 "Porque foste um refúgio para o fraco e um refúgio para o indigente na sua angústia; um abrigo contra chuva e uma sombra contra o calor." (Isaías 25.4) "Vê o inverno! Já Passou!" (Cântico dos Cânticos 2.11A)

— Agora nós sabemos estas coisas — disse o Rei ao perceber a hesitação de Ransom. — Tudo isto, tudo que aconteceu em seu mundo, Maleldil já colocou em nossa mente. Nós aprendemos tudo a respeito do mal, embora não como o Maligno desejava que aprendêssemos. Aprendemos de um modo muito melhor, e sabemos mais, porque é despertando que se compreende o sono e não pelo sono que se entende o despertar. Existe uma ignorância do mal que decorre do fato de sermos jovens; e existe a ignorância mais escura que decorre da prática dele, como os homens que dormem e perdem a consciência do sono. Vocês de Tulcandra são mais ignorantes a respeito do mal agora do que quando seu senhor e senhora começaram a praticá-lo. Mas Maleldil nos trouxe para fora do primeiro tipo de ignorância, e no outro não chegamos a entrar. Foi através do próprio Maligno que ele nos livrou da primeira. Mal sabia aquela mente negra o verdadeiro serviço que realmente prestava a Perelandra. ... é — continuou o Rei meditativamente —, embora o homem tenha que nascer com duas partes... e embora metade dele tenha que voltar para a terra [...] a metade viva deve seguir Maleldil. Pois se ela também caísse e se tornasse pó, que esperança haveria para o todo? E, enquanto uma parte está viva, através dela, Ele pode comunicar vida à outra. (*Perelandra*, 1978, p. 267 et seq.)

O Rei então antevê o futuro negro de Perelandra, que segue o exemplo da Terra. O Rei conclui simplesmente que Maleldil irá vencer, no final das contas. Note-se no trecho a seguir que "campos do Arbol" são o Paraíso, e Oyarsa são os anjos decaídos de Perelandra:

O cerco de seu mundo será suspenso. A mancha negra será apagada, antes que o verdadeiro começo tenha início. Naqueles dias, Maleldil irá à guerra — em nós ... Ele descerá a Tulcandra. Alguns de nós irão antes. Ocorre-me o pensamento agora, Malacandra, que você e eu estamos entre estes. Nós cairemos sobre sua lua, onde existe um mal secreto, que é como o escudo do senhor negro de Tulcandra — marcado por muitos golpes. Nós a quebraremos. Sua luz será apagada. Seus fragmentos cairão em seu mundo e os mares e a fumaça se elevará. E os habitantes de Tulcandra não mais verão a luz de Arbol. E quando Maleldil se aproximar, as coisas más de seu mundo se revelarão, despidas de seus disfarces, de modo que as pragas e os horrores cobrirão suas terras e seus mares. Mas, no fim, tudo será purificado, e até mesmo a lembrança do Oyarsa Negro será apagada, e seu mundo será belo e doce, e voltará ao Campo de Arbol, e seu verdadeiro nome será ouvido novamente. (*Perelandra*, 1943, p. 271 et seq.)

Esse episódio lembra muito a situação embaraçosa, de "sempre inverno e nunca Natal", vivida em Nárnia. São inaparentes "sutilezas" como essa que fundamentam a compreensão deste importante conceito filosófico-teológico presente em *LF*: a rebelião (do pecado) contra Aslam afeta não só os espíritos puros (Lúcifer, o poder sobre-humano do mal, personificado na feiticeira) e o homem (cuja natureza foi abalada pelo pecado), mas a própria criação como um todo (é sempre inverno em Nárnia), que anseia por redenção.

É a essa mesma situação que Paulo nos remete no capítulo 8 de Romanos:

Pois sabemos que toda a criação até agora geme e sente dores de parto. E não somente ela mas também nós que temos as primícias do Espírito gememos dentro de nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção de nosso cor-

> po. Porque em esperança estamos salvos, pois a esperança que se vê já não é esperança. Porque aquilo que alguém vê, como há de esperar? Se esperamos o que não vemos é em paciência que esperamos. Também o Espírito vem em auxílio de nossa fraqueza porque não sabemos pedir o que nos convém. O próprio Espírito é que advoga por nós com gemidos inefáveis, e aquele que esquadrinha os corações sabe qual o desejo do Espírito porque ele intercede pelos santos segundo Deus. Nós sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, dos que são eleitos segundo seus desígnios. Os que de antemão conheceu, também predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho, para que este seja o primogênito de muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou. E aos que chamou, também justificou. E aos que justificou, a esses também glorificou. (Romanos 8.22 et seq.)

E, no capítulo 1 de Colossenses, Paulo revela esse mesmo propósito reconciliador de Cristo para a humanidade:

> Aprouve a Deus fazer habitar nele a plenitude e por ele reconciliar tudo para ele, pacificando pelo sangue de sua cruz todas as coisas, assim as da terra como as do céu. (Colossenses 1.19 et seq.)

Na verdade, este é um dos pontos mais profundos da concepção pedagógica de Lewis: se é que estamos à procura de educação cristã subjacente a *LF*, como é o nosso propósito neste estudo, que outra finalidade pode ter essa educação, a não ser a cooperação com esse grande projeto de reconciliação da humanidade com Deus, por meio de Cristo e da Terra, incluindo todo o conhecimento,

ciência e arte que o homem acumulou na e sobre a Terra? Uma visão como essa certamente revolucionaria todo o currículo de uma educação que se pretende cristã.

A LÓGICA DO BEM E DO MAL

Para compreendermos melhor a lógica que subjaz ao "eterno inverno" e ao "manjar turco" (que tem o poder de estragar o verdadeiro sabor de todos os demais alimentos, por mais saborosos que sejam), citaremos novamente aquela conhecida passagem de *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, em que Screwtape explica que o prazer e o vinho são do Inimigo. Este é claramente um manifesto antimaniqueu: o pecado torna a vida sem graça. Entre o bem e o mal não há acordo ou concordância possível, não há simetria. Sabendo que está do lado mais fraco, o mal então tenta levar o homem ao vício. Já o bem procede de forma muito diferente: quando ele vem, desfaz toda confusão criada pelo "dia-bolos" (aquele que confunde e complica toda a vida):

> Dá-se o mesmo com os outros desejos da carne. Você terá melhor ensejo de tornar seu homem um bêbado inveterado se o empurrar à bebida como a um anódito, ao vê-lo cansado e insensível, do que se o encorajar a tomá-la a fim de realçar a alegria, quando está feliz e expansivo entre os amigos. Jamais esqueça: ao lidarmos com qualquer prazer em sua forma saudável, natural e satisfatória, sempre estamos, em certo sentido, no campo do Inimigo. Bem sei que ganhamos muitas almas pelo prazer. Mesmo assim, é invenção dEle, não nossa. Foi ele quem os fez, e todas as nossas pesquisas, até o dia de hoje, não consegui-

ram produzir nenhum. Só o que nos resta é encorajar os humanos a aceitarem os prazeres que o Inimigo produziu, em tempo, modos e graus por Ele proibidos. Por isso tratamos de trabalhar o prazer, afastando-o de sua condição natural para aquela em que ele o é menos e em que parece pouco impregnado de seu Criador e menos agradável. Ânsia sempre crescente por um prazer sempre decrescente, eis a fórmula. (*Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, p. 44)[7]

Ou seja, o mal (ou o mau...) tem um poder real que até Deus respeita! O próprio Cristo fala do detentor do poder do mal como o "príncipe deste mundo" (naturalmente a estratégia da feiticeira pode ser equiparada a diversas outras passagens de *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*):

Agora é o julgamento deste mundo. Agora o príncipe deste mundo será lançado fora. (João 12.31)
Já não falarei muito convosco, porque vem o príncipe do mundo. Ele não tem nenhum poder sobre mim. (João 14.30)
Convencerá do que é pecado, porque não creram em mim, do que é justiça, porque vou para o Pai e já não me vereis; do que é julgamento, porque o príncipe deste mundo já está condenado. (João 16.11 et seq.)
E vós estáveis mortos por vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo a maneira de viver deste mundo, sob o príncipe das potestades do ar, sob o espírito que atua nos filhos rebeldes. (Efésios 2.1 et seq.)

Outro trecho que mostra, de forma evidente, a seriedade e urgência de se denunciar a lógica maligna da "ma-

[7] Esse trecho é fundamental ainda para a compreensão do nosso capítulo sobre a "Ética dos Contos de Fadas" e "Lei Natural".

gia profunda", é aquele em que o próprio fauno confessa o que abriga nos recantos mais obscuros e ocultos do seu coração, quando revela as suas verdadeiras intenções a Lúcia:

— A criança é você. A ordem da Feiticeira Branca foi esta: se alguma vez eu visse um Filho de Adão ou uma Filha de Eva no bosque, deveria atraí-los e entregar para ela. Você foi a primeira que eu encontrei. Fingi que era muito seu amigo, convidei-a para tomar chá, esperando que você adormecesse; aí, eu iria contar para ela...
— Oh, não faça uma coisa dessas, Sr. Tumnus! Não! O senhor nunca deve fazer isso.
— Mas nesse caso — e ele recomeçou a chorar —, ela vai descobrir tudo. E vai mandar que me cortem a cauda, serrem meus chifres, arranquem minha barba. Com a vara de condão é capaz de transformar meus bonitos cascos fendidos em horrendos cascos de cavalo. Mas, se estiver zangada mesmo, é capaz de me transformar em estátua de fauno. Vou ficar naquela casa horrível, até que os quatro tronos de Cair Paravel sejam ocupados... Sabe-se lá quando isso vai acontecer. (*LF*, p. 27)

Estamos lidando aqui com o importante tema da traição, que na Bíblia está sempre intimamente ligado à morte, e que pode ser comparado ao seguinte trecho bíblico:

A morte, porém, por inveja do diabo entrou no mundo, e a experimentarão os que a ele pertencem. (Sabedoria 2.24)

O eterno inverno entrou em Nárnia por meio da Feiticeira Branca, que contava com os poderosos exércitos de Nárnia, que agiam como "espiões". De acordo com o fauno:

> O bosque está cheio de espiões. Existem até árvores ao lado dela. (*LF*, p. 28)

Apesar ou até precisamente por não ser dualista é que a imagem de Aslam é tão misteriosa e digna de admiração. O não-dualismo é igualmente bíblico. Em 1 Pe 5.8 há uma passagem que fala que o diabo anda rondando como leão que busca a quem devorar. Se compararmos uma passagem à outra, notaremos que "Leão", na Bíblia, pode ser tanto imagem de Cristo quanto do diabo. Em Lewis não há simetria entre o bem e o mal. Nesse ponto Lewis se mostra novamente totalmente tomista. Um exemplo disso encontra-se na cena em que Lúcia se despede do fauno, dizendo:

> Está perdoado... Só espero que não lhe aconteça nada de mal por minha causa. (ibidem, p. 29)

Parece que estamos diante de uma daquelas profecias bíblicas, como a que se encontra em Eclesiástico 10.14: "Derrubará os príncipes e porá no trono os mansos" e "Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou". (Lucas 1.52). No final da história, o fauno que inicialmente pareceu tão "mau" participa da libertação de Nárnia. O mesmo se aplica à figura de Edmundo, que se redime no final da história.

A PEDAGOGIA DA PARÁBOLA

Outra observação importante pode ser feita a respeito do primeiro encontro de Edmundo com a feiticeira, que podemos observar neste trecho:

> — Alto! — disse a dama, e o anão deu um puxão tão forte que as renas quase caíram sentadas. Depois ficaram a morder os freios, arquejantes. No ar gelado, o bafo que lhes saía das narinas parecia fumaça.
> — Ei, você! O que é você? — perguntou a dama, cravando os olhos em Edmundo.
> — Eu... eu... meu nome é Edmundo — respondeu ele, meio atrapalhado. Não estava gostando nada do jeito dela. A dama franziu as sobrancelhas:
> — É assim que você fala a uma rainha?
> — Perdão, Majestade, mas eu não sabia.
> — Não conhece a rainha de Nárnia!? — exclamou ela, mais severa. — Pois vai passar a me conhecer daqui por diante. Repito: o que é você?
> — Queira desculpar, Majestade. Não estou sabendo o que a senhora quer dizer. Eu ainda estou na escola... pelo menos estava... agora estou de férias. (*LF*, p. 38)

Edmundo justifica sua falta de conhecimento dos nomes e das formalidades de Nárnia, por "ainda estar na escola". Aqui Lewis já está criticando o sistema escolar britânico rígido e formalista do seu tempo. Para ele, o melhor método de ensino não é o dos nomes e das formalidades, mas dos exemplos, que deve ser aplicado como princípio comum unificador dos contos de fadas, mitos, parábolas, provérbios etc. Quando tudo parece falhar, quando, como pesquisas mostram, o tempo de permanência das crianças na escola parece não melhorar, mas até piorar o desempenho lógico e lingüístico delas, esse é momento certo de reavaliarmos as propostas de ensino e as metodologias modernas e contemporâneas, de cunho formalista ou racionalista, que pretendem aplicar uma linguagem abstrata e uma filosofia relativista, que acaba sempre no já mencionado dualismo, ao invés de aproveitar a linguagem universal dos contos de fadas.

Outro nome adequado para essa "pedagogia lewisiana" — de sabor profundamente evangélico — é a "parábola"[8] que é o que melhor traduz, no caso, o *mashal* semita, usado pelo próprio Cristo. E, quanto ao papel do pensamento em *mashal* (da parábola, da metáfora) na educação cristã, é conveniente recordar que o próprio Cristo "não falava senão em *mashalym* (parábolas)".[9]

[8] Na Bíblia, essa pedagogia é descrita em Mateus 13.34, Marcos 4.34 e Lucas 8.10.

[9] Quanto a essa pedagogia Lauand (1995a, p. 100 et seq.) comenta: "Para uma aproximação concreta da riqueza de conteúdo desse conceito, comecemos exemplificando com um contexto familiar, o da Bíblia. Nela, o uso de *mathal* (ou seu equivalente *mashal*, da raiz *M-Sh-L*) é empregado em situações, para o leitor ocidental, muito variadas. Assim, numa edição árabe da Bíblia, encontraremos, com toda a naturalidade, a seguinte gama de significados (entre outros) em torno de *mathal*: a) Provérbio. É o sentido mais usual (já o 'Livro dos Provérbios' é '*Kitab al-Amthal*') e, entre tantos outros, encontraremos, por exemplo, em 1 Sm 24.14 'Como diz o antigo provérbio (*mathal*): 'Dos ímpios procede a impiedade...' b) Sátira, objeto de escárnio. Como no caso de Jó que, em extrema desgraça, derrama-se em lamentações e diz 'Tornei-me objeto de sátira entre o povo (*mathalan al-shu'ubi*), alguém sobre o qual se cospe no rosto' (Jó 17, 6). Naturalmente, não nos seria imediatamente compreensível uma tradução como a da edição em castelhano da BJE: '*Me he hecho yo proverbio (!?) de las gentes, alguien a quien escupen en la cara*'. A mesma expressão (*mathal al-shu 'ubi*), no mesmo sentido, aparece também, por exemplo, em Dt 28.37etc. c) Escarmento, exemplo de castigo. Assim, em Ezequiel (14.8), Iahweh, irado com a infidelidade, lança a ameaça contra o idólatra: será extirpado do meio do povo e dar-lhe-á castigo exemplar. Embora preserve o sabor semita do original, do ponto de vista da linguagem comum é um tanto descabida, para nós, uma tradução como a da BJE: 'Porei o meu rosto contra esse homem, *farei dele um sinal e um provérbio* (!?) [...]'. Já o árabe *ayatan wa mathalan* é perfeitamente adequado (*ayat* significa sinal). d) exemplo, ideal a ser seguido. Como em Jó 13.15: 'Dou-vos o exemplo (*A'tikum mathalan...*) para que, como eu o fiz, também vós o façais)'. e) Parábola. Como em Mt 21.33: 'Escutai outra parábola (*Ismaú mathalan akhra...*). Havia um proprietário que plantou a vinha etc.' f) Comparação. Usa-se *mathal*, mesmo que não haja estrutura narrativa (própria da parábola). Assim, em Mt 13.31 et seq., após as parábolas que narram o destino das sementes do semeador e a história do joio e do trigo, Cristo propõe 'outro *mathal*, que é mera comparação (sem enredo narrativo): o reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda, que é a menor de todas as sementes [...]. Como também o imediatamente seguinte (também introduzido por '*Qal lahum mathalna akhr:...*': o reino dos céus é semelhante ao fermento que atua sobre a massa... Nessa mesma linha, está o mathal (Mt 24.32) dos sinais, indícios: 'Aprendei da figueira esta parábola (!?) (*mathal*) quando o seu ramo se torna tenro e as suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo (da mesma forma, será a vinda do Filho do Homem etc.)'. g) Fala velada, enigmática, obscura. Em João 16.25, Cristo declara aos discípulos: 'Disse-vos essas coisas por (*bi*) *amthal*... Já não vos falarei *bi amthal*, mas claramente falarei de Pai'. E, em Jo 16.29, os discípulos respondem: 'Eis que agora falas claramente ('*alanyatan*) e sem *mathal* algum'".

Um caso desses, particularmente importante para a compreensão de *LF* e de todas as *Crônicas de Nárnia*, é a alegoria evangélica da porta, "Eu sou a Porta":

> Eu sou a porta. Quem entrar por mim será salvo. Entrará e sairá e encontrará pastagem. (João 10.9)

Na Bíblia, a porta é alegoria da fé, como se pode ver neste trecho:

> Chegando lá, reuniram a Igreja e contaram tudo o que Deus tinha feito com eles e como havia aberto para os pagãos a porta da fé. (Atos 14.27)

E, em duas passagens especialmente "proféticas" da Bíblia, a porta é, respectivamente, a missão particular que Deus deu a cada um e o coração do homem:

> Eis o que diz o Santo, o Verdadeiro, que tem a chave de Davi, que abre e ninguém fecha, fecha e ninguém abre: Conheço tuas obras. Eis que pus diante de ti uma porta aberta que ninguém pode fechar. Pois, tendo pouca força, guardaste minha palavra e não negaste meu nome. (Apocalipse 3.7 et seq.)

> Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos juntos. (Apocalipse 3.20)

Quando Cristo bate à porta, ou nos sentimos maravilhados, ou trememos de medo, como no caso das crianças:

> Foi o que aconteceu. Ao ouvirem o nome de Aslam, os meninos sentiram que dentro deles algo vibrava intensamente. Para Edmundo, foi uma sensação de horror e mistério. Pedro sentiu-se de repente cheio de coragem. Para Susana foi como se um aroma delicioso ou uma linda ária musical pairasse no ar. Lúcia sentiu-se como quem acorda na primeira manhã de férias ou no princípio da primavera. (*LF*, p. 71)

O tema cristão do aroma, que aparece, por exemplo, em Provérbios 27.9, é assim discutido por Lauand (1995a, p. 297), a propósito de um provérbio semita:

> Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?
> [...]
> Note-se que, na indefectível e infinita imersão no concreto imaginativo do pensamento oriental, o comportamento é, antes de mais nada, associado ao aroma. O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais diz: *Min rihat umuhu* — ou *abuhu* —, do aroma de sua mãe (ou pai) e o apóstolo Paulo (2 Co 2.15) escreveu que os cristãos devem ser "*bonus Christi odor*". Assim, o *mathal* refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos, enquanto o ocidental é abstrato: "herança de berço", "má-criação", "má-educação" etc.

Vemos aqui a potencialidade e atração que une a parábola ao provérbio, igualmente empregada por Cristo

e por toda educação oriental, como bem descreve a Profa. Aida Hanania (1995, p. 53 et seq.):

> No conto, o que mais deve atrair é o enredo, pois o fundo sobreleva-se de certo modo à forma e justifica, basicamente, a arte do contador de histórias (Hakawati), quer na transmissão oral, quer na escrita.
> Realiza-se, muitas vezes, no âmbito do imponderável poético, em que o maravilhoso e o mistério ressaltam em imagens que nos trazem, inconfundivelmente, à lembrança a linguagem das Mil e Uma Noites. Outras vezes, apóia-se na realidade quotidiana, a partir de situações vividas pelo homem universal. Coroando o conto — fruto de uma mentalidade que busca no passado o aval do presente e do futuro — a sentença, a máxima, via de regra, o provérbio que endossam e ampliam uma verdade moral. Apelando à imaginação ou à vivência concreta, ao sonho ou à realidade, o conto tem a função educativa que se exerce mais imediatamente no plano da formação do caráter.

Nesse sentido, vale a pena recordar novamente a passagem de *Milagres* em que encontramos o "Rubicão" do Cristianismo: aquela adesão pessoal diante de um Deus pessoal, tema fundamental em Lewis:

> Os homens relutam em passar da noção de uma divindade abstrata e negativa para o Deus vivo. Não me surpreendo. Aqui se encontra a raiz principal e mais profunda do panteísmo e da objeção simbolista tradicional. Em análise final, o ódio não se dirigia ao fato de Ele ser retratado como Homem, mas porque o fizeram rei, ou mesmo um guerreiro. O Deus panteísta nada faz, nada exige. Ele está ali, quando o solicitam, como um livro numa

prateleira. Não irá persegui-lo. Não há perigo de o céu e a terra fugirem em momento algum de seu olhar. Se Ele fosse a verdade, poderíamos então dizer convictamente que todas as imagens cristãs de soberania não passam de um acidente histórico do qual nossa religião deveria ser purificada. Descobrimos com um choque que elas são indispensáveis. Você já teve surpresas assim antes, em relação a coisas menores — quando a linha puxa a sua mão, quando algo respira a seu lado no escuro. O mesmo acontece aqui; o choque se dá no exato momento em que a sensação de vida nos é comunicada juntamente com a pista que estivemos seguindo. É sempre chocante encontrar *vida* quando pensávamos estar sós. "veja!" gritamos, "está *vivo*!" E, portanto, este ponto onde muitos recuam — eu teria feito o mesmo se pudesse — afastando-se do Cristianismo. Um Deus 'impessoal' é bem aceito. Um Deus subjetivo de beleza, verdade e bondade, dentro de nossa cabeça — melhor ainda. Uma força de vida informe, surgindo através de nós um vasto poder que podemos deixar fluir — o melhor de tudo. Mas o próprio Deus, vivo, puxando do outro lado da corda, talvez se aproximando numa velocidade infinita, o caçador, rei, marido — isso é outra coisa muito diferente. Chega a hora em que as crianças que estavam brincando de bandido se aquietam de súbito: será que esse ruído é realmente de *passos* no vestíbulo? Chega a hora em que as pessoas que estiveram brincando com religião ("a busca de Deus pelo homem!") de repente recuam. E se na verdade O encontrássemos? Não foi essa a nossa intenção! Pior ainda, e se Ele nos encontrasse? Trata-se, portanto, de uma espécie de Rubicão. Nós o atravessamos ou não. Mas quem faz isso não pode proteger-se de forma alguma dos milagres. *Tudo* é possível. (*Milagres*, p. 88)

EXEMPLOS DE VIRTUDES E VÍCIOS EM NÁRNIA

Como se vê, as implicações pedagógicas de *LF* só podem ser de caráter ético. E as principais virtudes encontram-se no final da história, quando as crianças chegam à sua realização como seres humanos:

> Pedro ficou um homem alto e parrudo: foi chamado Pedro, o *Magnífico*. Susana virou uma mulher alta e esbelta, de cabelos negros que chegavam quase aos pés. Foi chamada Susana, a *Gentil*. Edmundo era mais grave e calado do que Pedro, muito *sábio* nos conselhos de Estado. E foi chamado de Edmundo, o *Justo*. Lúcia, esta continuou sempre com os mesmos cabelos dourados e a mesma alegria, e todos os príncipes desejavam que ela fosse a sua rainha. E foi chamada de Lúcia, a *Destemida*. (*LF*, p. 175 et seq., *grifo nosso*)

Os exemplos positivos em *LF*, digamos de magnificência e sabedoria, são, naturalmente, predominantes. O fauno, depois de convencer Lúcia a ir à sua caverna, chora e confessa sua má intenção, mas prefere virar estátua do que colocar em prática seu plano maldoso. O castor convida os meninos para jantar em sua própria casa. Ele se mostra sábio e prudente, quando percebe que não se deve mais perder tempo e quando repara na neve, que veio bem a tempo para encobrir os rastros que deixariam para trás.

Mas o maior exemplo é dado certamente (como sempre) pelo próprio Aslam:

> — Ouviu o que ele disse? Nós, os leões! Ele e eu! Nós, os leões! Por aí você vê por que eu gosto tanto de Aslam. Não se põe lá em cima, não é de bancar o importante. Nós, os leões! Ele e eu! (ibidem, p. 168)

Outro apelo à prudência está nas palavras de Aslam quando recomenda a Pedro sobre a melhor maneira de conduzir as operações:

> — Esqueceu de limpar a espada — disse o Leão. (*LF*, p. 128)
> "Deve colocar os centauros em tal parte", ou "Não esqueça suas sentinelas". (ibidem, p. 141)

Para citarmos uma só lição de companheirismo, basta lembrarmos daquela dada por Susana, quando as crianças resolvem ir atrás do fauno, mesmo enfrentando o frio do inverno:

> — Tem aqui dentro de mim uma coisa horrível dizendo que Lu está certa — disse Susana. — Mas, por mim, não dava nem mais um passo. Ah, se eu não tivesse vindo! Mas temos de fazer alguma coisa pelo Fauno. Seja lá o que for. (ibidem, p. 62)

Para citarmos mais um bom exemplo de valentia, lembremos quando o Castor enfrenta o anão — conselheiro da rainha:

> — Ah! — disse o Sr. Castor. — Já estou entendendo como você se arvorou em rainha... Você era o carrasco-mor do Imperador! (ibidem, p. 137)

Sem falar da nobreza de Lúcia, quando, no capítulo 3, ao invés de incriminar Edmundo e acusá-lo da sua desavergonhada falsidade diante dos irmãos, fica contente em vê-lo.

Semelhantemente Pedro, o Justo, pede humildes escusas e reconhece a razão de Lúcia:

> — Desculpe, se eu não acreditei. Quer fazer as pazes?
> — É claro. (*LF*, p. 58)

A feiticeira representa o "antiexemplo", mas usa o mesmo princípio e o conhecimento profundo das vicissitudes e fraquezas humanas sintetizadas na passagem do manjar turco:

> — Meu menininho — disse ela, com uma voz muito diferente. — Está gelado! Sente-se aqui no trenó, perto de mim; cubra-se com a minha manta. Vamos conversar um pouco.
> Edmundo não gostou muito do convite, mas não teve coragem de desobedecer. Pulou para o trenó, sentando-se aos pés da rainha, que colocou uma dobra da manta em torno dele.
> — Que tal uma bebidinha quente? Seria bom, não seria?
> — Seria, Majestade — respondeu Edmundo, batendo o queixo.
> Lá de dentro dos agasalhos, a rainha tirou uma garrafinha que parecia de cobre. Levantando o braço, deixou cair uma gota na neve. Edmundo viu a gota brilhar, como um diamante, durante um segundo no ar. Mas, no momento em que tocou na neve, produziu um som sibilante, e logo surgiu um copo cheio de um líquido fumegante. Imediatamente, o anão o apanhou, passando-o a Edmundo com uma reverência e um sorriso afável.
> Depois de ter começado a beber, Edmundo sentiu-se muito melhor. Era uma bebida que nunca tinha provado, muito doce e espumante, ao mesmo tempo espessa, que o aqueceu da cabeça aos pés.
> — Beber sem comer é triste, Filho de Adão — disse a rainha. — Que deseja comer?
> — Manjar turco, Majestade, por favor — disse Edmundo.

"Turkish Delight" is my [illegible]

> A rainha deixou cair sobre a neve outra gota da garrafa; no mesmo instante, apareceu uma caixa redonda, atada com uma fita de seda verde, que, ao se abrir, revelou alguns quilos do melhor manjar turco. Edmundo nunca tinha saboreado coisa mais deliciosa, tão gostosa e tão leve. Sentiu-se aquecido e bem-disposto.
> Enquanto ele comia, a rainha não cessava de fazer-lhe perguntas. A princípio, lembrou-se de que é feio falar com a boca cheia, mas logo se esqueceu, absorto na idéia de devorar a maior quantidade possível de manjar turco. E quanto mais comia, mais tinha vontade de comer. Nem quis saber por que razão a rainha era tão curiosa. Aos poucos, ela foi-lhe arrancando tudo: tinha um irmão e duas irmãs; uma das irmãs já conhecia Nárnia e tinha encontrado um fauno; ninguém mais a não ser ele, o irmão e as irmãs sabia da existência de Nárnia. Ela parecia especialmente interessada no fato de eles serem quatro, voltando sempre ao assunto. (*LF*, p. 40 et seq.)

Encontramos nesse trecho: autocompaixão, covardia, egoísmo, bebedeira, gulodice e falta de prudência, todas atitudes condenáveis pela Bíblia e pela ética cristã.[10]

O principal problema do vício é que traz consigo o medo. Um momento vicioso da própria feiticeira é aquele testemunhado por Lúcia:

> Lúcia viu, por um instante, a feiticeira fitando o Leão, cheia de medo. E logo a seguir os dois rolaram pelo chão. Ao mesmo tempo, os animais guerreiros (libertados por Aslam) caíram como loucos sobre o inimigo. Os anões lutavam com machados; os cães, com os dentes; Rumbacatamau, com o seu enorme cajado (sem falar nos pés, que esmagavam dezenas de inimigos); os unicórnios, com os chifres; os centauros, com as espadas e os cascos. O exausto exército de Pedro exultou com o reforço. Os inimigos guincharam. E foi um estrépito no bosque. (*LF*, p. 170)

[10] Sem pretendermos aprofundar aqui o assunto, basta citar o fato de que estudiosos de Lewis, como Holbrock, elaboraram interpretações restritas ao aspecto puramente sensual das personagens e imagens de *LF*.

Isso lembra fortemente ainda a passagem bíblica que diz que diante de Deus até os demônios tremem (Tiago 2.19). E quanto aos vícios, é interessante notar com que freqüência Lewis fala de "pés" na história. Normalmente eles representam coisas inferiores. Mas, é pelos pés que Aslam começa a descongelar as estátuas de pedra.

Quando Edmundo manda "acabarem com isso" parece estar dando uma lição de moral, quer ser um exemplo, mas, na verdade, é para encobrir o próprio sono e mau humor. O mesmo acontece quando a consciência de culpa dele se manifesta no episódio do manjar turco: "é feio falar com a boca cheia". (ibidem, p. 41)

Outro trecho interessante, do ponto de vista dos vícios, é quando o mau humor do anão (já acostumado com a feiticeira) o leva a discutir com a própria feiticeira, ao mesmo tempo que o impede de ousar pronunciar o nome de Aslam:

> — Que importância tem isso, agora que Ele chegou?
> O anão não tinha coragem de pronunciar o nome de Aslam na presença de sua senhora.
> — Pode ser que não fique aqui muito tempo. E então... cairíamos em cima dos três em Cair Paravel.
> — Seria melhor conservar este como refém — disse o anão, chutando Edmundo.

— Para que os outros venham salvá-lo? — replicou a feiticeira, com ar desdenhoso.
— Então o melhor é fazer logo o que se tem a fazer. (*LF*, p. 131)

Deus, por sua vez, lembra a aliança feita com o povo, movido pela mesma misericórdia e bondade que fez Cristo apagar todos os nossos pecados.

Um dos meios mais comuns empregados por Deus para dar esses "lembretes" ao homem, de acordo com a Bíblia, são os nomes.

Como se sabe, o significado dos nomes é muito importante para os judeus, como no mundo semita em geral. Por isso é que valorizam tanto a tradição oral e escrita e a cuidadosa escolha dos nomes.

> ... É tal a presença de semitismos nos evangelhos, que um estudioso como Jean Carmignac chega a supor que os originais não foram escritos em grego. Quando, por exemplo, Zacarias diz: "Fez misericórdia a nossos pais, lembrando-se de Sua santa aliança, do juramento que fez a Abraão" (Lucas 1.71 et seq.), há no original semita um jogo de linguagem referente aos três personagens envolvidos na cena: João (*hanan* = fazer misericórdia), Zacarias (*zakar*, lembrar) e Isabel (*shaba*, jurar). (Lauand, 1993, p. 56)

Não será esse também o caso de *LF*, ao estabelecer nomes como Edmundo, o mundo que se opõe a Deus; Susana, a pureza do lírio; Lúcia, a luz; Pedro, a rocha etc.?

Podemos citar ainda as seguintes lições de moral:

> — Quem é coroado rei ou rainha em Nárnia será para sempre rei ou rainha. Honrem a sua realeza, Filhos de Adão! Honrem a sua realeza, Filhas de Eva! — disse Aslam. (*LF*, p. 174)

Essa lição é retomada no final da história, com uma advertência:

> Quem é coroado rei em Nárnia será sempre rei em Nárnia. ... E não falem muito sobre o que aconteceu, mesmo entre vocês. Sobretudo, não digam nada aos outros. A não ser se descobrirem que eles próprios visitaram países do mesmo gênero. (ibidem, p. 179 et seq.)

Quer dizer: não se deve ficar falando de Cristo em altos brados para ouvidos desentendidos, pois, se existem os eleitos, há também os surdos e os duros de coração, que, por mais que se repita a lição,[11] não entendem e nem vão entender o significado profundo das histórias. Nesse sentido, os discípulos reclamam das palavras de Cristo, que lhes explica o sentido da Páscoa, usando o pão e o vinho como exemplos: "Essa palavra é dura, quem pode escutá-la?" (João 6.60)

Outra "lei importante" é a que diz respeito à escola, quando o professor observa, no final da história:

> Céus! Que é que estão ensinando às crianças na escola? (*LF*, p. 180)
> — Lógica! — disse o professor para si mesmo. — Por que não ensinam mais lógica nas escolas? (ibidem, p. 50)

Aqui cabe novamente a referência ao extraordinário *The Ethics of Elfland*, de Chesterton, que enuncia a filo-

[11] Aliás, as críticas que se têm levantado contra os abusos de algumas tendências pedagógicas no emprego da repetição e da memória têm desvirtuado a necessidade real e bem-equilibrada desses elementos na educação contemporânea.

sofia dos contos de fadas e seus pontos de conexão com a ciência, por um lado, e a teologia, por outro. Com a ciência, tem em comum o respeito pela natureza e, com a teologia, a abertura para o mistério: não se trata de "leis", mas de "magia" (no bom sentido da palavra, é claro). Vale a pena transcrever esta longa citação:

> Nossos contos de fadas sempre mantiveram esta marca distintiva entre a ciência das relações intelectuais, que lida com leis, de fato, e a ciência dos fatos físicos, na qual não há leis, só misteriosas repetições [...]. No mundo das fadas, evitamos a palavra "lei"; mas na terra da ciência, curiosamente ela já causa aborrecimento. Podem, assim, chamar uma interessante conjectura qualquer sobre como um povo pronuncia o alfabeto de "Lei de Grimm". Mas a lei de Grimm é muito menos intelectual do que os contos de fadas dos irmãos Grimm. Os contos são, em todos os casos, contos; ao passo que lei é lei. Uma lei implica que conheçamos a natureza da generalização e do decreto; e não meramente que notemos alguns dos seus efeitos. Se é que existe uma lei que diz que o lugar de ladrões de carteira é a cadeia, isso implica que haja um nexo intelectual entre a idéia de prisão e a idéia de roubo de carteiras. E sabemos que idéia é essa. Estamos em condições de dizer, porque privamos de liberdade um homem que se deu liberdades. Mas não podemos dizer o que leva um ovo virar um frango, da mesma forma como não temos como explicar como um urso poderia transformar-se em um príncipe encantado [...]. Quando nos perguntam por que ovos se transformam em aves, ou por que as frutas caem no outono, temos de responder exatamente da forma que a fada-madrinha responderia se Cinderela perguntasse por que os ratos se transformaram em cavalos, ou por que as suas roupas perderam o encanto à meia-noite. Teríamos que responder que isso é mágica [...]. Todos os termos usados nos livros científicos, "leis", "necessidade", "ordem", "tendência", e assim por diante, são realmente antiintelectuais, porque partem do pressuposto de uma síntese interior, que nós não temos. As únicas palavras satisfatórias, a meu ver, para descrever a natureza são termos aplicados nos livros de contos de fadas: "charme", "magia", "encanto" [...]. Esse milagre elementar, entretanto, não é mera imaginação, derivada dos contos de fadas; ao contrário, o fulgor todo dos contos de fadas deduz-se daí. Da mesma forma como todos nós amamos os contos, porque existe o instinto do sexo, todos nós gostamos de contos surpreendentes, porque eles estimulam o antigo instinto da admiração. Prova disso é o fato de que, quando éramos crianças bem pequenas, não precisávamos dos contos de fadas: precisávamos apenas dos contos. A vida, pura e simples, é suficientemente interessante [...]. Todos nós lemos livros científicos e, de fato, em todos os romances, a história do homem que esqueceu o seu nome. Esse homem anda pelas ruas e pode ver e apreciar tudo; ele apenas não consegue lembrar quem ele é. Bem, acontece que esse homem da história representa toda a humanidade. Todo ser humano esqueceu quem ele é. Podemos até compreender o *cosmos*, mas, nunca, o *ego*. O *self* está mais longe do que qualquer planeta. Ame o Senhor, nosso Deus, mas não tente conhecer-se a si mesmo. Somos todos vítimas da mesma calamidade intelectual; todos nós esquecemos nosso nome. Todos nós esquecemos o que realmente somos. Tudo o que chamamos de senso comum e racionalidade e praticidade e positivismo significa apenas que, devido a certos pontos mortos da nossa vida, esquecemos que esquecemos. Mas a prova de toda e qual-

quer felicidade é a gratidão; e eu me sinto grato, embora nem saiba a quem. As crianças ficam gratas quando o Papai Noel coloca em suas meias presentes para elas (brinquedos ou doces). Não deveria eu agradecer Santa Claus, quando ele coloca nas minhas meias o presente milagroso, que são duas pernas? Agradecemos às pessoas por nos presentearem com cigarros ou meias no nosso aniversário. Será que eu posso agradecer pelo presente de aniversário do nascimento? Quando Cinderela diz, "Como posso deixar o baile à meia-noite?", sua fada-madrinha certamente responderia: "Como você pode ficar lá até à meia-noite?" Se eu entregasse a um homem da minha escolha dez elefantes falantes e cem cavalos alados, ele não poderia queixar-se se as condições fizessem parte da excentricidade insignificante do presente. Não pode reparar nos dentes do cavalo alado. Conforme explicava, os contos de fadas fundaram em mim duas convicções: em primeiro lugar, este mundo é um lugar selvagem e chocante, que poderia ter sido muito diferente, mas que doravante é bastante prazeroso; em segundo lugar, antes dessa selvageria e prazer, devemos muito bem ser modestos e submeter-nos aos mais fantásticos limites de uma gentileza tão fantástica. Mas o que achei foi o mundo inteiro levantando-se como uma grande maré contra ambas as minhas manifestações de ternura; e o choque da colisão criou dois súbitos e espontâneos sentimentos, que eu nunca tive antes, que cruéis como eram, desde então se consolidaram em convicções. Primeiro, encontrei o mundo moderno todo falando em fatalismos científicos; dizendo que tudo é como sempre foi, sendo plano e sem erros, desde o começo. Em poucas palavras, eu sempre acreditei que o mundo envolvesse magia; agora penso que talvez envolva mesmo um mágico. (Chesterton, s.d.)

É claro que Chesterton, quando fala em magia, está se referindo àquela proveniente do *Primum Mobile*, e não a alguma feitiçaria ocultista.

A mensagem de Chesterton, em resumo, é esta: O homem fechado em seu mundo bem-comportado paga um alto preço por rejeitar o sobrenatural, pondo em risco a sua realização como pessoa e a descoberta da verdadeira felicidade, em troca de um punhado de convicções "cientificamente" legitimadas.

A necessidade de inversão dessa situação pode ser reconhecida por meio de um simples conto de fadas, como diz Chesterton novamente em *The Ethics of Elfland*:

> Mas estou lidando aqui com o que a ética e a filosofia vem a ser, se forem alimentadas pelos contos de fadas. Se as estivesse descrevendo em detalhe, poderia notar vários princípios nobres e saudáveis que podem ser levantados a partir deles. Há a lição de cavalaria de "Jack e o Gigante Matador", de que os gigantes devem ser mortos, porque são gigantescos. Trata-se basicamente de um motim contra o orgulho em si mesmo. E o rebelde é mais velho que todos os reinos, e o jacobino tem mais tradição que a jacobita. Há a lição de Cinderela, que é a mesma que do magnificente *Exaltavit humiles*. Há a grande lição de "A Bela e a Fera", de que uma coisa tem que ser amada ANTES de ser amável. Há a terrível alegoria da "Bela Adormecida", que nos conta como a criatura humana foi abençoada com todos os presentes de aniversário e, assim mesmo, foi amaldiçoada com a morte; e como a morte também pode ser suavizada pelo sono. Mas não estou preocupado com qualquer um dos estatutos individuais do mundo das fadas, mas com todo o espírito de sua lei, que eu aprendi antes mesmo de ser capaz de falar, e devo guardar, quando já não souber mais

escrever. Preocupo-me com certa forma de olhar para a vida, que foi em mim gerada pelos contos de fadas, mas que foi suavemente ratificada por meros fatos.

Por mais céticos que sejamos, nunca poderemos apagar o tipo de visão de mundo sugerido pelos contos de fadas, da mesma forma como o cético Pedro acaba se tornando rei deste mesmo mundo:

> — Bem — disse Pedro — então, se é verdade, por que não encontramos sempre o tal país fantástico ao abrir a porta do guarda-roupa? Não havia nada lá quando olhamos; nem Lúcia teve coragem de fingir que havia.
> — E isso prova o quê? — perguntou o professor.
> — Ora, ora, se as coisas são verdadeiras estão sempre onde devem estar. (*LF*, p. 51)

Vemos aqui um típico exemplo da falta de reverência e respeito pelo insondável. Pedro fala como se soubesse "onde as coisas devem estar". Por isso é que Lewis insere tantos elementos fantásticos e "milagres" na história, para as crianças aprenderem como as coisas se dão de fato, e quem é que sabe onde elas devem estar.

E esses episódios, como o que segue, são claras alusões aos milagres relatados nos Evangelhos:

> Passaram a noite ali mesmo. Não sei dizer onde Aslam arranjou comida para aquela gente toda. O fato é que às oito horas estavam todos sentados na relva, para uma excelente refeição. (ibidem, p. 173)

Essa é uma evidente referência aos dois episódios da multiplicação dos pães, narrados na Bíblia (Mateus 14.17 et seq.).

Outro trecho é este:

> — Ele há de vir e há de ir-se. Num dia, poderão vê-lo; no outro, não. Não gosta que o prendam... e, naturalmente, há outros países que o preocupam. Mas não faz mal. Ele virá muitas vezes. O importante é não pressioná-lo, porque, como sabem, ele é selvagem. Não se trata de um leão domesticado. (*LF*, p. 174)

que é uma alusão à profecia de Cristo:

> Dias virão em que desejareis ver apenas um dos dias do Filho do Homem, mas não o vereis. (Lucas 17.22b)

Há outras possíveis alusões às cartas de Paulo, como a reação do Anão à idéia de que Aslam estaria se aproximando de Nárnia:

> — Que importância tem isso, agora que Ele chegou?
> O anão não tinha coragem sequer de pronunciar o nome de Aslam na presença de sua senhora. (*LF*, p. 131)

A importância e centralidade, na Bíblia, da aproximação de Cristo e o poder resgatador do seu Nome ficam claros nas seguintes passagens:

> Estes porém foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome. (João 20.31)
> Já que hoje somos interrogados sobre a cura deste enfermo, por quem tenha sido curado, fique claro para todos vós e para todo o povo de Israel que foi em nome de Jesus Cristo Nazareno, crucificado por vós, mas por Deus ressuscitado dos mortos, que este homem se acha são diante de vós. (Atos 4.30 et seq.)

E alguns de vós éreis isto, mas fostes lavados; mas fostes santificados; mas fostes justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus. (1 Coríntios 6.11)
Pelo que também Deus o exaltou e lhe deu o Nome que está sobre todo nome. Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho de quantos há no céu, na terra, nos abismos. E toda língua proclame, para glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor. (Filipenses 2.9 et seq.)

Também em *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, Deus é O Inimigo... A feiticeira igualmente inverte a situação neste diálogo importante:

— Falar-lhe da magia profunda?! Eu?! — disse a feiticeira, numa voz mais aguda.
— Falar-lhe do que está escrito em letras do tamanho de uma espada, cravadas nas pedras de fogo da Montanha Secreta? (*LF*, 136)

Essa passagem pode ser comparada à última saudação de Paulo aos romanos, que fala do segredo ou mistério do Evangelho:

Àquele que tem o poder de vos confirmar segundo o meu evangelho e a mensagem de Jesus Cristo — revelação de um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos. (Romanos 16.25)

O fato é que a feiticeira tinha — em justiça — um direito sobre os homens pecadores. A redenção de Cristo despoja-a. (Hebreus 9.26)

E a vós, que estáveis mortos pelos delitos e pela incircuncisão de vossa carne, Deus vos vivificou com ele perdoando-vos todos os delitos, apagando o título de dívida que

havia contra nós, cujas prescrições nos eram contrárias. Ele o aboliu, cravando-o na cruz. Despojando os principados e as potestades, degradou-os publicamente, arrastando-os em cortejo triunfal. (Colossenses 2.14-15)

Nesse sentido, a carta do chefe da polícia secreta é reveladora:

O antigo inquilino deste prédio, o fauno Tumnus, está preso, aguardando julgamento, acusado de crime de alta traição contra sua majestade Imperial Jádis, Rainha de Nárnia, Castelã de Cair Paravel, Imperatriz, das Ilhas Solitárias, etc. É acusado outrossim de auxílio aos inimigos da supracitada Majestade. Abrigando espiões e confraternizando-se com humanos.

MAUGRIM, Comandante-Chefe da Polícia Secreta.
Viva a rainha! (*LF*, p. 61)

Lembre-se de que Jadis, o nome da Rainha, evoca "outrora" em francês, aludindo para o "antigo", no sentido pejorativo de "ultrapassado". No Apocalipse (12.9 e 20.2), o diabo é referido como a antiga serpente.

Na parábola do joio e do trigo em Mateus, o diabo é denominado inimigo, inimigo do homem:

O inimigo, que o semeia, é o diabo. A colheita é o fim do mundo. Os que fazem a colheita são os anjos. (Mateus 13.39)

Outro trecho de *LF* interessante, do ponto de vista analógico, é o que se refere ao manjar turco:

Lembrou-se do manjar turco e da promessa de vir a ser rei ("O que ia dizer Pedro, se soubesse!"). Começaram então a brotar-lhe no cérebro umas idéias terríveis. (*LF*, p. 73)

Podemos fazer um paralelo imediato com este outro trecho:

> O mal será bem quando Aslam chegar,
> Ao seu rugido, a dor fugirá,
> Nos seus dentes, o inverno morrerá,
> Na sua juba, a flor há de voltar, (*LF*, p. 81)

que é uma evidente alusão a diversas passagens de Isaías como, por exemplo, Isaías 9.1 et seq.:

> O povo que caminhava nas trevas viu uma grande luz. Sobre os que habitavam a terra da sombra, brilhou uma luz.

Há ainda uma alusão a uma misteriosa passagem da Bíblia, quando as crianças discutem com o castor a natureza da feiticeira:

> — Então a feiticeira não é humana?
> — É o que ela nos queria fazer crer! — respondeu o castor.
> — É por isso que ela se diz com direito ao trono. Mas Filha de Eva é que ela não é. Sim, descende por um lado da primeira mulher do seu pai Adão (e, a este nome, o Sr. Castor fez uma pequena reverência), a que se chamava Lilith, e era da raça dos gênios. Isso, por um lado. Por outro, descende dos gigantes. Não, na feiticeira não há nem uma gota de sangue humano (*LF*, p. 83)

que está em Isaías 34.14:

> Gatos selvagens toparão com as hienas. O sátiro chamará o companheiro, até Lilit se instalará ali e encontrará um lugar de repouso.

Há inúmeros versos bíblicos a que esta passagem parece aludir:

> — É que existe uma outra profecia. Lá embaixo, em Cair Paravel, no castelo que dá para o mar, junto da foz do rio, e que devia ser a capital se tudo corresse como devia [...]. Lá, em Cair Paravel, há quatro tronos. Uma velhíssima tradição de Nárnia já anunciava que, quando dois Filhos de Adão e duas Filhas de Eva se sentarem nos quatro tronos, então será o fim, não só do reinado da feiticeira, mas da própria feiticeira. Foi por isso que usei de tanta cautela quando viemos para cá; porque, se ela suspeitasse da chegada de vocês, eu não daria uma truta pela vida dos quatro... (*LF*, p. 84)

como a de Apocalipse 14.1 et seq., em que os "Quatro Viventes" presidem a multidão dos que se salvam:

> Tive ainda uma visão: o Cordeiro estava sobre o monte Sião e com ele cento e quarenta e quatro mil, que trazem seu nome e o nome de seu Pai escritos em suas frontes. Ouvi uma voz do céu, como a voz de grandes águas, como voz de grande trovão, e a voz que ouvi era de citaristas, tocando as cítaras. E cantavam um cântico novo diante do trono e dos quatro seres vivos e dos anciãos. Ninguém podia aprender o canto senão os cento e quarenta e quatro mil que foram resgatados da terra. Estes são os que não se mancharam com mulheres porque são virgens. São os que seguem o Cordeiro, aonde quer que vá. Foram resgatados dentre os homens, como primícias para Deus e para o Cordeiro, e em sua boca não se encontrou mentira: são imaculados.

Quando a sra. Castor diz que

> Nós os conhecemos pelos olhos (*LF*, p. 86)

há novamente uma clara alusão à lógica da traição, que encontramos também na cena de Judas Iscariotes da últi-

ma Ceia de Cristo. No forte debate sobre o traidor, Deus dá um sinal visível:

> Ele respondeu: Quem põe comigo a mão no prato, esse me entregará. (Mateus 26.23)

Outro exemplo de orgulho e egoísmo é dado por Edmundo neste trecho:

> Ouviu toda a conversa dos outros, também da satisfação, pois pensava todo o tempo que não lhe davam a devida importância, e que, pelo contrário, estava sendo colocado à margem. Ninguém pensava assim, só ele. (*LF*, p. 89)

Nesse trecho e em todo o capítulo 9 há uma clara interpretação da psicologia da traição, como podemos claramente inferir ainda deste trecho:

> No momento exato em que o sr. Castor dizia o poema da "carne de Adão", Edmundo saiu de mansinho, fazendo girar mais de mansinho ainda a maçaneta da porta. (ibidem, p. 89)

Em outras palavras, a lição que podemos extrair da atitude covarde e decadente de Edmundo é que neste mundo somos, antes de mais nada, corpo psíquico, enquanto o corpo espiritual é reservado para o céu. O mesmo podemos ler em 1 Coríntios 15.44 et seq., que diz que: "Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual. Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente, o último Adão tornou-se espírito que dá vida. Primeiro foi feito, não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. O primeiro homem tirado da Terra é terrestre. O segundo

homem vem do céu". Vemos já aí esboçado como a ética dos contos de fadas traz em si uma pedagogia que aponta para uma teologia muito mais ampla.

LEWIS E A TEOLOGIA DA REDENÇÃO

Para a discussão teológica subjacente a este tópico seguiremos o capítulo dedicado ao conceito escolástico de liberdade em Escolástica (*Scholastik*) de Josef Pieper (1978). Nessa obra, Pieper evidencia — a partir do exemplo de eminentes filósofos da escolástica, que podem ser considerados os mais autênticos "livres-pensadores", abertos não apenas para o conhecimento sistemático, mas também para a intuição e imaginação — que o fascínio dos contos de fadas é o que permite que o Cristianismo se torne algo conatural ao cristão.

Ao afirmar a teologia da "magia mais profunda e a ainda mais profunda", que é equivalente à teologia da redenção do Cristianismo, Lewis filia-se à linha teológica de Tomás de Aquino, que afirma a liberdade de Deus, contra uma teologia que pretende estabelecer "razões necessárias" no agir divino.

Lewis, da mesma forma como Pieper, é contra teoremas do tipo: A redenção "tinha de ser" feita pela encarnação do Verbo (contra as razões necessárias de Santo Anselmo — único grande autor medieval que não seguiu a "teologia negativa" de Dionísio Areopagita). Isso fica claro no seguinte trecho de Pieper, a respeito das "Razões necessárias" (*zwingende Gründe*) de Anselmo.

Nesse sentido, "liberdade" é a palavra fundamental contra as teologias racionalistas, como a de Santo

Anselmo, que diz que Deus "tinha" de ser encarnado, porque uma certa quantidade de anjos teria de ser mantida no céu, depois dos que decaíram com a queda. Já que o homem não é "anjo", Cristo tinha de encarnar e voltar ao Céu para permitir que o homem para lá volte.

Por outro lado, o conceito de liberdade também é contrário a todo e qualquer nominalismo, que não vê razão alguma em Deus ou nas coisas, mas somente arbitrariedade, pois, como diria Tomás, Deus poderia até "encarnar em um asno", se assim o desejasse, mas acontece que ele preferiu ser mais "razoável" do que isso.

Pieper (1978, p. 130) mostra que a solução a respeito dessa importante polêmica parece estar na posição equilibrada de Santo Tomás de Aquino, qual seja, que a verdade absoluta a respeito da liberdade de Deus é reservada a ele mesmo:

> A verdade quanto a esta questão só pode ser conhecida por Aquele que fora nascido e sacrificado, porque Ele assim o quis (Isaías 53.7). Pois as coisas que dependem apenas da vontade divina nos são desconhecidas, a menos que elas tenham nos sido ensinadas pela autoridade dos santos, aos quais Deus revelou Sua vontade. Não há argumento racional para o que é de fé (*ad ea, quaefidei sunt, ratio demonstrativa haberi non potest*). Esta é uma resposta profundamente clara, à qual nós também devemos dar razão direta, mesmo porque nela a idéia da liberdade divina incompreensível está relacionada com o princípio decisivamente expresso de uma teologia primariamente bíblica. Agora, porém, tenho de confessar que essa resposta poderia certamente estar escrita em *Duns Escuto*, mas que ela não é da autoria dele, mas de Santo Tomás de Aquino.

Podemos observar em *LF* uma clara crítica contra o racionalismo, como proposto por Pieper e Santo Tomás. Para remediar os terríveis mistérios em torno de Nárnia, Lewis nos propõe a "magia ainda mais profunda" e essa formulação descarta claramente a pretensão de explicações racionalistas. Deus é livre, e a nossa pobre inteligência não pode espartilhar as razões de Deus. Trata-se, portanto, de uma pedagogia que convida à humildade e ao mistério sem, por outro lado, recair numa atitude cética.

Como se pode ver, a melhor interpretação da redenção e resgate em *LF* é certamente a de Santo Tomás, que não é partidário nem de teoremas, nem de *razões necessárias*, mas da humilde escuta receptiva e aberta para a revelação natural e sobrenatural. Lewis e Tomás identificam-se inteiramente quanto à afirmação da liberdade de Deus, a postura de humildade diante dele e a firmeza na postura contrária às "razões necessárias" de um Santo Anselmo.

No capítulo a seguir, estaremos aprofundando os conceitos-chave para a compreensão da visão de mundo de Lewis, os conceitos de Lei Natural e realidade, que se encontram tão vivamente encarnados nas figuras e exemplos criados por Lewis em *LF*.

2

TEMAS ESSENCIAIS EM *O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*

A LEI NATURAL EM LEWIS

Estaremos dedicando o presente capítulo a um conceito central da antropologia de Lewis, discutido com maior profundidade em *Cristianismo Puro e Simples*: o da lei natural (moral). Pode-se dizer que essa lei é um dos temas centrais de *LF*, tanto quando é afirmada (pelo comportamento ético das crianças), como quando é transgredida. A cena do "manjar turco" (a escravidão do vício) é, nesse sentido, antológica.

Comecemos pelo conceito de "lei natural" ou "natureza". Quanto a isso, é preciso considerar, antes de mais nada, que Lewis não está se referindo ao sentido do naturalismo, que se limita apenas aos primeiros conceitos do dicionário.

Quando fala em "Lei Natural", Lewis se refere ao conceito clássico do "que constitui um ser em geral, criado ou incriado. Essência ou condição própria de um ser ou de uma coisa. Caráter, feitio moral, temperamento".[1] Lewis leva muito a sério esse conceito, que aparece igualmente, por exemplo, numa obra central para a filosofia da educação de Lewis, *The Abolition of Men*. Segundo Hooper (1996, p. 608):

---

[1] Cf. Dicionário Eletrônico Michaelis.

O cerne é o seguinte: como pode e em que medida a difusão da Lei Natural ou o *Tao* pode levar à abolição do homem, através da natureza.[2]

Para Lewis, o homem será extinto pela própria natureza se não aprender a ter certo domínio sobre os seus impulsos naturais. Nenhuma das duas condutas é aceitável: simplesmente se deixar guiar por impulsos ou instintos ou, simplesmente, reprimi-los.

Em *Cristianismo Puro e Simples*, Lewis argumenta que existe uma concepção universal a respeito do bem e do mal que rege a lei do bom senso entre os homens:

> O exemplo mais simples disso está no que as pessoas chamam de *fair*, de que temos um senso de justiça embutido. Temos um senso universal do tipo de comportamento que admiramos e do que desprezamos. Podemos falar de virtudes e vícios. Isso leva a um conceito de Lei e do Autor da Lei que governa o comportamento humano. A Lei não é a mesma que a lei da gravidade, porque no segundo caso não temos escolha, a não ser de obedecer às leis físicas. A lei que governa a conduta humana é distinta então da forma como o universo funciona. Sabemos o que temos de fazer, mas não o praticamos, não somos animais, constante e exclusivamente conduzidos pelos desejos. Fazemos coisas que contradizem nossos desejos pessoais todo o tempo. Algumas vezes desistimos diante dos desejos e depois nos culpamos quando nossa consciência nos diz que contrariamos a Lei. "É depois que você reconhece que existe realmente uma Lei Moral e um poder por trás

2 "The 'point' was how the jettisoning of the *Tao* or the Natural Law can lead to the 'abolition' of Man by Nature."

> da lei, e que você quebra essa lei e se posiciona de forma errada diante desse Poder — apenas depois disso tudo, e em nenhum momento antes, o Cristianismo começa a dizer respeito ao homem."[3]

Como se lê no Gênesis, o pensamento original que Deus teve ao criar o homem era bom.[4] Portanto, *originalmente* — e nisto Lewis concorda plenamente com Santo Tomás —, os princípios naturais foram infundidos por Deus e são, por isso mesmo, essencialmente *bons*, pois Seu conhecimento é infundido por Ele.

Como podemos ler neste trecho de uma das *Summas* de Tomás (1973, p. 70):

> ...o conhecimento dos princípios naturais que nos são conhecidos naturalmente nos é dado por Deus, uma vez que Deus é o autor da nossa natureza. Por conseguinte, tais princípios naturais estão incluídos também na sabedoria divina [...]. Além disso, as propriedades naturais não podem alterar-se enquanto permanecer a natureza das coisas. Ora, no mesmo indivíduo é impossível coexistirem simultaneamente opiniões ou juízos contrários entre si. Conseqüentemente Deus não pode infundir no homem opiniões ou uma fé que vão contra os dados do conhecimento adquirido pela razão natural.

Hooper (1996, p. 586-587) também reconhece a concordância desse conceito de Lewis com a visão de mundo de Santo Tomás:

> A definição clássica pode ser encontrada em Santo Tomás de Aquino. "A lei natural não é nada mais nada menos do

3 Esse trecho foi por nós traduzido do original, *Mere Christianity*, 1952, p. 24.
4 "Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom." (Gênesis 1.31a)

que a luz do entendimento posta em nós por Deus; através dela sabemos o que devemos fazer e o que devemos evitar. Deus concedeu esta luz ou lei no ato da criação" (*Collationes in decem praeceptis* 1). Entretanto, bem antes de Cícero, podemos ler em *De Republica* 11:33 (sic): "Existe de fato uma lei verdadeira — a saber, a reta razão — que está de acordo com a natureza, aplica-se a todos os homens e é imutável e eterna. O texto central no Novo Testamento no qual a Lei Natural se baseia encontra-se em Romanos 2.14-15, onde São Paulo afirma que quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente aquilo que a lei determina, mesmo sem lei tornam-se lei para si mesmos. Mostram que o que a lei determina está inscrito em seus corações enquanto a sua consciência também o testifica". Em *The Abolition of Men*, Lewis define esta como sendo a "doutrina do valor objetivo", a crença que certas atitudes sejam realmente verdadeiras, e outras realmente falsas para o que o universo é e para o que somos.

Podemos reconhecê-la claramente ainda em Romanos (1.20):

> Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpa.

Semelhantemente, na primeira parte de *Cristianismo Puro e Simples*, Lewis fala da lei da moral como algo por si só evidente, que se manifesta somente quando nos queixamos, se acaso ela é quebrada. Quando interpretamos a conduta de alguém, por exemplo, consciente ou inconscientemente partimos de algum padrão ou "cartilha" invisível, que não é imposta por ninguém, mas na qual sempre esbarramos.

Na nossa condição presente estamos atados aos fatos. Mas sabemos, no fundo, que existe algo que vai além deles, que fundamenta os valores e tem existência real e objetiva, como Lewis comenta neste trecho de *Cristianismo Puro e Simples*:

> não se pode estar certo de que existe algo além dos fatos, alguma lei em relação à qual os fatos devam ocorrer, distinta dos próprios fatos. As leis da natureza, da maneira como são aplicadas às pedras e árvores, só podem significar "o que a natureza, de fato faz". Mas quando se considera a Lei da Natureza Humana, a Lei do Comportamento Correto, a coisa muda. Esta lei certamente não significa "o que os seres humanos de fato fazem", pois como já disse anteriormente, a maioria não obedece mesmo a esta lei, e ninguém a cumpre perfeitamente. A Lei da Natureza Humana nos diz o que os homens devem fazer e não fazem. (p. 10)

Para esconder suas limitações, o homem apela para as máscaras e o simulacro do dia-a-dia. Erramos, tudo bem, mas procuramos não cometer o mesmo erro duas vezes. O cristão autêntico, diz Lewis, difere apenas por ter incorporado o modelo de Cristo, que pretende imitar. De acordo com a doutrina cristã, com o tempo, e graças à cooperação do Espírito Santo, ocorre o "bom contágio", (ibidem, p. 98), ou seja, uma assimilação das virtudes e do modo de ser de Cristo.

Na mesma obra ainda, Lewis elucida esse fenômeno, recontando a antiga lenda de

> alguém que tinha de usar uma máscara, que o fazia parecer muito mais belo do que era na realidade. Ele teve de

> usá-la por muitos anos. Quando a tirou, viu que a sua verdadeira face havia se moldado à máscara. Agora ele era belo de verdade. O que fora um disfarce tornou-se uma realidade. (*Cristianismo Puro e Simples*, p. 106)

Quando falamos em "disfarce" e "máscara", já pensamos em algo simulado com intenções obscuras. Ninguém gosta da farsa e todos preferem a autenticidade. Acontece que há coisas que o homem ainda não pode *ser*, por mais que o deseje. Este é precisamente o paradoxo, o grande dilema do homem, que não é tão auto-suficiente e autodeterminado quanto gostaria de ser. Por isso é que o seu primeiro e mais espontâneo mecanismo de aprendizagem é o da "imitação". O que Lewis quer dizer, em outras palavras, parece ser que, se as virtudes não podem ser "inventadas" ou recriadas pelo homem, se o homem fatalmente terá sempre de seguir algum exemplo, então se coloca a questão: que exemplo? E a resposta cristã é que o modelo original é também o melhor possível, ou seja, Cristo, que é, ao mesmo tempo, encarnação do Criador e homem de verdade. Descobrir a Cristo como modelo é descobrir o próprio ser do homem, criado à imagem e semelhança de Deus. Ser imitador de Cristo é, portanto, ser cada vez mais autêntico, é ser o que realmente se é, ou seja, ser conforme o pensamento ou projeto criacional divino.

George Mac Donald já chamava a atenção para este lado terrível da saga do ser humano, que conhece muito bem e aplaude a Lei Moral, mas não consegue cumpri-la totalmente. Então, para que ela serve? Qual seria a utilidade dos Mandamentos Divinos, se ninguém é capaz de cumpri-los inteiramente? Sustentar algum moralismo barato? Eles servem, diz Mac Donald, simplesmente para lembrar-nos para sempre usar a chave certa[5] para a resolução desse dilema que é Cristo (George Mac Donald, p. 26).

Na verdade, boa parte do pensamento ético de Lewis, que é contrário a todo e qualquer moralismo, encontra-se resumido no capítulo 9 de *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*: o prazer e a matéria são campos exclusivos de Deus ("o Inimigo"); tudo o que está ao alcance do mal é a distorção dos canais naturais previstos por Deus para a realização do prazer, como explica o diabo velho ao seu sobrinho acerca dos "desejos da carne", no trecho já citado anteriormente:

> Você terá melhor ensejo de tornar seu homem um bêbado inveterado se o empurrar à bebida como a um anódito, ao vê-lo cansado e insensível, do que se o encorajar a tomá-la a fim de realçar a alegria, quando está feliz e expansivo entre os amigos. Jamais esqueça: ao lidarmos com qualquer prazer em sua forma saudável, natural e satisfatória, sempre estamos, em certo sentido, no campo do Inimigo. Bem sei que ganhamos muitas almas pelo prazer. Mesmo assim, é invenção dEle, não nossa. Foi ele quem os fez, e todas as nossas pesquisas até o dia de hoje não conseguiram produzir nenhum. Só o que nos resta é encorajar os humanos a aceitarem os prazeres que o Inimigo produziu, em tempo, modos e graus por Ele proibidos. Por isso tratamos de trabalhar o prazer, afastando-o de sua condi-

[5] Há um conto infantil de George Mac Donald que ilustra muito bem esse princípio cristão, e que também inspirou Lewis para *LF*, chamado *The Golden Key*, em que duas crianças encontram uma chave mágica para outro mundo.

ção natural para aquela em que ele o é menos e em que parece pouco impregnado de seu Criador e menos agradável. Ânsia sempre crescente por um prazer sempre decrescente, eis a fórmula. (*Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, p. 44)

A grande estratégia de Screwtape para ludibriar seu paciente é, como sempre, a de distorcer ao máximo a noção de realidade dele, fazendo-o trocar coisas relativas ao ser por coisas secundárias e acidentais. Para aprofundarmos melhor este ponto, falaremos, a seguir, a respeito do que Lewis entende por "realidade".

A VERDADEIRA REALIDADE

Em todos os seus escritos, Lewis visa sempre à máxima aproximação da realidade, que para ele, como para todos os clássicos da antropologia filosófica e da metafísica, é sinônimo de verdade, o que equivale a ser cada vez mais concreto e objetivo nas suas colocações, já que:

> A primeiríssima característica da natureza de todo real é a de ter cantos afiados e ângulos obtusos, ser resistente, ser ele mesmo. Móveis feitos de sonho são o único tipo em que nunca tropeçamos ou esbarramos com o joelho. Nós todos conhecemos um casamento feliz. Mas como a esposa é diferente daquela donzela imaginária dos sonhos da nossa adolescência. Tão pouco adaptada a todos os nossos desejos extravagantes e, por essa mesma razão (entre outras), tão incomparavelmente melhor.[6]

[6] "It is of the very nature of the real that it shoud have sharp corners and rough edges, that it should be resistant, should be itself. Dream-furniture is

Na perspectiva clássica, verdade e realidade não são, necessariamente, coisas materiais, que se oponham ao sonho, ou ilusão, que são reais, na medida em que são reflexos imperfeitos ou icnoclásticos, que remetem a uma realidade que vai além do aqui e agora. Aliás, se tivermos os olhos certos, como os do poeta e do filósofo, nada escapa desta supra-realidade e tudo a ela remete.[7]

Para Santo Tomás de Aquino (1973) — e Lewis concordaria inteiramente com ele neste ponto —, a verdade é, resumidamente, "concordância", quer seja com a *ratio* interna das coisas, quer com a Inteligência dAquele que a criou:

> A verdade, como dissemos, na sua noção primária, existe no intelecto. Pois sendo toda realidade verdadeira, na medida em que tem a forma própria da sua natureza, necessariamente o intelecto conhecente será verdadeiro, na medida em que tem semelhança com a coisa conhecida que é a forma do mesmo enquanto conhecente. E, por isso, a verdade é definida, como a conformidade da coisa com a inteligência [...]. A verdade, pois, pode existir no sentido, ou no intelecto, que conhece a essência, como numa coisa verdadeira, não, porém, como o conhecido no conhecente, que é o que implica o nome verdadeiro, Ora, a perfeição

the only kind on which you never stub your toes or bang your knee. You and I have both known happy marriage. But how different our wives were form the imaginery mistress of our adolescent dreams! So much less exquisitely adapted to all our wishes; and for that very reason (among other) so incomparably better." (*Letters to Malcolm*, p. 76)

[7] "All reality is iconoclastic. The earthly beloved, even in this life, incessantly triumphs over your mere idea of her. And you want her to; you want her with all her resistances, all her faults, all her unexpectedness. That is, in her foursquare and independent reality. And this, not any image or memory, is what we are to love still, after she is dead." (*A Grief Observed*, p. 83 et seq.)

do intelecto é a verdade enquanto conhecida. Logo, propriamente falando, a verdade está no intelecto, que compõe e divide; não, porém, no sentido nem no intelecto, que conhece a essência.

Principalmente quanto a esse conceito de realidade, uma das mais originais e profundas contribuições filosóficas de Lewis está, precisamente, nas luzes novas que lança sobre a discussão acerca do conceito de "realidade" e "realismo", que mereceria outro livro. Quanto a esse aspecto, e a modo de conclusão deste capítulo, transcrevemos um trecho especialmente elucidativo de Lauand:

> Está na moda reservar o termo "realista" para aqueles que em arte, ciência ou filosofia encaram os temas de modo cru e materialista; e, além disso, fugiriam à realidade ("subjetivistas") os que transcendendo a materialidade do fato bruto pretendessem, se atrevessem, a reconhecer como real o sentido humano aí presente. Assim, realista seria o filme com *close-ups* e detalhes de uma matança; um filme sobre o sentido da vida é alienante e meio de fuga à realidade.
> Há realismos e realismos e a importância do tema da realidade exige, a nosso ver, algo de bem mais profundo que a adesão inconsciente aos atuais padrões de linguagem [...]. Platão passou a vida toda procurando formular o que havia de profundamente errado com os sofistas. Ao longo de toda a sua obra, e mesmo na multiforme caracterização do sofista que é o diálogo do mesmo nome, chega a uma última palavra sobre o assunto: o sofista é o "fabricante de uma realidade fictícia".
> Nessa fabricação de realidade fictícia há um importante aspecto — a que, neste artigo, só aludirei: trata-se do discurso que matreiramente distorce o significado de termos fundamentais (por exemplo "amor", "liberdade" etc.). É a corrupção da palavra, que ao desvincular da realidade (da verdadeira realidade) pelo mero culto à forma ou como veículo de poder, faz como que "em lugar da realidade que sumiu de vista, faça entrar uma realidade aparente; que diante de meu olhar se interponha uma pseudo-realidade que, enganosamente, parece ser o real até o ponto em que se acaba por não se saber discernir o real"[...] Lewis, que tem clara consciência do que dizíamos no começo deste artigo, recolhe numa das cartas de Screwtape o seguinte: "Pois é, sobrinho, nós fizemos os sofistas; o Inimigo (Deus) criou um Sócrates para responder aos nossos sofistas". Venço a tentação de nem sequer aludir às diversas passagens em que o diabo velho trata do tema da "realidade" à luz da filosofia do Inferno; mas não será demais transcrever a melhor passagem a respeito, um trecho da 30ª carta: "Caro sobrinho [...] provavelmente as cenas que teu paciente humano está presenciando (Lewis refere-se aos bombardeios de 1941) não te fornecerão material para um ataque *intelectual* contra a fé dele, aliás teus fracassos anteriores já fazem descartar esse tipo de tentação. Mas há um ataque às emoções que pode ainda ser feito. É o seguinte: faze-o sentir, quando pela primeira vez ele vir restos humanos prensados numa parede, que é assim "como é realmente o mundo", e que toda a sua religião não é mais que fantasia. Já reparaste como conseguimos tê-los completamente obnubilados quanto ao significado da palavra "real"? Acerca de uma grande experiência espiritual eles dizem entre si: "Não, tudo o que realmente aconteceu é que você ouviu um pouco de música envolvido por um ambiente iluminado", neste caso "real" significa fatos brutos, separados dos outros elementos da experiência que efetivamente tiveram. Por outro lado, também

dirão: "É, é muito fácil falar de pular de um alto trampolim, quando você está aí nesta poltrona; quero ver, quando você estiver lá em cima e vir o que isso é realmente"; aqui "real" utiliza-se no sentido oposto, para referir-se não aos fatos físicos (que todos conhecem) mas ao efeito emocional que esses fatos têm para uma consciência humana. Qualquer das duas acepções da palavra "real" poderia ser defendida; mas nossa diabólica missão consiste em manter as duas funcionando ao mesmo tempo, de tal modo que o valor emocional da palavra "real" possa colocar-se ora de um lado, ora de outro, conforme convenha aos nossos interesses. A regra geral que nossa filosofia já estabeleceu bastante bem entre os humanos é a seguinte: em todas as experiências que possam fazê-los melhores ou mais felizes só os fatos físicos é que são "reais", enquanto os elementos espirituais são "subjetividades"; já naquelas experiências que possam deprimi-los ou corrompê-los, aí os elementos espirituais são a realidade fundamental, e ignorá-los é pretender fugir à realidade. Assim, por exemplo, a odiosidade de uma pessoa odiada é "real": é no ódio que se vê como realmente as pessoas são; já o encanto de uma pessoa amada é mera neblina subjetiva ocultando um fundo "real" de apetite sexual ou interesses econômicos. No parto, o sangue e a dor é que são reais, e a alegria, um mero ponto de vista subjetivo. Teu carinhoso tio, Screwtape [...]. O ponto-chave vem agora: "Está-se tornando sistemática em certas novelas a apresentação das relações de filhos com mães como quase sempre impossíveis de se manterem normalmente afetivas. Como se, POR NATUREZA, tivessem que ser relações só resolvidas através de rompimentos, violências, deslealdades. Filho quase esbofeteando mãe etc." "Por natureza", aí se resume com incrível felicidade o erro do realismo sofista. Violência e canalhice sempre existiram; agora, outra coisa é afirmar que o normal, o por natureza, deva ser assim; que assim é a realidade ética. Reduzir a realidade ética à do fato bruto é o traço típico da opção sofista em Filosofia Moral. São muito diferentes os erros e quedas da fraqueza humana do que, por exemplo, a violência assumida como se as coisas tivessem de ser assim Por natureza. Pense-se, por exemplo, no futebol: uma coisa é violência, digamos, espontânea numa partida: tomou lá, deu cá. Agora, outra coisa muito diferente é a violência calculada, estudada, premeditada e ensaiada que, às vezes, se observa. (Lauand, 1988, p. 30 et seq.)

Esse conceito de realidade é fundamental para a compreensão de um ponto central em *LF*, que diz que o ser humano é único, embora tenha diversas formas de manifestar-se enquanto tal, fazendo-se valer da sua linguagem e, particularmente, do principal meio a ela relacionado para compreensão da realidade: a razão, entendida como *ratio* ou *logos*, que é outro elemento fundamental da metodologia do *insight and wisdom* de T. S. Elliot e que também é um aspecto-chave da metodologia de Lewis, ao qual nos dedicaremos a seguir.

RAZÃO E RACIONALIDADE

O capítulo a seguir dedica-se a um conceito fundamentalíssimo para a antropologia filosófica de Lewis e que representa, ao mesmo tempo, o elo que a liga à sua teologia.

Discutiremos em que sentido Lewis, que sempre condenou o racionalismo, contribuiu para a restauração do conceito original de razão. O estilo sóbrio, que marca todos seus escritos, é marcante pela "lógica" e sobriedade de sua argumentação, que faz sentido ao leitor atento.

Por essa sua habilidade oratória e retórica, Lewis foi convidado para presidir o *Socratic Club*, que foi um daqueles clubes tipicamente ingleses, dedicados exclusivamente ao debate de "questões" ou "assuntos" de relevância acadêmica. De acordo com Hooper e a própria fundadora do clube, o objetivo do mesmo era discutir questões religiosas, muitas vezes censuradas pela academia, principalmente no que diz respeito ao Cristianismo. Na primeira discussão, presidida por Lewis, entre outros temas importantes, o do próprio presidente foi nada mais, nada menos do que o tema da razão:

> O sr. Lewis apresentou um ensaio a respeito da "Natureza da Razão" a uma audiência muito grande. Ele nos propôs refletirmos a respeito de quando os termos "dever" ou "não dever" passaram a ser mais empregados do que ser ou não ser, a linguagem da observação. Assim, na geometria provamos que, se considerarmos certas coisas verdadeiras, então outras coisas *tem que ser verdadeiras*. Portanto, a razão envolve três coisas:
>
> 1. Um campo de matéria sob consideração.
> 2. Se certas coisas são verdadeiras, o sr. Lewis as chama dados.
> 3. Por isso, emprega um princípio, segundo o qual refletir.
>
> É o terceiro dos itens acima que a razão garante pelo princípio da não-contradição. Por isso, a razão foi definida como aplicação de princípios auto-evidentes a um material que resultou num conjunto de dados.[8]

[8] "Mr. C. S. Lewis, presented a paper on 'The Nature of Reason' to a very large audience. We were said that to be reasoning when the terms must and must not went used rather than is or *is not*, the language of observation. Thus in geometry we proved that if certain things were true, therefore other things *must be true*. Thus reason involved three things: 1. A field of material under consideration; 2. If certain things are true. These truths Mr. Lewis called *the data*; 3. Therefore, implying a principle by which to reason. It was the third of these things that reason provided by the principle of non-contradiction. Reason was therefore defined as the application of self-evidente principles to material which afforded a datum." (Como, 1979, p. 152)

De acordo com Hooper, a sociedade tornou-se uma das mais eminentes de toda a Inglaterra, atraindo estudantes de todo o mundo, além de reconhecidos teólogos e estudiosos. Durante os doze anos em que foi presidente do clube, presidiu onze encontros, para dar ocasião a outros oradores. Mas não há dúvida de que Lewis representava a maior atração de todas.[9]

Como se sabe, foi a leitura de *The Everlasting Man*, de Chesterton, a primeira explanação cristã do mundo que fez sentido para Lewis, apesar de ter nascido num lar cristão (ou, quem sabe, precisamente por isso).

Já na introdução a essa obra, Chesterton comenta o fenômeno de que Deus não pode ter netos, apenas filhos. Em outras palavras, há duas maneiras de nos afastarmos do Cristianismo: estando muito afastados dele, ou, tão embebidos, que o julgamos trivial e desnecessária qualquer experiência pessoal:

> O que importa nesse livro é, em outras palavras, que a melhor coisa que existe logo abaixo de estar realmente no cerne do Cristianismo é de estar, de fato, por fora. E um

[9] "As much as Lewis relished the cut-and thrust of public debate, he was nonetheless anxious that the activities of the club not center too closely upon himself, and he was the first speaker on only eleven occasions during the twelve years he was president. Dispite this attempt to push others to the forefront, Lewis was, and remained, the chief attraction at most meetings." (ibidem, p. 141)

objeto particular do mesmo é que a crítica popular do Cristianismo não está, de fato, por fora.[10]

Foi a argüição pessoal de Chesterton, provando que os evangelhos tinham validade histórica, que convenceu Lewis a converter-se para o teísmo. Se nem ele, um crítico tão sério e reconhecido está a salvo do Cristianismo...[11]

A resposta do professor a Pedro e Susana quanto ao estado de sanidade mental de Lúcia, perguntando-se "que raios estão estudando nestas escolas", é certamente digna de Chesterton, que provavelmente não responderia com menor cinismo:

> o primeiro sinal e elemento da insanidade é o uso desgovernado da razão, se usada desgovernadamente, de mente oca. Quem raciocina sem princípios básicos apropriados fica louco: já começa a raciocinar pelo avesso.[12]

No caso de Lúcia, louca mesmo teria sido a atitude de não ir verificar os fatos junto com os irmãos. Para sua infelicidade, o encanto não se repete logo, mas ela é mil vezes recompensada depois.

10 "The point of this book, in other words, is that the next best thing to being really inside Christendom is to be really out side it. And a particular point of it is that the popular critics of Christianity are not really outside it." (Chesterton, 1993, p. 9)

11 "He read Chesterton's *The Everlasting Man* and for the first time saw the whole Christian outline of history set out in a form that seemed to make sense. Shortly after this 'the hardest boiled of all the atheists I ever knew sat at my room on the other side of the fire and remarked that the evidence for the historicity of the gospels was really surprisingly good [...]. If he, the cynic of cynics, the thoughts of the thoughts, were not — as I would still have put it — 'save', where could I turn?" (Hooper, 1996, p. 192).

12 "the chief mark and element of insanity; we may say that it is reason used without root, reason in the void. The man who begins to think without the proper first principles goes mad; he begins to think at the wrong end." (Chesterton, s.d.)

No capítulo de *Ortodoxia* dedicado à ética do *Elfland* (mundo dos elfos) Chesterton confessa, ainda, que sua primeira aula de filosofia e, aliás, também a última, foi a que aprendeu por meio dos contos de fadas.[13] E ela é perfeitamente razoável (*reasonable*). Ao contrário do que acreditam os racionalistas (que não estabelecem limites à razão), a razão tem seus limites; há coisas incompreensíveis, não por serem absolutamente "ininteligíveis", mas por serem "inexauríveis". Apesar de suas limitações, a razão é um meio dos mais legítimos para atingirmos a realidade das coisas. Essa era precisamente a tese do já mencionado filósofo alemão, Josef Pieper, quanto a este importante conceito de razão ou Logos, assim definido por Tomás (1973, p. 71):

13 "My first and last philosophy, that which I believe in with unbroken certainty, I learnt in the nursery. I generally learnt it from a nurse; that is, from the solemn and star-appointed priestess at once of democracy and tradition. The things I believed most then, the things I believe most now, are the things called fairy tales. They seem to me to be the entirely reasonable things. They are not fantasies: compared with them other things are fantastic. Compared with them religion and rationalism are both abnormal, though religion is abnormally right and rationalism abnormally wrong. Fairyland is nothing but the sunny country of common sense. It is not earth that judges heaven, but heaven that judges earth; so for me at least it was not earth that criticized elfland, but elfland that criticized the earth. I knew the magic beanstalk before I had tasted beans; I was sure of the Man in the Moon before I was certain of the moon. This was at one with all popular tradition. Modern minor poets are naturalists, and talk about the bush or the brook; but the singers of the old epics and fables were supernaturalists, and talked about the gods of brook and bush. That is what the moderns mean when they say that the ancients did not 'appreciate Nature,' because they said that Nature was divine. Old nurses do not tell children about the grass, but about the fairies that dance on the grass; and the old Greeks could not see the trees for the dryads." (ibidem)

Para quem reflete torna-se claro que as realidades sensíveis em si mesmas, que fornecem à razão humana a fonte do conhecimento, conservam nelas um certo vestígio de semelhança com Deus, embora se trate de um vestígio tão imperfeito, que é incapaz de exprimir a substância de Deus.

Odero & Odero (1993, p. 368) apresentam essa mesma concepção, expressa nos seguintes termos:

> La razón es un medio que nos da Dios para alcanzar la realidad [...]. Lewis tenía, por lo tanto, un profundo aprecio por la razón, pero conocía tambien sus limitaciones.

Logo em seguida, citam Pieper e Chesterton, para elucidar mais os limites da razão:

> ...el entendimento penetra la essência de las cosas pero nunca podrá conocerla hasta el fin y nunca medirá la totalidad del universo. Nuestro conocimiento es tan débil "que ningún filósofo ha podido investigar nunca perfectamente la esencia de una mosca". "El hombre alcanza a entender las construcciones lógicas a través de la razón, porque son su creación; conoce a las criaturas a través de los sentidos, aunque imperfectamente [...]. Según Chesterton, la fuente más abundante de errores en el mundo está en que "las cosas son casi razonables, sin llegar a serlo completamente. La vida no es ilógica en sí, pero resulta de una verdadera trampa para los lógicos, porque aparenta algo más de regularidad matemática[14] de la que realmente posee." De ahí la importancia de contrastar el pensamiento con la realidad para buscar la verdad. (Odero & Odero, 1993, p. 368-369)

[14] Em *Cristianismo Puro e Simples*, Lewis também se refere à matemática da pessoa virtuosa: "They have a certain tone or quality which is there even when he is not playing, just as a mathematician's mind has a certain habit

Podemos afirmar resumidamente, então, que a razão humana é um instrumento sujeito a regras básicas ou leis como as já comentadas anteriormente. O primeiro princípio para evitarmos abusos é este: o constante confronto com a realidade, ver a realidade como ela é. São precisamente essas regras que o professor procura ensinar às crianças em *LF*.

Além de um tratado sobre a razão, *LF* nos inspira a um tratado sobre o brincar, extremamente relevante, do ponto de vista pedagógico. Deus brinca com os homens.[15] Aslam brinca com as crianças.[16]

Uma das formas de expressão do lúdico no homem é a literatura e particularmente o conto de fadas.

Lewis traduz em prática o potencial do conto de fadas, permitindo-se esta grande brincadeira que é o *LF*, sem omitir ou desvirtuar o sentido mais profundo dos princípios humanos inerentes a ela.

Nessa e em outras obras revela-se novamente o estilo de ficção lewisiana, caracterizado por procedimentos comuns e constantes, tais como: o uso de metáforas e parábolas; o confronto de ficção e realidade (como ao final de *O Grande Abismo*, quando o personagem principal desperta e descobre que tudo não passou de um so-

and outlook which is there even when he is not doing mathematics. In the same way a man who perseveres in doing just good actions gets in the end a certain quality of character. Now it is that quality rather than the particular actions which we mean when we talk of 'virtue'". (*Joyful Christian*, p. 124 e *Mere Christianity*, p. 76-77)

[15] Na Bíblia Sagrada lemos que o temor do Senhor é a alegria dos homens, ao mesmo tempo que é fonte de sabedoria (Eclesiástico 1.11 et seq.).

[16] Para a dimensão pedagógica do brincar, ver Lauand, "Tratado sobre o brincar" in *Oriente & Ocidente*, 1995b, p. 42 et seq.

nho...); a inversão da hierarquia "ordinária" das coisas (por exemplo, quando o fauno fica espantado em ver um ser humano e o título dos livros que se encontram na sua estante — *É o Homem um Mito?*); o confronto entre diferentes dimensões da mesma realidade (como quando Eustácio e Gilda encontram os gigantes em *A Cadeira de Prata*); a reprodução de conteúdos constantes, "encarnados" de diferentes figuras (a alegria — *joy* — representada pelo veado branco em *LF*, pela nova Eva em *Perelandra*; pelas Ilhas Solitárias em *The Pilgrim's Regress* etc.); o jogo com figuras iguais, de sentido diverso (a imagem do leão ora é Aslam, ora um animal falante, ora mera estátua); o acordo possível entre o mundo interior e exterior das personagens (como na história da princesa Orual de *Till we Have Faces*, que vivia escondida por um véu, devido à sua feiúra e que, por um ato de nobreza, acaba ficando tão bela quanto sua irmã Psique); e, finalmente, a hierarquia existente entre as coisas de primeira e de segunda relevância ética na vida dos homens (expressas, por exemplo, em *Cartas do Coisa-Ruim*, em que todo o esforço do diabo-mor é de enganar o homem e fazê-lo trocar o que é essencial pelo secundário, como dizíamos alhures...).

A partir daí, redunda agora necessário aprofundarmos o aspecto mais específico do estilo ou racionalidade intrínseca ao *LF*, que é altamente sugestivo para o estabelecimento de analogias, paralelos e alusões, principalmente no que diz respeito às Sagradas Escrituras, numa aproximação em direção à pedagogia moral subjacente a esta grande parábola.

3

ALUSÕES DA PARÁBOLA LEWISIANA À BÍBLIA

Uma vez traçados os primeiros paralelos entre *LF* e a Bíblia, sugeridos por Lauand e por nós aprofundados, e após termos já discutido os princípios fundamentais subjacentes à crônica, discutiremos outras possibilidades de interpretação, baseando-nos em estudos existentes e também nos nossos próprios *insights*. E a perspectiva que ora privilegiaremos será a pedagógica e metodológica.

Do ponto de vista meramente didático, embora o próprio Lewis nunca o tenha explicitado nesses termos, podemos, sim, considerar *LF* uma autêntica parábola[1] filosófico-antropológica que, como *The Screwtape Letters*, não está interessada em discutir a existência ou não de feiticeiras, animais falantes, elfos, diabos, Baco etc. Esse tipo de especulação, aliás, não é o que interessa aos leitores que realmente compreenderam e estão abertos para o "espírito da coisa".

---

[1] De acordo com o Dicionário Aurélio, "parábola" é "Narração [...] na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior". E "metáfora" significa "Tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado".

Em uma de suas cartas a fãs, Lewis mesmo recomenda o tipo de comparação que estamos autorizados a fazer entre *LF* e a Bíblia, elucidando com maior precisão o sentido de suas imagens, que não é assim tão óbvio, mas que, por outro lado, também não é tão oculto e distante quanto possa parecer:

1. A criação de Nárnia representa o Filho de Deus criando um mundo [...].
2. Jadis colhendo a maçã (em *The Magian's Nephew*) representa o pecado de Adão, um ato de desobediência mas que não preencheu o mesmo espaço na vida dela que a maçã ocupou na vida dele. Ela já estava decaída, e muito, antes mesmo de comê-la.
3. A Mesa de Pedra deve lembrar o altar de Moisés.
4. A paixão e ressurreição de Aslam mostram como a Paixão da Ressurreição de Cristo teria sido naquele mundo — como no nosso mundo, mas não exatamente igual.
5. Edmundo é como Judas: uma víbora, um traidor. Mas, ao contrário de Judas, ele se arrepende e é perdoado (como Judas sem dúvida teria sido, se tivesse se arrependido).[2]

[2] "1. The creation of Narnia is the Son of God creating a world [...].
2. Jadis plucking the apple is, like Adams's sin, an act of disobedience, but it doesn't fill the same place in her life as his plucking did in his. She was already fallen (very much so) before she ate it;
3. The Stone Table is meant to remind one of Moses's table;
4. The passion and resurrection of Aslam are the Passion and Ressurection Christ might be supposed to have had in that world — like those in our world but not exactly like.
5. Edmund is, like Judas, a sneak and traitor. But unlike Judas he repents and is forgiven (as Judas no doubt would have been if he's repented)." (Hooper, 1979, p. 110)

Lewis dá uma explicação semelhante para a interpretação de *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*:

> Para os que compartilham dessa minha opinião meus diabos serão símbolos de uma realidade concreta, e, para outros, personificações de abstrações e o livro uma alegoria. Mas pouca diferença faz de que modo é lido, visto que está claro que não se propõe a especular sobre a vida diabólica e sim lançar luz, a partir de um novo ângulo, sobre a vida humana. (p. 10)

Ou seja, o leitor que não crê no diabo saiba que ele é um tratado sobre o homem. No caso de *LF*, permeados de intranscendentes (ou aparentemente intranscendentes), os diálogos entre as crianças apresentam profundas incidências antropológico-filosóficas e teológicas.

Nesse sentido, a melhor chave para a leitura de *LF* como imagem do mundo em seu estado atual encontra-se, parece-nos, no final de "A Invasão", em *Cristianismo Puro e Simples*, que vale citar:

> Um território ocupado pelo inimigo, eis o que é este mundo. O Cristianismo é a história de como o rei justo desembarcou (poderíamos dizer, desembarcou disfarçado) e nos chama para participar em uma grande campanha de sabotagem. (p. 25)

Nessa grande campanha de anúncio da boa nova ao mundo vale tudo: anões, faunos e até Baco pode entrar na história, desde que sempre de forma não-maniqueísta, automaticamente boa ou má. Para não causar estranheza aos adultos ou confusão aos leitores infantis, Lewis separa nitidamente os animais decaídos de Nárnia, que

são os que escolheram deliberadamente servir a feiticeira e, com isso, perderam a fala, e os animais falantes de Nárnia.

Entre eles encontram-se figuras mitológicas conhecidas e de sentido tradicionalmente "pagão". Entretanto, Lewis faz a proeza de inseri-los num contexto mais amplo e de fundo nitidamente cristão. Ainda assim, figuras como a própria Feiticeira, Baco e Papai Noel são criticadas por certos leitores e críticos de Lewis. O fato de Papai Noel ter aparecido antes da morte de Aslam, por exemplo, gera, até hoje, muita polêmica, alimentando disputas acadêmicas e debates de grupos internacionais. É claro que essas figuras também dão ocasião às mais nebulosas associações e interpretações freudianas.

Ford (1994, p. 78 et seq.), que estudou a vida e obra de Lewis por mais de trinta anos e fundou a *Southern California C. S. Lewis Society*, estabelece um quadro comparativo de *allusions*. Para ele, igualmente, não se pode fazer uma exegese de *LF*. O que podemos fazer é estabelecer paralelos e relacioná-los à Bíblia. Para começar, Ford observa que, ao ingressar em Nárnia, o fauno chama Lúcia de "Filha de Eva". Isso pode ser comparado ao que Paulo diz em Romanos 5.12, quando descreve a entrada do pecado e da morte por meio de "um só homem" no mundo, e que, por isso mesmo, foi necessário que "um só homem" resgatasse a humanidade.

Em seguida, Ford comenta a urgência do encontro pessoal com Aslam. De acordo com ele, a preocupação de Susana, a respeito de se as crianças iriam chegar a ver

Aslam um dia,[3] pode ser comparada à passagem bíblica em que Simeão, pouco antes de sua morte, recebe o menino Jesus no templo e o reconhece exclamando: "Porque meus olhos viram Tua salvação".[4]

Outro aspecto destacado por Ford diz respeito ao "velho poema", que os narnianos costumam cantar[5] para lembrar a vinda de Aslam. Ford estabelece uma comparação, verso a verso, com os seguintes trechos da Bíblia:

"O mal será bem quando *Aslam* chegar" e os milagres que Cristo dava a conhecer somente aos discípulos em respeito às profecias.[6]

"Ao seu rugido, a dor fugirá, Nos seus dentes, o inverno morrerá, Na sua juba, a glória há de voltar" e a canção de volta do povo judeu do exílio na Babilônia.[7]

Ford compara ainda "Então há de chegar ao fim da aflição" à profecia a respeito do ingresso do povo de Israel na Terra Prometida.[8]

Quanto à "outra das nossas velhas canções":
Quando a carne de Adão,
Quando o osso de Adão

[3] "— Quando vocês virem Aslam, hão de entender tudo.
— E chegaremos a vê-lo um dia? — perguntou Susana.
— Mas é claro, Filha de Eva: foi para isso que eu trouxe todos até aqui. Vou guiá-los até ele." (*LF*, p. 73)

[4] Lucas 2.30. Da nossa parte lembramos ainda de 1 Co 2.9: "O que olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam".

[5] *LF*, p. 73.

[6] Mateus 12.18-20.

[7] Oséias 11.10.

[8] Isaías 65.19.

Em Cair Paravel,[9]
No trono se sentar.[10]

Isso faz Ford lembrar da canção entoada por Adão ao ver Eva pela primeira vez no Jardim do Éden.[11]

Os presentes, aliás "ferramentas" distribuídas pelo Papai Noel,[12] são comparados ainda à "armadura de Deus" composta pela "cinta" da verdade, a "couraça" da justiça, a "sandália" da preparação do evangelho da paz, o "escudo" da fé, o "capacete" da salvação e a "espada" do Espírito.[13]

Ford compara ainda o primeiro encontro das crianças com Aslam[14] com a exortação de Paulo para seguirmos "com os olhos fixos nAquele que é o autor e realizador da fé, Jesus, que, em vez da alegria que lhe foi proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e se assentou à direita do trono de Deus".[15]

Em contraste à "magia da feiticeira", que pode ser interpretada como a sabedoria dos homens, a "magia pro-

---

[9] Ford faz uma "arqueologia" do nome "Cair Paravel": "The etymological derivation is probably from *kaer*, which is an old British word for 'city' (see *They Stand Together*, Walter Hooper edition — New York, Macmillan Publishing Co., 1979; London; Collins, 1979, p. 263), and *paravail*, from the Old French *par aval*, meaning 'down' and latin *ad vallem*, 'to the valley'. Thus Cair Paravel is a 'city in the valley', and takes its' name from its' castle". — "Provavelmente Cair Paravel deriva de *kaer*, que no inglês antigo significa 'cidade' e *paravail*, do francês antigo *par aval*, que quer dizer 'para baixo', ou *ad vallem*. Assim, Cair Paravel é a 'cidade do vale'." (Ford, 1994, p. 91)

[10] *LF*, p. 74.

[11] Gênesis 2.23.

[12] *LF*, p. 98. Esse trecho nos lembrou muito ainda Romanos 13.6a, segundo o qual todo cristão recebe um dom divino.

[13] Efésios 6.11-17.

[14] *LF*, p. 113.

[15] Hebreus 12.2.

funda" (magia, como dissemos, no bom sentido de a "lógica de Deus") é comparável ao seguinte trecho da Epístola aos Hebreus:

> a fim de que a vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus. No entanto, é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos, sabedoria que não é deste mundo nem dos príncipes deste mundo, voltados à destruição. Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para a nossa glória. (1 Coríntios 2.5-8)

Mágica é sempre uma experiência transcendente e numinosa, sobre a qual Ford esclarece:

> A magia evoca, a princípio, a imagem de feiticeiros maus, encantamento e os instrumentos que encontramos em Nárnia: a varinha petrificante da Feiticeira Branca em *LF*; o manjar turco; a maldição dos cem anos de inverno, lançada sobre Nárnia [...]. Mas o guarda-roupa que dá acesso a Nárnia para as crianças também é mágico; temos aqui uma sugestão de Lewis de que a magia boa pode tê-los perseguido para Nárnia e Nárnia conhece os bons mágicos [...]. A magia profunda com que a feiticeira conta para garantir o seu triunfo sobre Aslam não é exatamente o que ela pensa ser — suas dimensões reais incluem uma magia ainda mais profunda, que desfaz toda a maldade dela. Em poucas palavras, as *Crônicas* não apresentam uma batalha entre o cenário comum, natural e as forças mágicas e artificiais das trevas. O cenário comum, natural, é antes um campo da batalha em que a magia boa entra em confronto com a má, precisamente porque o coração humano é, definitivamente, o estágio em que se dá o mistério, a graça luta com o mistério do mal [...]. Em *O Peso da*

> *Glória*, Lewis diz, "Vocês acham que eu estou tentando tramar um feitiço que possa ser encontrado para despertar-nos do encanto de mundanismo, que nos foi imposto por quase cem anos!"[16]

É claro que Lewis não "inventa" tal magia. E nem precisa, pois ele acredita que ela existe mesmo, uma magia capaz de nos curar das nossas fraquezas mundanas.

A mágica da feiticeira é a mágica do "mundo" ou *mundus* (o que pode estar relacionado ao nome de "Ed-mundo"). A mágica de antes do tempo é a mágica do Criador.

Contudo, por mais polêmico que possa parecer o tipo de debate gerado em torno da magia profunda e da magia ainda mais profunda, um ponto pacífico e indubitável é que a morte e ressurreição de Aslam é, de fato, uma alusão à Paixão de Cristo, no sentido de que

[16] "Magic at first calls to mind various evil enchanters, enchantments, and instruments we encounter in Narnia, the petrifying wand of the White Witch in *LWW*; Turkish Delight; the spell of the Hundred Years of Winter that lies over Narnia [...]; But the wardrobe that lets the children into Narnia is also magic; there is a hint from Lewis that good magic may have chased them into Narnia and Narnia knows good magicians [...]. The Deep Magic, which the witch counts on to insure her triumph over Aslam, is not quite what she takes it to be — its real dimensions include a yet Deeper Magic, that undoes all her evil. In short, the *Chronicles* do not present a battle between the ordinary, natural scene and dark, unnatural magical powers. The ordinary, natural scene is rather the battlefield on which the good magic confronts the bad, just as ultimately the human heart is the stage on which the mystery of grace wrestles with the mystery of evil [...]. Lewis spoke in *The Weight of Glory*, 'Do you think I am trying to weave a spell? Perhaps I am; but remember your fairy tales. Spells are used for breaking enchantments as well as for inducing them. And you and I have need of the strongest spell that can be found to wake us from the evil enchantment of worldness which has been laid upon us for nearly a hundred years". (Ford, 1994, p. 285-286)

> ambos são cruelmente amarrados e sumariamente executados, ambos os corpos recebem cuidados de amigos [...]. E, dado o desaparecimento das vistas de todos (a mesa vazia sugere o túmulo vazio), ambos têm que provar aos seus queridos que estão realmente vivos, e vivos em um novo corpo.[17]

Ford compara ainda o perdão dos irmãos, após a morte e o resgate de Edmundo, às palavras maravilhosas de Aslam[18] e à promessa de Deus aos judeus de que já podem esquecer as "angústias passadas".[19]

Além de Ford, outro autor, Hinten, também se aventurou a estabelecer paralelos entre *LF* e a Bíblia. Faremos uma seleção dos seus principais *insights*.

Pedro, Susana e Lúcia podem ser representantes dos três discípulos que Jesus amava e que o acompanharam ao monte para a Transfiguração (João 20.2, 21.7 etc.).

Note-se ainda que, na sua primeira versão, os personagens eram outros:

> Ann, Martin, Rose e Peter, o mais novo, como prova de que originalmente não havia nenhuma intenção cristã em *LF*, mas que a história *foi se tornando* cristã, como o próprio Lewis confessou. (Hinten, 1996, p. 64 et seq.)

[17] "both seek the comfort of a few close friends, both suffer ridicule and torture at the hands of their enemies, both are cruelly tied down and savagely executed, the bodies of both are ministered to by friends [...]. And rising out of sight of anyone (the empty table suggests the empty tomb), both must reassure their loved ones that they are indeed alive, and alive in a new way." (ibidem, p. 21)

[18] Aliás, as crianças poupam Edmundo de ficar sabendo das dimensões do sacrifício que Aslam fez por ele. (*LF*, p. 124)

[19] Isaías 65.16.

O autor compara ainda os "Filhos de Adão" à origem hebraica de *Adam*, que significa *homem* (idem, p. 66).

O nome do professor, no original inglês, *Kirke*, vem do nome escocês e turco para igreja (*Kirk*). Há ainda uma alusão ao nome do antigo professor particular de Lewis, *Kilpatrick*. Ou seja, as crianças entram em Nárnia pela casa do professor Kirk, há um tempo representante da Igreja (o templo institucional *e* o corpo de Cristo) e o conhecimento formal. De acordo com *O Sobrinho do Mago*, o guarda-roupa que está na casa é feito da mesma madeira da árvore que Ari plantou para obter a maçã mágica, que viria a salvar a vida da sua mãe. A velha casa não existe mais, foi derrubada e reaproveitada.

Quanto a esse ponto, observamos, da nossa parte, que certamente Lewis não quer dizer com isso que o pecado entrou no mundo, necessariamente, por meio de uma maçã, ou que a Igreja traga a salvação, mas somente que "carecemos" dela e que a igreja pode vir a tornar-se um meio para tanto.

Hinten também explora as origens antigas de alguns nomes, tais como *Aslam* ou *Arslam* (provavelmente do turco — leão), Jadis (do francês antigo — velha), *Fenris Ulf* (ou polícia secreta, que na versão britânica e portuguesa foi adaptado para *Maugrim*, uma alusão a *grim maw* ou *enjoado e rígido* e lobo mau em turco), e matrizes arquetípicas da mitologia norueguesa (Hinten, p. 69 et seq.).

Hinten compara ainda a primeira vez que as crianças ouvem falar de Aslam ao efeito do nome do Leão da Tribo de Judá.[20]

[20] Cf. Apocalipse 5.5.

Podemos citar ainda as seguintes alusões feitas pelo autor:

1. A espada de Pedro, dada pelo Papai Noel e usada na sua Primeira Batalha, e o bom conselho que Aslam dá a Pedro de lembrar de "limpar a espada" após o serviço de justiça e a função da Palavra de Deus na vida dos homens, além daquela célebre cena em que Pedro, cheio de ira, decepa uma das orelhas de um guarda que pretendia levar Cristo preso.[21]
2. A Mesa de Pedra pode ser comparada às tábuas da Lei, dadas por Deus a Moisés no Monte Sinai.
3. Algumas das criaturas da feiticeira sofrem metamorfose, sendo animalescas nos membros inferiores, numa alusão à depravação sexual do homem, descrita em Romanos 2. A atuação de Baco pode igualmente ser uma alusão à corrupção sexual e à luxúria humanas.
4. A lei, inscrita na Mesa de Pedra, de que o sangue de todo traidor pertence à feiticeira e à Lei do Pecado e Morte.[22]
5. Quando a feiticeira lembra Aslam da necessidade de derramamento de sangue para compensação da traição cometida por Edmundo e as muitas referências bíblicas ao sangue, como purificador do pecado.[23]

[21] Ver, quanto a isso, Mateus 26.51-52; Marcos 14.47; João 18.10-11; Romanos 13.3-4; Efésios 6.17; Hebreus 4.12; Apocalipse 19.15 e 21.

[22] "Sabes que todo traidor, por direito é presa minha, e que tenho direito de matá-lo" (*LF*, p. 126) e "Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna". (Romanos 6.23).

[23] Ver Hebreus 9.22. Além da passagem acima, podemos citar as seguintes passagens do Novo Testamento que se referem à necessidade humana de salvação (por isso é que Cristo veio quebrar de uma vez por todas a maldição do

6. A impotência de Edmundo diante da feiticeira (só lhe restava obedecê-la, humilhando-se, e esperar por Aslam...) e a resposta de Cristo ao pedido de São Pedro de segui-lo para onde Ele estava prestes a ir.[24]
7. As palavras do Leão, às vésperas de seu martírio, e as palavras de Cristo no Getsêmani.[25]
8. A descrição de Lewis do sofrimento de Aslam,[26] e a argüição de Cristo de que, se quisesse, poderia convocar legiões de anjos para salvá-lo da morte.[27]
9. A via dolorosa de Cristo[28] e as torturas sofridas por Aslam.
10. O encontro de Susana e Lúcia com Aslam após a sua ressurreição pode ser comparado ao encontro de Marta e Maria com Cristo ressurreto.[29] A suspeita de Susana de Aslam ser um fantasma e o susto dos discípulos de Cristo ao verem-no ressurreto.[30]
11. O fato de, na mesma noite, Aslam ter brincado com as meninas até o raiar da estrela da manhã e do novo dia pode ser uma alusão à estrela da manhã, mencionada no Apocalipse, como sinal da vinda breve do fim do apocalipse e a criação do novo céu e nova terra.[31]
12. Já na batalha contra a feiticeira, Edmundo é curado pelo licor mágico de Lúcia, o que é comparável à oração pelos doentes como instrumento miraculoso, mencionada em Tiago.[32]

Hinten encerra sua análise chamando a atenção para a crítica pedagógica que Lewis expressa na figura de Edmundo, cuja reação ao encontro com a Feiticeira Branca e queda na sua retórica sedutora se atribui à péssima escola que teve.

É claro que a riqueza das imagens usadas por Lewis reflete igualmente as realidades particulares por ele vividas na infância, e, com as quais, de uma forma ou outra, muitos leitores se identificam.

Aliás, um especialista em Lewis, que também foi seu secretário, Walter Hooper (1979), já chamava a atenção para essa característica marcante dos contos de Lewis, que, para ele, supera até mesmo um Walt Disney,[33] observando que, quanto mais tempo as crianças permanecem em Nárnia, mais familiarizadas ficam com o seu ambiente e mais assimilam poderes, digamos assim, "metafísicos" ou sobrenaturais.[34]

pecado, que impede a chegada do Natal ao coração humano). Cf. ainda Mateus 9.20, 16.17, 23.30, 23.35, 26.28, 27.4, 27.6, 27.8, 27.24, 27.25; Marcos 5.25, 5.29, 14.24; Lucas 8.43, 8.44, 11.50, 11.51, 13.1, 22.20, 22.44; João 1.13, 6.53 et seq., 19.34; Atos 1.19, 2.20, 2.30, 5.28, 15.20, 15.29, 18.6, 20.26 et seq., 21.25, 22.20; Romanos 3.15, 3.25, 5.9; 1 Coríntios 10.16, 11.25, 11.27, 15.50; Gálatas 1.16; Efésios 1.7, 2.13, 6.12; Filipenses 2.17; Colossenses 1.20.

[24] Cf. João 13.36.

[25] "Então lhes disse, 'Minha alma está triste até à morte'." (Mateus 26.38)

[26] "Deitaram o leão de costas. Amarram-lhe as quatro patas, gritando e dando vivas, como se tivessem cometido um ato de bravura. Claro que, se o leão quisesse, uma patada seria a morte para eles. Mas ficou quieto, mesmo quando os inimigos rasgaram a sua carne de tanto esticarem as cordas." (*LF*, p.135)

[27] Cf. Mateus 26.53.

[28] Cf. Mateus 26.67 e Lucas 22.63.

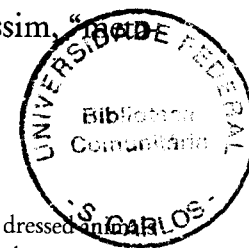
[29] Cf. Marcos 16.3.

[30] Cf. Lucas 24.37.

[31] Cf. Apocalipse 22.16.

[32] Cf. Tiago 5.15.

[33] "I find much of Walt Disney's work very pleasant, but his dressed animals do not seem to me much like the animals they are intend to represent. Perhaps they are not supposed to be . For whatever reason I don't think it could be claimed that Mickey Mouse is very mousy, Pluto very doggy. On the other hand, the narnian animals whether they can talk or are dump, retain the qualities that endear them to us." (Hooper, 1979, p. 77)

[34] "Then, as the children and many of the animals they have come to love follow Aslam further into the country, their sense of strangeness wears off

É interessante notar ainda a importância que se dá no texto bíblico, da mesma forma como em *LF*, aos aspectos sólidos e concretos do mundo.

Quando ingressa no mundo de Nárnia, por exemplo, Lúcia sente a neve embaixo dos seus pés e encontra o fauno à luz de um candeeiro, que virá a tornar-se famoso. Este nos lembra do também famoso candelabro do santuário do primeiro templo judeu (Cf. Êxodo 25.31 et seq.).

Somente o fato de Lúcia ter deparado, naquele mundo enevado e fantástico, com um fauno carregando pacotes, evidentemente logo leva o leitor a associar a cena ao Natal.

Como se sabe, o Natal tem uma ampla história folclórica, principalmente se considerarmos a mitologia nórdica. Em todos os casos, Lúcia saberá, já no capítulo seguinte, que o fauno não tem muito motivo para festejar naquele instante. Para situar Lúcia nesse mundo, o fauno esclarece:

until it eventually dawns upon them that the reason why everything looks so familiar is because they are seeing for the first time the 'real Narnai'of which the old one had been a copy. As they rejoice in this discovery, Lord Digory, whom we first met as old Professor Kirke in *LWW*, explains the difference between the two, adding, 'It's all in Plato, all in Plato, bless me, what do they teach them at these schools' (ch. XV). He is referring in the main, perhaps, to Plato's *Republic* and to *Phaedo*, in which Plato writes about immortality and the unchanging reality behind the changing forms. One very important detail, overlooked perhaps by the majority of readers as it is blended so perfectly into the narrative, concerns the manner in which resurrected bodies differ from earthly ones. The children discover that they can scale waterfalls and run faster than an arrow flies. This is meant to be a parallel to the Gospel accounts of Christ's risen body, thought still corporal, He can move through a locked door (John XX, 19) and ascend bodily into Heaven (Mark XVI, 19)." (ibidem, p. 132 et seq.)

— Aqui é a terra de Nárnia, tudo que está entre o candeeiro e o grande castelo de Cair Paravel, nos mares orientais. Você veio das Matas do Ocidente? (*LF*, p. 16-17)

Há nesse trecho uma clara alusão ao confronto de culturas vivido no pós-guerra e na vida pessoal de Lewis, introduzido às coisas do Oriente por meio da literatura e das cartas trocadas com o irmão, que serviu na Índia. Evidentemente ele mesmo e as crianças são representantes e adeptos da visão de mundo ocidental.

Em seguida, o fauno revela que em Nárnia é "sempre inverno" (*LF*, p. 17), levando Lúcia para uma "caverna quentinha e limpa" (ibidem, p. 19), uma alusão ao estado de guerra e sofrimento em que Nárnia se encontrava — a caverna lembra muito os abrigos antiaéreos usados durante a Segunda Guerra Mundial. Como no caso do próprio guarda-roupa, Lewis faz aqui novamente o jogo entre o mundo interior (quentinho e limpo) e o exterior (frio e sujo).

Já na caverna do fauno, Lúcia fica sabendo da época feliz da história e do folclore de Nárnia, ao observar os títulos de alguns livros da prateleira, com os quais Lewis faz uma genial inversão:

A Vida e as Cartas de Sileno; *As Ninfas e Suas Artes*; *Monges e Guardas do Bosque*; *Estudo da Lenda Popular*; *É o Homem um Mito?* (ibidem, p. 19)

Isto é, a realidade do mundo de Londres é colocada em dúvida, em detrimento do mundo que Lúcia conhecia como mundo dos mitos.

O fauno lembra muito bem dos tempos áureos de Nárnia, numa clara alusão de Lewis à importância da

tradição e do folclore de um povo para a preservação de sua memória:

> Então corria vinho nos riachos, em vez de água, e toda a floresta ficava em festa durante semanas. "Infelizmente agora é sempre inverno" — acrescentou o fauno tristemente. E, para distrair-se, tirou duma caixinha uma flauta pequena e esquisita. (*LF*, p. 20)

Vemos nesse trecho a visão bíblica do autor a respeito dos prazeres mundanos, que aparece em muitos outros trechos. Na Bíblia, o vinho, que não é bom nem mau em si mesmo, representa o prazer e a vida (como no caso do famoso milagre da transformação da água em vinho — Jo 4.46), mas também pode representar o furor de Deus (Ap 19.15), a prostituição e a corrupção (Ap 17.2). Paulo até o recomenda a Timóteo como remédio contra gastrite (1 Tm 5.23). O vinho sempre nos lembra festa e evoca nostalgia. Mas Paulo exorta os Efésios a não se embriagarem com vinho, mas encherem-se do Espírito de Deus (Ef 5.18). Essa visão equilibrada, do prazer na medida certa, pode ser encontrada por todo *LF*.

Quando o fauno fala da feiticeira e confessa o plano dela contra os garotos, ele exagera sua confissão um pouco, contando até o que ainda não havia ocorrido. Nesse e em outros trechos, Lewis mostra a lógica diabólica, que excentriza tudo e, no final, tenta isentar-se da culpa:

> Não, eu sou um fauno mau. Acho que nunca existiu um fauno tão ruim desde o começo do mundo. (*LF*, p. 22)
> Mas, no final das contas, a culpa para tanta desgraça é da Feiticeira Branca:
> Por causa dela roubo crianças. (ibidem, p. 23)

Lewis mostra aqui, em outras palavras, novamente a tendência humana ao egocentrismo e orgulho. Principalmente em momentos de confissão, tendemos ao exagero, porque sabemos que, no fundo, a dívida que temos para com o nosso próximo e para com Deus é impagável. E, quando subitamente nos conscientizamos desse fato lamentável, tendemos a nos esconder:

> Tumnus sempre escolhia os lugares mais escuros. (*LF*, p. 24)

Isso nos lembra o trecho bíblico que relata a reação de Adão e Eva diante do reconhecimento de sua nudez:

> E este respondeu: "Ouvi teus passos no jardim. Fiquei com medo porque estava nu, e me escondi". (Gênesis 3.10)

Aliás, essa atitude de medo impera em Nárnia desde quando foi subjugada pela feiticeira. Os efeitos do medo e da vergonha são devastadores e suas origens encontram-se profundamente arraigadas no homem, desde Adão, a ponto de ele infundir medo aos seres que lhe são inferiores.[35]

Edmundo parece querer amedrontar, com suas insinuações:

> — Então você andou escondida, hein? (*LF*, p. 27)

Quando Lúcia conta a respeito de Nárnia aos irmãos, eles vão verificar o fundo do guarda-roupa, e até Pedro usa uma espécie de ironia contra ela. É claro que ele mesmo estava assustado com a história toda, tanto que se propôs a investigar.

[35] Cf. Gênesis 9.2.

Mas quando Edmundo resolve seguir Lúcia, sem que ela notasse, para dentro do guarda-roupa, quando se vê sozinho no mundo de Nárnia, chama por ela. E quando não tem resposta, conclui:

— Deve estar zangada comigo, pensou. (*LF*, p. 31)

Ou seja, podemos ver aí a lógica egocêntrica humana que nos faz projetar nosso próprio mundo interior nos outros e supor coisas inexistentes e fictícias, que nos amedrontam, a ponto de nos dizermos "arrependidos":

— Lu! estou arrependido por não ter acreditado. (ibidem, p. 32)

Mas, logo no primeiro encontro com a Feiticeira Branca, Edmundo esquece até da existência de Lúcia e fica encantado com a riqueza, o poder e a magia da rainha. Todos nós conhecemos inúmeras histórias de feiticeiras e varinhas mágicas, realizadoras dos mais profundos desejos. Na Bíblia temos a famosa vara de Arão, por meio da qual Deus fez alguns milagres diante do povo de Israel[36] e mais 36 referências no Antigo Testamento. Ao contrário dos contos de fadas, porém, as "varas" a que se refere a Bíblia nunca são usadas ao bel-prazer do homem, nem para satisfazer algum capricho ou desejo de poder, mas para tirar o povo de encruzilhadas difíceis e para sua disciplina.

Quanto ao manjar turco, que aparece no capítulo 4, ele nos leva a refletir a respeito da temática complexa da disciplina. Apesar de estar já todo lambuzado de manjar turco, Edmundo ainda se lembra da etiqueta de mesa:

[36] Cf. Êxodo 7.12; Números 20.8-11 e Hebreus 9.4.

A princípio, lembrou-se de que é feio falar com a boca cheia, mas logo se esqueceu, absorto na idéia de devorar a maior quantidade possível de manjar turco. E quanto mais comia, mais sentia vontade de comer. (*LF*, p. 37)

Essa cena hilariante se parece muito com aquelas dos filmes de cinema, em que o *serial killer*, depois de cometer uma série de assassinatos, fica preocupado com seu cabelo despenteado ou com a mancha no paletó. Um aspecto importante do vício é essa desproporção, essa falta de medida adequada para as coisas, que Edmundo mostra no seu desejo compulsivo:

Ficaria a comer, a comer, até estourar. (ibidem, p. 38)

Vemos aqui como o vício é algo, sem dúvida, física e psiquicamente autodepreciativo, como nos mostra o trecho seguinte:

Estava muito corado, com a boca úmida, mas, fosse qual fosse a opinião da rainha, não parecia bonito, nem inteligente. (ibidem, p. 39)

Como um embriagado, Edmundo torna-se sensível e inseguro, esquecendo até o caminho de volta para casa (uma desculpa para ficar mais um pouco). E o interessante é que a feiticeira usa o mesmo poste de luz usado pelo fauno para indicar o caminho:

— Mas eu nem sei como voltar.
— É muito fácil, está vendo aquela luz? (ibidem, p. 38)

A feiticeira usa de todas as táticas e artimanhas para seduzir Edmundo, dizendo que nunca teve filho e agora

resolveu adotá-lo como príncipe de Nárnia. Chega até a apelar para o orgulho dele:

> Um rapaz inteligente como você vai achar um jeito de trazê-los até a colina... (*LF*, p. 40)

Ela domina o rapaz e impõe as regras de um novo jogo, que Edmundo não pode ousar infligir. Quando ele pergunta por que não haveria de ser coroado logo príncipe de Nárnia, ela é irredutível:

> — Não, não — disse a rainha, com uma risada. — Você tem que esperar pela próxima vez. (ibidem, p. 40)

Esse processo de sedução nos remete à história dos gêmeos Jacó e Esaú, na qual Esaú põe a perder a sua herança por um prato de lentilhas.[37]

De acordo com a definição bíblica, Lúcifer é, acima de tudo, o "pai da mentira".[38] Como Jacó, disfarça-se do que não é para herdar os direitos de progenitura. E a história é tão terrível que marca o destino de uma nação toda.

Semelhantemente, Edmundo não tem consciência do que está pondo em risco aqui e pouco se importa em investigar a afirmação de Lúcia a respeito da feiticeira:

> Uma pessoa horrorosa. Diz que é a rainha de Nárnia, embora não tivesse direito de ser rainha. (ibidem, p. 41)

E quando Edmundo pergunta como Lúcia tinha tanta certeza disso, ela diz que foi um fauno "dos bons" que lhe contou a história. Vemos aí novamente o antimaniqueísmo de Lewis.

---

[37] Cf. Gênesis 25.31 et seq.

[38] Cf. João 8.44.

A fala entusiasmada de Lúcia contrasta com o aspecto cansado e pálido de Edmundo, de tanto comer manjar turco, e o faz ficar ainda pior. Isso nos lembra a advertência de Deus a Adão e Eva de que, se comessem da árvore do discernimento do bem e do mal, provariam o gosto da morte (Gênesis 3.3 et seq.).

Edmundo assume a atitude covarde de Adão ao perceber que estava nu e esconder-se, enquanto Lúcia, em sua ingenuidade, se alegra com a idéia de contar toda a sua maravilhosa experiência aos outros:

> Além disso, não sabia o que havia de dizer ou como guardar segredo, quando todos estivessem falando de Nárnia. (*LF*, p. 42)

Pessoas alegres e abertas como Lúcia tendem a sofrer muito neste mundo, que é mais generoso com os lobos do que com as ovelhas.

No capítulo 5 ficamos sabendo que, no fundo, Edmundo sabia que Lúcia estava certa, e precisamente isso o irritava ao máximo:

> Até aquele instante, Edmundo tinha-se sentido mal-disposto, mal-humorado, aborrecido com Lúcia, porque ela estava certa: mas não tinha resolvido o que fazer. (ibidem, p. 43)

Vemos aqui novamente a debilidade e o caráter passageiro dos argumentos e dos poderes da feiticeira, impotente para destruir o que é certo.

Edmundo não tem coragem de assumir a verdade e até Susana tenta evitar a responsabilidade de um julgamento mais sério do caso de Lúcia:

— Depois escrevemos a papai, se o professor achar que Lúcia não está boa da cabeça; não podemos fazer mais do que isso. (*LF*, p. 45)

Mas a racionalidade fria do professor os ajuda a reencontrar o equilíbrio, em meio a todo aquele conflito, com suas frases célebres, quase que proverbiais, dignas do Tao:

> Não se deve acusar de mentirosa uma pessoa que sempre falou a verdade. (ibidem, p. 46)
> Ora, ora, se as coisas são verdadeiras, estão sempre onde devem estar. (ibidem, p. 47)
> Mas eu gostaria de saber o que estas crianças aprendem na escola! (ibidem, p. 48)
> Cada um trate da sua própria vida. (ibidem, p. 49)

Ao final desse capítulo, Edmundo mostra que despreza o mundo adulto, na mesma proporção em que não sabe valorizar os bons momentos da sua própria vida:

> — Como se a gente fosse perder tempo andando atrás de um bando de gente grande! — resmungou Edmundo. (ibidem, p. 50)

E foi graças a essa fatalidade que as crianças retornam a Nárnia. Ao tentarem desviar-se dos adultos, elas acabam se refugiando no velho guarda-roupa. Nesse sentido, o guarda-roupa pode ser comparado a um bom livro, que lemos para nos refugiar do dia-a-dia cansativo e chato do mundo do trabalho. E os livros sempre tiveram grande importância para Lewis. É evidente que, como toda mediação entre o mundo real e o mundo fantástico, todo livro pode levar igualmente ao escapismo.

Mas no caso de *LF*, trata-se de uma alusão a um livro todo especial, a Bíblia, e a viagem foi empreendida com passagem de volta garantida e marcada.

Lúcia é que assume a atitude certa: espanta todas as preocupações com o fauno e simplesmente experimenta alegria. Em *A Grief Observed*, Lewis recomenda as "ações de graças", que só pode dar aquele que ama, como melhor remédio contra a depressão, o sofrimento e o tédio.[39]

Aliás, para Lewis, as mulheres têm os dons especiais do louvor, da prece e da visão da beleza e do encanto do mundo, sem aquele ceticismo tipicamente masculino, que se desilude tão rapidamente.[40] Assim, para proteger-se contra o frio que fazia em Nárnia, Susana sugere às crianças levarem os casacos, pois, afinal, ninguém iria sentir falta deles, e, também, o uso da imaginação:

> — Vamos fingir que somos exploradores polares. (*LF*, p. 53)

Vemos aqui novamente o concreto concordando com a imaginação para solução de um problema prático. O devaneio torna-se negativo apenas quando serve para nutrir nossos sonhos.

As más intenções logo se revelam:

> — Bonito trabalho! — exclamou Edmundo. — Valeu a pena ter vindo aqui! (ibidem, p. 55)

---

[39] "Yet that would have been best for me. Praise is the mode of love which always has some element of joy in it." (*A Grief Observed*, p. 79)

[40] "For this is one of the miracles of love, it gives — to both, but perhaps especially to the woman — a power of seeing through its own enchantments and yet not being disenchanted." (ibidem, p. 89)

Seu pessimismo é tão contagioso que até Susana fica insegura:

— Eu... só queria saber uma coisa: de que adianta a gente seguir em frente? — quer dizer, acho que não é muito seguro. (*LF*, p. 56)

Quer dizer, às vezes, a verdade é terrível, e, precisamente por isso, precisa ser reconhecida. Nada é certamente pior do que a mentira e a falsidade. Se gostamos da verdade e dela pretendemos nos aproximar, é melhor mantermos os olhos bem abertos, para observar as mínimas coisas da nossa realidade, mesmo sabendo que, com isso, podemos ser feridos pela dureza de certos aspectos dela. Assim, é Lúcia, novamente, que parecia tão ingênua no início da história, que repara no pequeno Pintarroxo, que levaria as crianças até o castor, usando argumentos totalmente perceptivos para justificar o que, na verdade, não passava de uma intuição:

— Não é fácil encontrar um Pintarroxo de papo tão vermelho e de olhos tão brilhantes como aquele. (ibidem, p. 58)

O que parece um pequeno detalhe torna-se grande para ela, como todas as grandes verdades, que, de tão evidentes, passam despercebidas para a maioria das pessoas. Essa passagem nos lembra ainda Provérbios 8, que nos convida a seguir a voz da sabedoria.

Essa mesma sabedoria e sobriedade revelada por Lúcia faz Susana cair em si e anima as crianças a irem em frente. Vemos aqui novamente um exemplo de como a verdade pode ser reconhecida pela via da intuição:

— Tem aqui dentro de mim uma coisa horrível dizendo que Lu está certa — disse Susana. (*LF*, p. 57)

Quando as crianças discutem o que fazer em seguida, Susana, antes tímida e excessivamente preocupada consigo mesma, inspirada ainda pela simplicidade e coragem de Lúcia, reconhece que ela está certa em querer ajudar o fauno, apesar dos perigos nisso implicados:

— Temos de correr o risco! — afirmou Susana. (ibidem, p. 62)

Enquanto isso, Edmundo, falando baixinho, tenta inverter tudo e convencer Pedro a desviar a rota, buscando deixá-lo inseguro:

— Psiu! Não fale tão alto; não vale a pena assustar as meninas. Pensou bem no que estamos fazendo?... E como vamos saber qual é o lado mau? Como é que vamos saber se os faunos estão do lado bom, e a rainha... está do lado mau? (ibidem, p. 59)

A jornada das crianças pela floresta, guiadas por um castor, pode ser comparada à caminhada da povo de Israel pelo deserto, orientado por sinais visíveis de um Deus invisível.[41]

Aliás, quanto mais as crianças penetram na floresta, mais concreto e misterioso vai-se configurando o meio.

Quando as crianças discutem sobre se podem ou não acreditar no castor, Edmundo especula novamente, colocando em dúvida as intenções do castor:

— Se vamos começar a falar de partidos ... como é que vou saber se o senhor é amigo ou inimigo? (*LF*, p. 63)

[41] Cf. Êxodo 13.21.

Evidentemente ele está só querendo ganhar tempo para executar o seu plano de conduzir as crianças até a Feiticeira Branca. O que o impulsiona é o desejo por manjar turco e pelo trono de Nárnia, sem desconfiar da desgraça que isso iria provocar na sua própria vida e em Nárnia. A grande lição nessa cena é esta: todo homem busca, sinceramente, um certo bem, mas quando está "sinceramente enganado" pode ferir pessoas que ama.

Pedro, como bom diplomata, logo vem salvar as crianças da atitude politicamente incorreta de Edmundo.

Assim, o Castor acaba compreendendo a desconfiança das crianças, dando provas concretas de que lado se encontrava, e recomendando que tenham cuidado com "certas" árvores, que poderiam estar do lado da feiticeira, que evitem as clareiras e que fiquem o mais juntas possível umas das outras ao penetrarem mais na floresta. Isso nos lembra o apelo de Cristo à comunhão dos cristãos (1 Coríntios 10.17). Sempre lógico e objetivo, o Castor dá provas concretas às crianças de sua dignidade, apresentando o lenço que Lúcia deixara com o fauno:

> (Castor entregando o lenço) — Aqui está a prova. (*LF*, p. 63)

E, quando elas chegam à casa dos castores, reparam na profundidade do lago, que infelizmente estava congelado e reduzido a uma fina camada de gelo... Vemos aqui outra alusão ao poder da magia profunda, que tem sempre o sentido depreciativo e aplainador da profundidade das coisas, reduzindo-as à superficialidade.

A mensagem aqui parece ser a seguinte: quando perde a consciência de si, o ser humano tende a limitar-se às aparências, à superficialidade e à frieza em relação aos outros e a si mesmo...

Nesse contexto, Edmundo lembra-se do manjar turco e da promessa de ser rei e tem "idéias terríveis". (*LF*, p. 67)

Após o jantar, as crianças ouvem pela primeira vez o nome de Aslam, auge de numinosidade da história de *LF*. O Castor recita as mais maravilhosas canções e profecias de Nárnia, mas Edmundo nem se comove.

Na Bíblia, as profecias e "velhas canções" não têm apenas o papel de antever o futuro, mas muito mais de "lembrar" o homem das coisas sempiternas. Nesse sentido, o costume judaico do sacrifício de manjares e incenso no altar, como ritual de adoração a Deus,[42] tem o duplo sentido de lembrar a limitação humana e sugerir o aroma de Cristo, que anuncia a boa nova, que é a razão da esperança cristã. Aliás, *LF* está cheio de exemplos de otimismo e bom humor, característicos daqueles que têm uma esperança que vai além das circunstâncias. Quando começa a nevar, por exemplo, o castor observa:

> — Melhor! Assim não teremos visitas. E se, por acaso, alguém tentar nos seguir, rasto é que não vai encontrar. (ibidem, p. 70)

Em outras palavras: o que parecia um sinal negativo e pessimista é, na verdade, uma providência divina, uma

---

[42] Cf. Levítico 2; as outras passagens são, Êxodo 17.14; Levítico 2.9, 2.16, 5.12, 6.8, 24.7; Números 5.26, 31.54; Josué 4.7; Esdras 4.15; Tobias 12.12; Ester 1.1-b; 6.1, 10.3-b; 2 Macabeus 2.13, 2.25; Salmos 30.5, 31.13, 34.17, 38.1, 70.1, 97.12, 102.13, 109.15, 111.4, 112.6, 135.13, 145.7; Provérbios 2.1; Isaías 57.8, 65.17, 66.3; Baruc 3.23, 4.5; Ezequiel 18.24, 33.13; Zacarias 6.14.

lembrança, que ajudará as crianças no futuro. Já os que carregam algum tipo de culpa aplicam a lógica inversa. No capítulo 8, Edmundo ouve falar das estátuas existentes no pátio do castelo da rainha e estremece. Essa cena lembra a história da destruição de Sodoma e Gomorra, enterrados pela lava incandescente, e a esposa de Ló, quando olha para trás durante a fuga e vira estátua de sal.[43]

Da mesma forma que o gelo, o poder de transformação das crianças em estátuas de gelo nos lembra que o traço típico do mal é a destruição do ser e a imobilização da alma.

Interessante nesse sentido, novamente, é a reação do castor à absurda idéia, sugerida por Susana, de que a feiticeira pudesse transformar Aslam em pedra:

> — Transformar Aslam em pedra? Se ela conseguir manter-se em pé diante dele, olhá-lo cara a cara, já é caso para dar-lhe os parabéns. (*LF*, p. 73)

Muito semelhante a essa nota é aquela em que o Castor responde ao receio expresso novamente por Susana, ao referir-se ao encontro previsto com Aslam:

> — Perigoso? Claro que é, perigosíssimo. Mas acontece que ele é bom. Ele é REI, disse e repito. (ibidem, p. 74)

E o Castor aproveita o ensejo para revelar ainda mais um segredo:

> — Sabemos que Aslam já veio outrora a esta região, mas há muito, muito tempo, ninguém sabe bem quanto. Mas os vossos, da vossa raça, sobre estes não há lembrança de terem estado aqui. (ibidem, p. 74-75)

[43] Cf. Gênesis 19.26.

Isso lembra aquele famoso mistério do Gênesis que fala de gigantes (*nefilim*), filhos de Deus, que vieram à Terra para desposar as "Filhas de Adão".[44] Aliás o "ser ou não ser humano" é tema central desse capítulo, que prova mais uma vez o fundamento numa antropologia filosófica implícita em todo o *LF*, que representa a chave para todas as situações de risco e tomada de decisão das crianças, preparando-as para o confronto direto com a feiticeira:

> quando encontramos um ser que vai ser humano, mas ainda não é, ou que o foi no passado, e depois deixou de ser, ou que devia ser humano, mas na verdade não o é, o melhor é ter cuidado e ficar de pé atrás. (*LF*, p. 75)

Uma das razões pelas quais devemos desconfiar do homem é o fato de ele ser um ser que "esquece" seu ser e que se projeta num devir. Vemos aqui novamente a importante função da memória para a filosofia da educação.[45] Ainda nesse capítulo, o Castor dá pela falta de Edmundo e conclui a terrível verdade:

[44] Cf. Gênesis 6.1-2.

[45] Como comenta Lauand (1996, p. 23-25), "no Ocidente, já entre os gregos (de Hesíodo a Aristóteles, de Safo a Platão), encontramos constantemente um extraordinário papel dado à memória (por vezes personificada em Mnemosyne), na educação. Um dos pontos altos dessa tradição dá-se — 500 anos antes de Cristo — com o poeta grego Píndaro. Seu Hino a Zeus — um poema que é, ao mesmo tempo, um tratado de educação — parece apresentar todas as características de uma das maiores obras-primas de todos os tempos. A cena descrita por Píndaro é clara, Zeus resolve intervir no caos. Toda a confusão e deformidade vai, então, dando lugar à harmonia e à ordem, *kosmos*. E quando, finalmente, o mundo atinge seu estado de perfeição (estreando a terra, os rios, os animais, o homem...), Zeus oferece um banquete para mostrar aos demais deuses — atônitos ante tanta beleza — a sua criação [...]. Mas, para surpresa geral, um dos imortais pede a palavra e

— Este é um traidor. (*LF*, p. 78)

Notamos aqui novamente a percepção rápida do castor, que se deve à sua ligação íntima com Aslam. Seu bom senso permite prever o que fazem os perversos. Como todo bom combatente, conhece bem a estratégia do inimigo:

— É o que ela quer: cortar o nosso contato com Aslam. (ibidem, p. 80)

Nesse capítulo tropeçamos novamente no tema da traição, um dos mais antigos da raça humana. Foi ela

---

aponta a Zeus um grave e inesperado defeito, estão faltando criaturas que louvem e reconheçam a grandeza divina desse mundo. Pois o homem é um ser que esquece! O homem, ele que foi agraciado pela divindade com a chama do espírito, o homem, afinal, saiu malfeito, mal-acabado, ele tende ao embotamento, à insensibilidade... ao esquecimento! É a partir dessa constatação — dessa trágica constatação de nossa condição ontológica (também ela, hoje, esquecida...) — que se edifica toda educação ocidental. As musas (filhas de *Mnemosyne*), as artes, são já uma primeira tentativa de Zeus para remediar essa situação, elas foram dadas pela divindade ao homem como companheiras, para ajudá-lo a lembrar-se [...]. E é por essa mesma razão que os grandes pensadores da tradição ocidental consideravam as descobertas filosóficas não tanto um deparar algo novo ou insólito, mas, precisamente, descobertas, trazer à tona algo já visto, já sabido, mas que, por essa entrópica tendência para o esquecimento, não permanecerá na consciência. Assim, a missão profunda da educação não é a de apresentar-nos algo novo, mas algo já experimentado e sabido que, no entanto, permanecia inacessível, precisamente o que se expressa com a palavra lembrar. Claro que ao afirmar o caráter esquecediço do homem, não estamos dizendo que ele se esqueça de tudo, mas principalmente e é até uma constatação de ordem empírica — do essencial. Pois, na verdade, o homem lembra-se de muitas coisas, naturalmente, ele, 'criatura trivial' (como diz Guimarães Rosa), não se esquece da data do depósito bancário, não se esquece de comprar sua revista predileta, da final do campeonato, nem das comezinhas realidades que compõem nosso rotineiro quotidiano. Esquece-se, sim, da sabedoria do coração, do caráter sagrado do mundo e do homem..."

que trouxe a morte e poderíamos fazer várias alusões. A nosso ver, entretanto, a fuga de Edmundo é uma clara alusão à traição de Caim ao matar o seu irmão, Abel, pelas costas (Dt 27.24), mobilizando todo um povo a dizer "Amém".

E nenhum traidor se sente bem com a alegria dos outros, pois está sempre preocupado consigo mesmo:

— E não há nada que tire tanto o gosto da boa comida caseira do que a lembrança de um mau alimento enfeitiçado. (*LF*, p. 81)

Na sua dolorosa caminhada pela floresta, Lewis, com seu cuidado antimaniqueu, mostra o outro lado da maldade de Edmundo:

Edmundo não era tão ruim a ponto de desejar ver o irmão e as irmãs transformados em estátuas de pedra. (ibidem, p. 82)

No fundo, Edmundo conhece muito bem as regras do poder estabelecido:

Entrou tendo o cuidado de não pisar nas patas do chefe da polícia secreta. (ibidem, p. 90)

No capítulo 10, Lewis nos oferece um banquete descritivo, repleto de imagens concretas. Com sua habilidade descritiva, Lewis vai retratando o tamanho, peso e proporção das coisas. Toda a jornada das crianças pela floresta tem essa concretude embebida de mistério:

Atravessado o dique, seguiram ao longo do rio por uma vereda estreita, que se alonga entre as árvores. As encostas do vale alteavam-se sobre as cabeças dos viajantes, banhadas ao luar. (ibidem, p. 94)

Com o tempo e o avançar das crianças pela neve, as pernas de Lúcia vão ficando pesadas, e o receio pela falta de conforto cede à fome e necessidade de repouso e abrigo. E, quando o Papai Noel se aproxima, as crianças inicialmente o confundem com a feiticeira, mas constatam, aliviados, que se enganaram:

> — Não há perigo. Pode vir, Sra. Castor. Venham todos, Filhos de Adão. Tudo bem! Não é *dela*. (*LF*, p. 96)

Isso nos lembra os sinais dos últimos tempos, relatados na Bíblia, e a função dos profetas que anunciam a aproximação de Cristo (Mateus 24.4 et seq.). E Papai Noel não apenas traz boas novas, mas também distribui "presentes sérios" entre as crianças:

> — Presentes para você. São ferramentas e não brinquedos. Talvez não esteja longe o dia em que precisará usá-las. Com honra! (ibidem, p. 98)

Edmundo recebe um escudo, uma espada, uma bainha e um cinto — uma "guarnição" completa; Susana, uma trompa (oração?), arco e flecha (caridade?) e Lúcia, um licor miraculoso (fé?) e um punhal "para defesa" (salvação?) (ibidem, p. 98 et seq.)

Essa cena nos lembra que Deus tem um dom e uma missão específica para cada um de seus filhos. Mas há momento e lugar certo para recebê-los. Isso fica claro na história de Moisés, que Deus chama em meio a uma sarça ardente. Moisés, que nem sabia falar direito, recebe a importante missão de liderar o povo judeu para fora do Egito (Êxodo 3 et seq.). Da mesma forma, Aslam usa as menores e mais fracas criaturas para atuarem nas batalhas, que ele mesmo poderia resolver com uma só patada. Todo aquele ritual é muito solene e misterioso:

> Esta garrafa contém um tônico feito de suco de flor de fogo que cresce nas montanhas do sol. (*LF*, p. 99)

Podemos observar nesse trecho e na cena seguinte o destaque que Lewis dá ao papel da mulher — agraciada com os dons da beleza e da cura —, que deve ser protegida da guerra:

> — O problema não é esse. É que as batalhas são mais feias quando as mulheres tomam parte nelas. (ibidem, p. 99)

E, no final do capítulo, Lewis valoriza detalhes, aparentemente triviais, mas importantes. Ao Castor ocorre levar uma faca para cortar o pão:

> — Ainda bem que não me esqueci de trazer a faca do pão. (ibidem, p. 100)

Essa mesma faca, porém, seria a que permitiria a Edmundo, despojado das armas, matar a feiticeira no final da história. No capítulo seguinte, Edmundo topa com as estátuas de pedra e brinca com o leão de pedra (nova alusão antimaniquéia: meras imagens não fazem nada, enquanto o verdadeiro Aslam...) e se humilha diante da feiticeira:

> — Majestade, não poderíeis dar-me um pouquinho de manjar turco? (ibidem, p. 101)

E sofre mais decepções. Ao invés de manjar turco, recebe pão seco e água suficiente apenas para chegar até a mesa de pedra. Só então é que Edmundo cai em si:

> A feiticeira não tinha a intenção de torná-lo rei. Via agora que burrice fora tentar convencer a si mesmo de que ela era boa pessoa e que tinha razão. (*LF*, p. 103)

Com isso, Edmundo se torna mais sensível ao sofrimento dos outros, intercedendo pelas criaturas de Nárnia:

> — Oh não! Não! Por favor! ... — Pareceram-lhe tão dignas de dó aquelas figurinhas de pedra. (ibidem, p. 106)

Vemos aqui novamente aquele princípio lewisiano do poder "humanizador" do sofrimento. E no caminho a pé pela floresta, Edmundo começa a reparar até nos sinais da chegada da Primavera, e o anão sabia muito bem que isso era perigoso:

> — Deixe as flores de lado! — repreendeu o anão, vendo que Edmundo virava a cabeça a toda hora. (ibidem, p. 109)

Ele sabia muito bem o que todas aquelas manifestações da natureza significam:

> — Isso não é degelo — disse o anão, parando de repente.
> — É a própria primavera! E agora, o que vamos fazer? O vosso inverno está sendo destruído, Majestade! Não há dúvida alguma! Só pode ser obra de Aslam! (ibidem, p. 110)

Deus às vezes tarda, mas, quando resolve manifestar-se, não deixa sombra de dúvida sobre a Sua presença. Essa é uma constante em todas as *Crônicas de Nárnia*.

O capítulo 12 relata a retomada da peregrinação das crianças e castores, com direito a sutilezas como:

> Susana tinha uma bolhazinha no pé. (ibidem, p. 112)

Nesse capítulo somos confrontados, novamente, com os efeitos de claro-escuro do estilo de Lewis:

> Quem nunca esteve em Nárnia há de achar que uma coisa não pode ser boa e aterrorizante ao mesmo tempo. (*LF*, p. 113)

Isso é fundamental para a teologia de Lewis, que narra a grande festa do primeiro encontro das crianças com Aslam, que nos remete à profecia de Cristo que diz que "Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu" (Mateus 24.31).

Quando Pedro convida Lúcia a tomar a iniciativa de encontrá-lo, sem perder tempo com formalismos, ele indaga:

> — Mas por onde anda o quarto humano? — perguntou Aslam. (ibidem, p. 115)

As crianças contam tudo, e Lúcia roga pela salvação de Edmundo das garras da feiticeira.

E o leão é sincero quando responde:

> — Faremos o que for preciso. Mas é capaz de ser mais difícil do que você pensa.
> O leão guardou silêncio por certo tempo. A sua expressão (apesar de imponente, régia e calma) também era triste. (ibidem, p. 116)

Além do claro-escuro, que nos lembra a própria vida humana, outro aspecto interessante nesse capítulo é a importância da percepção para a interpretação objetiva dos acontecimentos ao nosso redor.

— Por que ela não sobe mais? — pensava Pedro. — Pelo menos, por que não se segura com maior firmeza? — Só então reparou que a pobre garota estava quase a desmaiar. Se desmaiasse... (*LF*, p. 117)

No final do capítulo temos a célebre passagem em que Aslam faz um pedido encarecido a Pedro, após matar o chefe da polícia, que até o envergonha, mas não impede o reconhecimento de seu esforço:

> Pedro corou ao ver a lâmina brilhante manchada de sangue e de pêlos da polícia secreta. Esfregou a espada na relva, enxugando-a depois no casaco. — Dê-me a espada. Ajoelhe-se, Filho de Adão! — disse Aslam. Tocou-o com a lâmina da espada e disse:
> — Levante-se, dom Pedro! Mas, aconteça o que acontecer, nunca se esqueça de limpar a espada! (ibidem, p. 119)

Há uma clara alusão à Carta de Paulo aos Romanos, onde fala da autoridade civil e a atitude do cristão diante dela.[46] No capítulo 13, a feiticeira negocia as condições de libertação de Edmundo, mantido como refém, graças à lembrança do anão, que testemunhou a morte do capitão de polícia:

> — Seria melhor conservar este como refém. (ibidem, p. 120)

[46] "Na verdade os magistrados não inspiram medo quando se faz o bem, mas quando se faz o mal. Queres viver sem medo da autoridade? Pratica o bem e terás aprovação. Pois ela é instrumento de Deus para teu bem. Se praticares o mal, porém, teme, porque não é sem razão que leva consigo a espada. É o ministro de Deus para vingar-se castigando a quem praticar o mal. É necessário, pois, submeter-se não só por temor do castigo mas por dever de consciência. Por isso também pagais os impostos. São ministros de Deus os magistrados que prestam continuamente este serviço. Pagai a todos o que lhes compete, o imposto a quem deveis imposto, a taxa a quem deveis taxa, o temor a quem deveis temor, a honra a quem deveis honra." (Romanos 13.3-4)

> — Estão na Mesa de Pedra com ele. Mataram o capitão Maugrim. Vi tudo, escondido. Foi um Filho de Adão. Fuja! Fuja! (*LF*, p. 121)

Isso nos lembra aquela empregada que delatou Pedro (Lucas 22.56) como sendo um dos discípulos de Jesus, o que provocou a famosa negação tripla.

Logo em seguida, o anão sugere que a feiticeira use uma árvore para atar Edmundo na falta de local mais apropriado para sacrifícios (no caso, a Mesa de Pedra). Essa é uma alusão à tendência humana de, na falta de recursos adequados reais, contentar-se com meros substitutos (*Ersatz*), simulacros, ao invés de experiências reais.

E a "magia profunda" não é a verdadeira realidade já discutida; não passa da "sabedoria dos homens", enquanto a "magia ainda mais profunda de antes da aurora dos tempos" é nada mais, nada menos do que a "sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para a nossa glória".[47]

Sob a direção de Aslam, as criaturas de Nárnia não tardam por vir em socorro de Edmundo; e para escapar da ofensiva, numa cena de transfiguração, o anão e a feiticeira se transformam, se disfarçam de tronco e pedra:

> Veria o tronco caminhar ao encontro da pedra e a pedra sentar-se e começar a conversar com o tronco. Porque eram, simplesmente, a feiticeira e o anão. (*LF*, p. 123)

Depois desse assalto, o anão pede uma audiência e Aslam acalma o Castor, que fica nervoso, mostrando-se dono da situação e prevendo:

[47] Cf. 1 Coríntios 2.5-8.

— Todos os títulos serão restituídos a quem de direito. Não vale a pena discutir por enquanto. Vai dizer que o salvo-conduto está concedido, sob condição de deixar a vara mágica debaixo daquele grande carvalho. (*LF*, p. 124)

Isso nos lembra as frases tranqüilizadoras de Paulo aos Romanos e aos Filipenses (4.4).

Outro detalhe importante é a vergonha que a feiticeira sente diante de Aslam. Como o Castor havia previsto anteriormente (que ela nem sequer se agüentaria em pé diante dele), ela não consegue encará-lo de frente quando acusa Edmundo. Sem refém para negociar com Aslam, ela apela covardemente para a uma lei existente em Nárnia desde o começo, que dizia:

...que todo traidor, por direito, é presa minha, e que tenho direito de matá-lo. (*LF*, p. 126)

Novamente, Aslam toma conta da situação e vai conversar em particular com ela. Na volta, acalma os demais habitantes de Nárnia:

— Venham todos. Tudo resolvido. Ela renunciou ao direito que tinha ao sangue de Edmundo. (ibidem, p. 128)

Isso nos lembra a psicologia de Cristo no tratamento do seus discípulos, acalmando-os nos momentos mais difíceis (nem sempre estão prontos para saber toda a verdade) e exortando-os para estarem sempre atentos para não serem surpreendidos pelo Inimigo (Mateus 13.33 et seq.).

A cena evoca ainda a negociação que Deus faz com o diabo a respeito de Jó, recomendando que preserve a sua

vida.[48] Nesse sentido, o passeio noturno de Aslam relatado no capítulo 14 tem relação direta com a solidão de Cristo no Getsêmani.[49] Lewis não menciona o que Edmundo e Pedro estavam fazendo, enquanto Lúcia e Susana estavam com insônia, pressentindo coisas horríveis, mas é evidente que só podiam estar dormindo...

O ritual humilhante de raspagem da juba do leão é uma clara alusão à "coroa de espinhos"[50] de Cristo; a humilhação e exaltação de Aslam pode ser comparada à humilhação e glória de Cristo (Filipenses 2.1-11); os efeitos da morte de Aslam,[51] ao efeito das últimas palavras de Cristo na cruz do Calvário;[52] a baforada de Aslam sobre Susana[53] e sobre as estátuas de pedra[54] à primeira e segunda aparição de Cristo ressurreto aos discípulos.[55]

Depois da morte de Aslam, ainda no capítulo 15, as meninas vão até a Mesa de Pedra e tentam desamarrá-lo,

---

[48] "Os filhos de Deus foram apresentar-se novamente ao *Senhor*; entre eles compareceu também Satanás. O *Senhor* perguntou a Satanás, 'Donde vens?' Ele respondeu ao Senhor, 'Dei umas voltas pela terra, andando a esmo'. O *Senhor* disse a Satanás, 'Reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual, é um homem íntegro e reto, teme a Deus e se afasta do mal. Ele persevera em sua integridade, apesar de me teres instigado contra ele para aniquilá-lo sem motivo'. Satanás respondeu ao *Senhor*, e disse, 'Pele por pele! — Para salvar a vida, o homem dá tudo o que possui. Mas estende a mão sobre ele, fere-lhe os ossos e a carne; eu te garanto que te lançará maldições em rosto! 'Seja!' disse o *Senhor* a Satanás, 'ele está em tuas mãos, mas poupa-lhe a vida'. E Satanás saiu da presença do *Senhor*."(Jó 2.1.7)

[49] Mateus 26.38.

[50] Mateus 27.28-29.

[51] *LF*, p. 139.

[52] Mateus 27.46.

[53] Susana, a princípio, o confunde com um fantasma, mas logo sente que "O calor do seu bafo era de criatura viva". (*LF*, p. 144)

[54] *LF*, p. 14.

[55] João 20.22 et seq.

mas as cordas estão muito apertadas. Logo em seguida, acontece um milagre: alguns ratos começam a roer as cordas que amarravam Aslam.

Essa é uma clara alusão ao fenômeno natural, um terremoto, que fez rolar a pedra que tapava o túmulo de Cristo. E, depois que as meninas passeiam pelo bosque e vêem a estrela da alvorada no Oriente, anunciando um novo dia, outro milagre acontece: como as profecias haviam anunciado, a Mesa de Pedra quebra-se ao meio.[56]

Esse trecho é uma clara alusão à aparição de um anjo a Maria Madalena e a outra Maria.[57] Há uma forte alusão ainda à quebra da Antiga Lei dos Dez Mandamentos e ao véu que levava ao Santo dos Santos do templo judaico que se rasgou, anunciando o início da Nova Aliança trazida por Cristo para a cristandade e para o mundo.

Outro ponto de destaque é a explicação dada por Aslam ao mistério da sua própria morte e ressurreição e que a feiticeira desconhecia:

> O que ela sabe não vai além da aurora do tempo. Mas, se fosse capaz de ver um pouco mais longe, de penetrar na escuridão e no silêncio que reinam antes da aurora do tempo, teria aprendido outro sortilégio. (*LF*, p. 144)

Assim, uma vez dadas as explicações às crianças, Aslam brinca[58] com elas e voa pelos ares até o castelo da feiticeira,

[56] "A Mesa de Pedra estava partida em duas por uma grande fenda, que ia de lado a lado. E de Aslam nem sombra." (*LF*, p. 143)

[57] Cf. Mateus 28.1-8; Marcos 16.1-8 e Lucas 24.1-10.

[58] "Parava de repente, fazendo com que elas se amontoassem no chão, rindo alegremente, numa confusão de braços, pernas e *leões*. Foi uma brincadeira da *pesada*." (*LF*, p. 145.) Podemos comparar este trecho ainda com o Provérbio 8.31: "brincava na superfície da Terra e me alegrava com os homens".

que, de longe e do alto, parece de brincadeira, mas de perto não tem nada de engraçado. Há uma forte alusão à Parábola do Bom Pastor (João 10.1-18) e das ovelhas.

No capítulo 16, as estátuas de pedra são "descongeladas" por um sopro de Aslam. E tudo sempre começa pelos pés:

> Certíssimo: quando os pés apanham vida, o resto vai depressa. (*LF*, p. 149)

É interessante comparar esse princípio de início de toda e qualquer renovação pelos pés com a estátua do sonho do rei Nabucodonosor, composta de ouro e prata, mas com pés de ferro e argila, que se transformam em palha e numa grande montanha que ocupa toda a Terra.

Os pés estão sempre muito relacionados à terra e à temperatura. Como se sabe, a própria circulação do sangue tem muito que ver com os pés. Se os pés são frios e estão no chão, todo o corpo está frio; quando os pés são de argila, todo o corpo tende a tornar-se argila e diluir-se na paisagem. Mas quando os pés recebem o sopro divino da vida, o resto do corpo se aquece.

Outro trecho interessante, nesse sentido, é quando Aslam exclama:

> — Não se esqueçam dos calabouços. (ibidem, p. 151)

Quer dizer, a obra redentora de Cristo diz respeito a todos os povos, mesmo os mais escondidos e os mais miseráveis.

Em seguida, os animais são convidados a participar da batalha e um gigante confunde Lúcia com um lenço, numa cena muito hilária, em que Lewis novamente brin-

ca com as dimensões e proporções do mundo físico. Para Lúcia, o gigante é sempre enorme; no entanto, depois que ele se abaixa ao nível dela, desculpa-se e a elogia, acaba parecendo-lhe simpático.

E, finalmente, quando Aslam convoca os animais para a luta, desenvolve uma estratégia de guerra digna das melhores batalhas da história, dando a cada um o espaço e posicionamento adequados:

> — Os que não podem acompanhar a marcha (crianças, anões e bichos menores) vão às costas dos outros (leões, centauros, unicórnios, cavalos gigantes e águias). Nós, os leões, vamos na vanguarda, e os que têm o faro apurado vão conosco, ajudando a localizar o campo de batalha. (*LF*, p. 154)

Os leões ficam entusiasmados por irem na mesma linha de batalha de Aslam. E os outros "coitados em fila quilométrica, iam seguindo como podiam" (ibidem, p. 155).

Isso nos remete aos conselhos que Cristo dá aos seus discípulos, quando os envia ao mundo com a missão de pregar o Evangelho (Mateus 10.5 et seq.).

Deus usa cada um dos discípulos de acordo com o seu dom específico, que Ele conhece como ninguém. E, quando Aslam pede para as meninas descerem das costas dele e solta um terrível rugido, é sinal de que está na hora de preparar-se para a batalha. Todas as criaturas lutam com as melhores armas de que dispõem.

No final da batalha, já no momento da contagem dos "mortos" e feridos, Lúcia é exortada por Aslam a deixar de lado Edmundo e usar o seu licor curador para salvar os feridos e cuidar deles:

> — ... tem gente morrendo. Quer que morram por causa de Edmundo? (*LF*, p. 159)

Essa passagem lembra a nossa dívida para com Deus,[59] e muito mais, enquanto salvos em Cristo, em relação aos que desconhecem a verdade do Cristianismo. E a reconciliação é possível apenas mediante a fé.

Na Epístola de Tiago, diz-se que a fé expressa pela oração ou súplica é capaz de salvar o enfermo.[60]

A cura de Edmundo é comparável também ao Novo Nascimento (João 3). Nesse capítulo ainda Aslam coroa as crianças declarando: "Quem é coroado em Nárnia será para sempre rei ou rainha. Honrai vossa realeza, Filhos de Adão! Honrai vossa realeza, Filhos de Eva!"

Ou seja, a conversão ao Cristianismo traz, por um lado, a honra de sermos considerados "Filhos de Deus".[61] Por outro lado, temos uma tarefa eterna: a de honrar o novo título recebido de Deus.

Podemos comparar ainda o ritual de entronação final das crianças à "Grande Comissão", que foi a missão final lançada por Cristo aos discípulos no Pentecostes para evangelização do mundo.[62] E as últimas palavras do castor são, no mesmo sentido, uma lembrança: "Nunca se esqueçam: não se trata de um leão domesticado". (*LF*, p. 162)

---

59 Cf. Ezequiel 33.5-8.

60 Cf. Tiago 5.15. Quanto ao princípio cristão da justificação pela fé, ver ainda Efésios 2.1-10.

61 Cf. João 1.12.

62 "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei."
Ford lembra ainda das memoráveis palavras do Papa Leão Magno, "Reconheçam, ó cristãos, a vossa dignidade". (Mateus 28.19-20)

Depois de quantidade razoável de anos felizes em Nárnia, certo dia, numa caçada ao veado branco, as crianças, já adultas, reencontram o poste de luz do início da história, que igualmente evoca uma lembrança e um desejo, uma *Sehnsucht* muito grande em Edmundo:

> — E tão grande é o meu desejo de descobrir o sentido daquele objeto, que nem pela jóia mais rica que possa existir em Nárnia, nem por todas as suas ilhas, eu voltaria atrás, por meu querer. (*LF*, p. 165)

Ou seja, foi ele o responsável pela traição, é ele quem mais intensamente experimenta a história da salvação e é ele, igualmente, que irá conduzi-los de volta à realidade temporal.

Vale a pena aqui citar as notas de Chambers (1996) a *Mere Christianity*, que comparam o final de *LF* com certo trecho do Novo Testamento em que Aslam diz que as crianças já estavam bastante velhas agora para voltarem ao seu próprio mundo.[63]

O autor compara o trecho final de *LF* a João 14.1-7, em que Cristo diz aos seus discípulos que, embora houvesse poucos lugares na Casa de Seu Pai, Ele iria reservar alguns para eles. E quando São Tomé o inquire, dizendo

[63] "Aslam is ready to send Lucy and Edmund back to their own world from Narnia. He has just told them that they could not go back again. They are getting too old. The children start to cry and he comforts them. The Voyage of the Dawn Treader 'You are too old, children,' said Aslam very gently, 'and you must begin to come close to your own world now.' 'It isn't Narnia, you know,' sobbed Lucy. 'It's you. We shan't meet you there. And how can we live, never meeting you?' 'But you shall meet me, dear one,' said Aslam. 'Are — are you there too, Sir?' said Edmund. 'I am,' said Aslam. 'But there I have another name. You must learn to know me by that name. This is the very reason why you were brought to Narnia, that by knowing me here for a little, you may know me better there."

que não sabe onde fica essa casa, Cristo responde com uma de suas frases mais conhecidas: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao pai, senão por mim".

Nesse sentido, o sábio professor, a quem as crianças lembram de explicar que fim levaram os casacos que haviam sido levados para Nárnia no começo da história, também já lembrava este detalhe:

> — Quem é coroado em Nárnia, será sempre rei em Nárnia. Mas não tentem seguir o mesmo caminho duas vezes. (*LF*, p. 164)

Ou seja, o caminho é única e definitivamente Cristo. E, uma vez que vimos a Sua glória, será muito difícil renegarmos a mesma. Mas as formas de penetrar nesse mundo e trilhar esse caminho são tão variadas quanto são variadas as criaturas de Nárnia. Por isso, entrar para o mundo de Nárnia não é difícil, e é fácil converter-se ao Cristianismo se estamos atentos para os vários sinais da presença de Deus no mundo. O difícil é manter-se um cristão digno desse título.

Quanto ao comentário final do professor: "Céus! O que é que estão ensinando às crianças na escola?" (*LF*, p. 167), retornamos novamente à primeira mensagem de *LF*, que é essencialmente pedagógica: a nossa incapacidade de lidar com a realidade presente, com o mundo imaginário e com o que está além da aura dos tempos tem muita relação com essas escolas (*Experiment House*), que deixam de cumprir o papel que historicamente lhes cabe: ensinar a raciocinar, a fazer contas e a compreender melhor o mundo, pelo conhecimento historicamente acumulado pela humanidade e transmitido pela tradição.

Além do que já foi explorado anteriormente, diz-se nesse capítulo ainda que "há outros países que o preocupam" (*LF*, p. 62). Como é amplamente sabido, Cristo sempre foi comparado ao "bom pastor".[64] Ora, um pastor pode ter mais de uma ovelha e até mais de um rebanho para cuidar. Lewis especula até com a idéia de "outros mundos" criados por Deus.

Finalmente, há ainda, de fato, inúmeras alusões a que poderíamos chamar a atenção, mas acreditamos que somente essas já são suficientes para inspirar o professor que pretenda de alguma forma usar a história em sala de aula, deixando claro que, enquanto os nossos paralelos são meramente arbitrários, as implicações que a Bíblia tem sobre a vida não são nenhuma coincidência.

Para além dessa diversidade de alusões, porém, podemos reconhecer já uma profunda unidade de estilo e procedimentos literários. É esse o assunto ao qual pretendemos nos dedicar no próximo capítulo.

[64] Cf. João 10.16.

4

LITERATURA E ÉTICA DOS CONTOS DE FADAS

NOTA SOBRE LITERATURA E CONTOS DE FADAS

Neste capítulo, procuraremos destacar as características literárias de Lewis, aplicando o conceito de realidade e razão para a compreensão do significado literário de *LF* e sua mensagem transcendental para o mundo de hoje. Assim, analisaremos primeiramente o que o próprio Lewis tem a dizer quanto a isso, para, em seguida, dedicar-nos aos "especialistas" em sua obra.

Quanto à categoria literária, na qual possamos enquadrar as *Crônicas de Nárnia*, Lewis tinha muito cuidado com as palavras em geral, principalmente com a expressão "sentido metafórico".[1] Ele mesmo explica, no seu comentário à saga *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien,[2]

[1] Em *Milagres*, Lewis chega a colocar sérias ressalvas contra o uso dessa expressão para significar a realidade da fé. "Algumas pessoas, ao afirmarem que algo possui sentido 'metafórico', concluem disso que ele na verdade não contém absolutamente nada. Elas pensam corretamente que Cristo falou por metáforas quando nos ordenou que carregássemos a nossa cruz, mas concluem erradamente que carregar a cruz não significa nada além de levar uma vida respeitável e contribuir moderadamente para a caridade. Eles pensam com certo bom senso que o 'fogo' do inferno é uma metáfora, e concluem imprudentemente que não significa nada mais sério do que o remorso". (p. 73)

[2] De acordo com Hooper, Tolkien influenciou a conversão de Lewis ao Cristianismo, "he came under the altogether benign influence of a fellow don at Oxford, Professor J. R. R. Tolkien. Not only was Tolkien a Christian, but,

que "mitológicas" são somente aquelas histórias que não têm relação clara com alguma teologia específica.[3]

No caso de *LF* as alusões são claras, embora não sejam sempre necessárias. Em *An Experiment in Criticism*, Lewis descreve o mito como uma categoria extraliterária; que segue um roteiro fechado e uma causalidade necessária, e que aponta para um universo "preternatural" ou imanente (que se justifica por si mesmo).

Como se sabe, *preter* no latim significa "além-de" (enquanto *super* significa "superior"). O mito lida, portanto, com classes inteiras de experiências; com o todo, antes da parte; com arquétipos, antes de conceitos. Lida, antes de mais nada, com o metafísico (*Studies in Words*). "Provoca", por assim dizer, experiências numinosas na pessoa, invade-a, sem pretender analisá-la ou filosofar sobre ela. Nesse sentido, a magia profunda (não entraremos no mérito de que magia: branca, negra, parda, ou outra qualquer...) tem poderes sobrenaturais, por assim dizer, "de uso", enquanto a magia ainda mais profunda de antes da aurora do tempo é fonte de poder, é o *Spell* Criador, no sentido de *God's Spell* (no inglês, *Gospell* significa Espírito Santo), Criador do mundo de Jadis.

Lewis não discute a existência de faunos, centauros, leões, feiticeiras, anões ou do Papai Noel. E, mesmo para quem acredita nessas "coisas" terá de admitir nelas uma

as Lewis explained in a letter to Greefs, one of the human carriers of the Faith to him. The actual event took place on the evening of the 19th September, 1931". (*On Stories*, p. xiii)

3 "What shows that we are reading myth, not allegory, is that there are no pointers to a specifically theological, or political, or psychological application. A myth points, for each reader, to the realm he lives in most. It is a master key; use it on what door you like." (*On Stories*, p. 85)

ratio, ou "Lei Natural" própria, ou uma lógica de funcionamento, dada por alguém.

Como dizíamos, tudo começa como uma parábola: as crianças vão parar no mundo dos mitos e dos contos de fadas, e tudo termina novamente na casa do professor, que abriga os meninos e explica-lhes o sentido da história, num discurso que termina com uma profecia. Assim, quer seja lido como mito, conto da carochinha ou parábola há de se admitir ao menos uma diferença intencional do autor: A parábola do leão Aslam em Nárnia é um mito arquetípico constante em todas as culturas e se tornou realidade no mundo (Lewis fala disso no artigo *God in the Dock*: "Myth became fact" [p. 63 et seq.]). Se tomarmos *LF* como um todo, trata-se, portanto, de uma parábola.

Além disso, *LF* não se contenta em lidar com o preternatural, mas provoca a reflexão (não necessária, mas fortemente sugerida) a respeito do sobrenatural. Diz-se, em *LF*, que tudo começou para Lewis com uma imagem que veio à sua mente na adolescência.

Em "Tudo começou com uma imagem",[4] Lewis explica:

> Toda a história do Leão começou com a imagem de um fauno carregando um guarda-chuva e embrulhos em um bosque na neve. Essa imagem permaneceu na minha cabeça desde os meus 16 anos de idade. Então, certo dia, estando eu já em torno dos 40, disse a mim mesmo: "Por que não inventamos uma história disso tudo?"[5]

4 "It all began with a picture". *Of Others Worlds*, p. 42 et seq.

5 "The *Lion*, all began with a picture of a Faun carrying an umbrella and parcels in a snowy wood. This picture had been in my mind since I was

Sabe-se que, na época da adolescência, Lewis era ateu convicto. E ele continua explicando que o próprio Aslam surgiu como numa espécie de revelação em sua mente, ocorrido parcialmente em sonho, sendo que ele não podia precisar exatamente quando nem como:

> Além disso, eu não sei de onde foi que surgiu o Leão ou por que veio. Mas quando surgiu, ele reuniu todas as partes da história, e, em pouco tempo, foi puxando mais seis histórias narnianas consigo.[6]

A entrada de Aslam em Nárnia é semelhante a uma grande invasão (Cf. *Cristianismo Puro e Simples*, Livro II, capítulo 2), mas não do tipo que faz a autoridade totalitária em território já ocupado, na residência dos súditos para arrecadar impostos, mas de invasão do rei bom no território ocupado pelo inimigo. Seu intuito não é usar o seu povo, como o demônio usa o corpo da pessoa em transe, mas de salvá-lo e conduzi-lo de volta ao seu lar eterno, já quase esquecido. Por isso mesmo, ao escrever *LF*, Lewis não pretendia lançar um apelo consumista, que usa o leitor como meio de lucro para a indústria da literatura infantil. Ele não se contenta em "dar o que a criança quer", ou "vender" algo, mas apela para o que já parecia perdido ("usa" o mito) e sugere "algo mais", como fazem os mitos:

> O valor do mito é que ele pega todo nosso conhecimento e restaura seu significado mais profundo, que se manteve

about sixteen. Then one day, when I was about forty, I said to myself, 'Let's try to make a story about it'". (*Of Others Worlds,* p. 42)

6 "Apart from that, I do not know where the Lion came from or why He came. But once He was there He pulled the whole story together, and soon He pulled six other Narnian stories in after Him". (*Of Others Worlds*, p. 42)

> oculto por excesso de "familiaridade". Uma criança desenvolve gosto por um frio pedaço de carne (de resto enfadonho para ela), fazendo de conta que se trata de um búfalo, que acabou de matar com seu próprio arco e flecha. E esta criança está sendo sábia. A carne real terá restituído seu verdadeiro sabor, por ter sido inserida em uma história.[7]

No prefácio a *Letters to Children*, de Douglas Gresham, um dos dois filhos de Joy atribui ao conhecimento que Lewis tinha da natureza humana (e seus limites) o inesperado sucesso junto ao público infantil (ele mesmo nunca teve filhos). Quer dizer, "todo adulto tem em si uma criança". Infelizmente essa criança não é eterna, como no sonho de Peter Pan. Essa parece ser a mensagem oculta no prefácio de *LF*. Quer dizer: as meninas (seres concretos) crescem mais rápido do que os livros (idéias abstratas) e quando elas começam a interessar-se novamente por contos de fadas (seres espirituais) ele mesmo, Lewis (ser concreto), já estará muito velho (fisicamente, é claro), para poder ouvi-las (na verdade, poderia até estar morto, mas isso ele não diria a uma criança tão diretamente). E, na realidade histórica e temporal dos fatos, o diálogo de Lewis com o público infantil foi mantido até o seu último dia de vida. Quanto a esse ponto, porém, Lewis sempre adverte a não confundirmos um autor com a sua obra, num trabalho de crítica literá-

7 "The value of myth is that it takes all the things we know and restores to them the rich significance which has been hidden by the 'veil of familiarity'. The child enjoys his cold meat (otherwise dull to him) by pretending it is a buffalo, just killed with his own bow and arrow. And the child is wise. The real meat comes back to him more savoury for having been dipped in a story; you might say that only then is it the real meat". (*On Stories*, p. 90)

ria sistemática. Em "On Misreading by the Literary" ele define ainda a boa leitura (a dos "letrados") e a má leitura (dos "iletrados") acrescentando que não se pode tratar de mera questão de fé depositada no autor.

Em *Crítica Literária: Um experimento*, a boa literatura não é boa em si, mas exige que seja lida por "bons leitores". Ora, há duas formas de se ler uma obra: como se fosse um produto "de uso" ou " consumo", quer dizer, à medida que dá ao leitor "o que ele quer", e a de abertura receptiva e contemplativa. O bom leitor é, para Lewis, o que consegue assim "receber" uma obra, e, sem ele, a boa literatura pode até existir mas não pode realizar-se plenamente enquanto arte (principalmente em sua função social).

Além da boa literatura, outra temática constante em *LF* é a do encontro pessoal, como diz o velho provérbio, "a primeira impressão é a que fica". Ou seja, o encontro só nos deixa "im-pressionados" (*beein-druckt*) se for com alguém concreto e relevante para nós. O mesmo vale para a literatura. O leitor só pode identificar-se espontaneamente com um texto se o autor exprime claramente a idéia. O texto obscuro, cheio de nuances e ambigüidades, não estabelece tão facilmente esse vínculo com o leitor, tornando a leitura algo maçante e pouco prazerosa. Por isso, há momentos elucidativos em *LF*, quase "pedagógicos", onde as coisas são esclarecidas (como nos diálogos com o professor, com os castores e com o próprio Aslam).

Lewis não deixa brechas para qualquer suspeita de obscurantismo em suas cartas quanto ao fato de Aslam constituir-se numa alusão a Cristo, que pode muito bem passar despercebida ao leitor menos avisado:

> Não, é claro que não foi inconsciente. Mas, até onde consigo recordar, nem mesmo foi, a princípio, intencional. Isto é, quando comecei *LF*, não creio que tenha previsto o que Aslam iria fazer ou sofrer. Eu acredito que ele apenas insistiu em comportar-se de Seu próprio jeito. É claro que eu compreendi isso, e toda a série de crônicas *tornou-se* cristã.[8]

O que nos "salva" de mistificarmos exageradamente o sentido de *LF* é ler algo sobre o valor do símbolo, discutido em *The Allegory of Love* e *The Discarded Image*, conceito que se tornou fundamental para nós decidirmos enquadrá-lo na categoria de parábola com alusões ao Cristianismo, ao invés de alegorias diretas. Particularmente em *The Allegory of Love* Lewis mostra o caminho inverso: como as imagens criadas pelos trovadores que endeusam o amor e a figura da mulher e sempre ficam decepcionados no final, "pretendem-se" divinos, alegorizam o amor divino, projetando-o e, encarnando-o na mulher amada. Walter Hooper lembra as próprias palavras de Lewis, que justificam essa transformação da imagem do fauno nessa grande parábola:

> De fato, não estou representando a história (*story*) real (cristã) em símbolos. O que estou propondo é mais ou menos o seguinte: "suponha que haja um mundo como o de Nárnia e que esse mundo precisasse de resgate. E que o

[8] "No, of course it was not unconscious. So far as I can remember it was not at first intentional either. That is, when I started *The Lion, The Witch, and The Wardrobe* I don't think I foresaw what Aslam was going to do and suffer. I think He just insisted on behaving in His own way. This of course I did understand and the whole series became Christian." (Hooper, 1993, p. 486)

Filho de Deus (ou o Grande Imperador d'Além-Mar) viesse redimi-lo, como veio redimir o nosso. Então, no que daria isso tudo naquele mundo?"[9]

Ora, se considerássemos a cruz de Cristo um mero símbolo, estaríamos incorrendo no grave erro dos simbolistas (para usar a linguagem de Lewis em *The Allegory of Love*), para quem tudo depende da força do símbolo e seus efeitos mais do que da realidade que ele representa.

Por isso é que eles sempre provocam um sentimento de nostalgia (*Sehnsucht*), como no caso de *O Hobbit,* livro que deu início à série *O Senhor dos Anéis* e que foi comentado por Lewis nos seguintes termos:

> A *nostalgia* entra de fato na jogada; não a nossa, nem a do autor, mas a dos personagens. Esse fenômeno está intimamente relacionado a uma das maiores obras do Professor Tolkien. Poderíamos até supor que a lucidez fosse uma qualidade pouco esperada em um mundo inventado [...]. Nosso próprio mundo, com exceção de certos raros momentos, dificilmente se parece tão duramente com o passado [...]. Não é totalmente em vão — trata-se do ponto morto situado bem no meio, entre a ilusão e o desencanto.[10]

[9] "I'm not exactly representing the real (Christian) story in symbols. I'm more saying 'Suppose there were a world like Narnia and it needed rescuing and the Son of God (or the Great Emperor-Over-Sea) went to redeem it, as he came to redeem ours, what might it, in that world, all have been like?'" (ibidem, p. 475)

[10] "Nostalgia does indeed come in; not ours nor the authors, but that of the characters. It is closely connected with one of Professor Tolkien's greatest achievements. One would have supposed that diuturnity was the quality least likely to be found in an invented world [...]. But in the Tolkienian world you can hardly put your foot down anywhere, without stirring the dust of history. Our own world, except at certain rare moments, hardly seems so heavy with its past [...]. Not wholly vain — it is the cool middle point between illusion and disillusionment." (*On Stories*, p. 86 et seq.) Ver comentários preliminares que devemos a Lauand.

Para Lewis, o símbolo em si não tem nada de errado, desde que não seja confundido com o que representa. Nesse sentido, a feiticeira faz o terror que faz com seu sininho. É que os narnianos há tempos não ouviam mais o do legítimo trenó do Papai Noel. Um exemplo interessante da tentativa de fuga humana de substituto (*Ersatz*) do Deus verdadeiro pode ser visto em um trecho de *O Hobbit*, em que Bilbo, o Bolseiro e seus companheiros ouvem lobos se aproximando:

> Não havia lobos perto da toca do sr. Bolseiro, mas ele conhecia aquele barulho. Ouvira a descrição em histórias muitas vezes. Um de seus primos mais velhos (do lado dos Tûks), que fora um grande viajante, costumava imitar o barulho para amedrontá-lo. Ouvi-lo na floresta ao luar era demais para Bilbo. Mesmo anéis mágicos não são de grande utilidade contra lobos... — O que vamos fazer, o que vamos fazer! — gritou ele. — Escapar dos orcs para ser apanhado pelos lobos! — disse ele, e a frase tornou-se um provérbio, embora hoje em dia digamos "saltar da frigideira para cair no fogo" sempre que nos vimos neste tipo de situação incômoda. (Tolkien, 1995, p. 98-99)

Um dos biógrafos especialistas em Lewis, Schakel, defende que as *Crônicas de Nárnia* devam ser lidas como histórias ou romances:

> A tese deste livro é que as crônicas devem ser lidas como histórias, que reivindicam resposta do coração, muito antes

de serem pensadas com a cabeça — isso é especialmente importante quando são lidas para crianças.[11]

Nesse espírito, ele continua chamando atenção para o simples fato de que, logo no começo, Lewis observa que a casa do professor fica a quinze quilômetros da estação de trem mais próxima e a três quilômetros do correio (Schakel, p. 1977). Detalhe inteiramente irrelevante para quem não sabe que Lewis dirigiu um automóvel praticamente uma única vez na vida (preferia mil vezes andar de trem) e que escreveu milhões de cartas em resposta aos seus fãs e amigos.

Em seguida, Schakel comenta a reação diferenciada das crianças diante do nome de Aslam como primeira manifestação da Lei Natural[12] do homem e que o faz cair tão facilmente nas mãos da Feiticeira Branca mais tarde, cuja principal especialidade é inverter as coisas: todas as crianças sentem o mistério, as coisas boas ou, no caso de Edmundo, algo terrível.

Por esse e outros aspectos, Schakel defende que *LF* pode ser lido ainda como um romance para crianças. O sentido das imagens não é muito difícil de ser interpretado, mas também não é tão trivial assim. É preciso uma certa dose de conhecimento do autor e de sua filosofia cristã; do contrário, poderá passar perfeitamente despercebido. A doutrina que Lewis procura discutir

[11] "The thesis of the book — that the *Chronicles* are to be read as stories, responded to with the heart before they are reflected upon with the head — is especially important when the books are read to children." (Schakel, 1979, p. 134)

[12] "The concept of the Law of Nature was very important to Lewis, as it was to Plato, Aristotle, Aquinas and Hooker before him." (ibidem, p. 24)

abstratamente e, por analogia, principalmente em *Cristianismo Puro e Simples*, torna-se realidade concreta em Nárnia.[13]

Em outra coletânea do mesmo autor,[14] Huttar defende que a tese central de Lewis é a do *Grand Design*, e que as *Crônicas de Nárnia* devem ser lidas como as Escrituras, ou seja, vistas como um todo histórico. Assim, é interessante traçar a história do mundo das *Crônicas*. Nesse sentido, as sete crônicas aludem aos livros da Bíblia: distantes no tempo, variados no estilo, mas coerentes com um modelo. Especialmente as duas últimas (*O Sobrinho do Mago* e *A Última Batalha*) representam, por assim dizer, uma Bíblia para um mundo antipático às escrituras ("a Bible for a Bibleless age"). Destaca ainda o humor solene das *Crônicas de Nárnia*, comparável a um Milton.[15]

Nárnia é um mundo criado, não apenas pelo "Verbo" (Salmo 33:6, Cf. João 1:3), mas pelo "canto" de Aslam. Aqui entra o elemento artístico-estético e a função poética. Nárnia é um mundo decaído, como em Milton, mas sem aquele elemento claramente racista. Em *Out of*

[13] "What was metaphor in *Mere Christianity* becomes reality in Narnia — the idea is transformed into image. And that is what happens in *The Lion, the Witch and the Wardrobe* as a whole. In relating the myth about Aslam, Lewis presents the basic ideas of the Christian faith in our world, transformed into the images and actions of another world". (ibidem, p. 30)

[14] Schakel, 1977.

[15] "Two things account for the difference. First, Milton's is almost entirely visual, while in Lewis thought into play, and most abounds, the other senses are also brought into play, and most all the auditory. Second, Lewis is writing for children, therefore he does not need to stand on his dignity nor follow the grand style [...]. For humor is no bar to true 'solemnity's Lewis taught us in *A Preface to Paradise Lost* to understand". (ibidem, p. 123 et seq.)

Silent Planet, por exemplo, Lewis distingue as raças, em termos de cultura e conhecimento, mas não em termos de razão ou de valor, enquanto seres criados.

De uma certa forma, Lewis compensa a diferença das *Crônicas de Nárnia*, em relação ao relato bíblico pela repetição de temas cristãos centrais, que também podemos encontrar ao longo das Escrituras (a tentação ou queda, a redenção e o sacrifício) como temas arquetípicos.[16]

Huttar encerra o seu artigo falando do "modelo medieval" adotado por Lewis e descrito em *An Experiment in Criticism*. Trata-se do sistema de pensamento (*system of thought*) que não estabelece uma diferença tão grande entre arte e conhecimento quanto o sistema moderno. Para Lewis, há duas formas de lidar com uma obra de arte: você pode usá-la (como usamos uma ferramenta ou um computador) para atingir alguma meta, ou recebê-la (como

16 "Like Milton, and for the same reason just given, Lewis returned again and again in his writing to temptation scenes. *The Chronicles of Narnia* contains at least five, in which a number of significant biblical and Miltonic parallels may be noted. I do not propose to treat these in detail, offering instead just a list and some comments, (1) Digorys's temptation in Charn (*The Magian's Nephew*, ch. V). As in *Paradise Lost*, the man and woman quarrel and a part of the temptation's appeal — here, the major part — is to curiosity. (2) Digory's temptation by the Witch (*The Magian's Nephew*, ch. xiii) Here the parallels are numerous. There is a walled garden atop a lofty mountain [...] The Witch's attempt to persuade Digory to eat the fruit has much in common with the temptation of Eve in *Paradise Lost* Book IX. (3) Edmund's defection to the Witch (*The Lion, the Witch and the Wardrobe*, ch. ii-ix). He is led astray first by greed — in this case a boyish hunger fro Turkish Delight — and then by appeals to his ego (4) Lucy reading the magic book (*VDT*, ch. x). The appeal is to forbidden knowledge. (5) The temptations of Rilian and the others (*SC*, ch. xi-xii) The Prince's enchantment reminds us of the temptation scene in Comus. Both Comus and *Paradise Lost* are in the background of the next scene, in which a serpentine temptress of dubious parentage casts a rhetorical spell, obtruding false rules prank in reason's grab." (ibidem, p. 130 et seq.)

se recebe um presente). Os medievais preservavam a segunda atitude contemplativa, que, para Lewis — essa é a sua tese teológico-filosófica central —, pode (não precisa, necessariamente), por desvios e caminhos, em grande parte sinuosos, levar o homem ao reconhecimento de Deus.

Essa tese encontra-se implícita na sua primeira obra de ficção, *The Pilgrim's Regress*, que é uma autobiografia escrita em forma de ficção. John, o personagem principal, saiu pelo mundo em busca das "Ilhas Solitárias" e, após encontrar o d. Virtude, o sr. Iluminista, a sra. Razão, o sr. História e outros personagens alegóricos pelo caminho, acabou descobrindo que as Ilhas que buscava eram o outro lado de Puritania, cujo Senhor o adota como co-proprietário daquelas terras (*Landlord*).

Esse é o tema do artigo seguinte "Imagination Baptized" ou "Holiness in the Chronicles of Narnia", em que Tixier discute a tese de Walsh, de que a "estética pode ajudar na compreensão da religião". Esse autor aprofunda o sentido em que a imaginação de Lewis foi "batizada" pelo conto de George Mac Donald *Phantastes*, história da caça de um jovem pela felicidade (*joy*), na pessoa da sua amada, pela qual ingressa num mundo numinoso repleto de signos sagrados (*holy*), mas onde é traído pela morte. Com a humilhação, sofre uma espécie de "morte boa" pela qual acaba se dando conta de que a sombra que o seguia era, na verdade, uma luz que apontava para o seu *self* verdadeiro, ingressando no mundo encantado ainda mais profundo da alma (*deeper fairyland of the soul*) (Schakel, 1977, p. 139).

Mal sabia ele, na época, que não estava lidando apenas com o numinoso mundo do conto de fadas, mas com

algo além e acima disso; estava lidando com *holiness* ou o sagrado, por meio do jogo do conto de fadas: quanto mais nos aprofundamos em Nárnia (*further up and further in*), mais o transcendemos (o lado de dentro é maior do que o de fora).

Autores reducionistas freudianos, como Schakel, e junguianos, como Holbrook, deixam de notar que as *Crônicas de Nárnia* são mais do que romances que explicitam desejos libidinosos arquetípicos e subjetivistas, pelo que deixam escapar seu lado mais luminoso e fantástico. Mais do que contos de fadas (*fairy tale*), tratam-se de parábolas.

Cada uma de suas imagens (*patterns*, *frames* ou *motives*) pode ser linearmente comparada com realidades humanas, já ditas, de uma outra forma, pela Bíblia.

E a transição e evolução entre as imagens dá-se por um método que Manlove chama de *method of dislocation*. Esse método é constante em todas as ficções de Lewis: o modelo vai se deslocando do plano restrito para um plano mais amplo. Em *LF* primeiro ficamos sabendo das profecias, para depois, com o tempo, compreendermos a intenção mais ampla: a das quatro crianças tornarem-se reis e rainhas de Nárnia. A diferença é que a feiticeira só conhece o padrão menor e ignora o pano de fundo mais amplo, ao passo que as crianças passam pela experiência exatamente contrária. Pequenos anões na terra de gigantes tomam atitudes nada infantis e até heróicas.[17]

[17] "In lying to the other children that Lucy has only invented Narnia and the magic wardrobe in *LWW*, Edmund has in a real way committed a sin against light (Lucy = lux or 'light'). One purpose of Lewis's writing books with child characters could be said to have been to show that no child or act is 'mere'; the same purpose is served by the use of the mouse Reepcheep as hero". (Schakel & Huttar, 1991, p. 256-276)

Esse método do contraste fica muito evidente na cena do gigante e do lencinho de Lúcia. Por intermédio dele é possível expressar a viagem para fora de um mundo egocêntrico e mergulhar cada vez mais no autêntico ser:

> A viagem para fora do *self* é valiosa em ambos os sentidos: em si mesma e como meio de encontro entre o "outro" e a verdadeira natureza da realidade. Essa é a natureza da experiência de Ransom e a de Jane e Mark Studdock em *That Hideous Strength*, e de Orual que, por tanto tempo negou o deus de *Till we have Faces*. Trata-se igualmente da viagem de John in *The Pilgrim's Regress*, que está à procura da fonte do seu desejo pela visão da ilha (*island vision*).[18]

Por outro lado, todas as ações dão-se numa hierarquia caleidoscópica, em torno de um centro que, no caso de *LF*, é o sacrifício de Aslam, e no caso das *Crônicas de Nárnia*, é *LF*. Resumidamente, para Manlove a constante que une todas as *Crônicas de Nárnia* é precisamente a variedade. Suas narrativas são uma seqüência de motivos (*patterns*) que participam da festa "encarnados" em imagens e contextos muito diferenciados, unidos pela mesma realidade.

Na mesma coletânea de Schakel (1991, p. 254 et seq.), damos destaque ainda a outro artigo, "The Multiple Worlds

[18] "The journey out of self is of value both in itself and as a means realizing or meeting the 'other' the true nature of reality. That is the nature of Ransom's experience, and those of Jane and Mark Studdock in *That Hideous Strength*, and of Orual, who has for so long refused the god in *Till we Have Faces*. It is also the journey of John, *The Pilgrim's Regress*, who is searching for the source of his desire of the island-vision". (ibidem, p. 264-265)

of the Narnia Stories", em que Murrin discute a natureza dupla das *Crônicas de Nárnia*: por um lado, como autênticos contos de fadas e, por outro, como obras de arte, verdadeiros "diálogos" platônicos, capazes de abrir caminhos para outros mundos, com a diferença de que Platão usa o mito para desenvolver uma retórica idealista, toda voltada contra o ilusionismo difundido pelo mito, enquanto Lewis o usa apenas para evidenciar (e preservar) os valores arquetípicos latentes no mito.

De acordo com Murrin, a diferença essencial das *Crônicas de Nárnia* em relação ao conto de fadas folclórico tradicional, como o dos Irmãos Grimm, por exemplo, é o fato de que as histórias costumam já começar e desenrolar-se todas num mundo fantástico, enquanto nas *Crônicas de Nárnia* as crianças sempre "ingressam" nele, de alguma forma.

Os meios para o "ingresso" são múltiplos: a porta em *LF* e em *A Última Batalha*, o quadro de *A Viagem do Peregrino da Alvorada* e outros objetos mneméticos; a estação de trem de *A Última Batalha*; a floresta entre-mundos de *O Sobrinho do Mago*.

Assim, do ponto de vista literário, o que Lewis tenta fazer é conectar e ligar diversos mundos imaginários, através de suas portas e imagens auto-reflexivas, chamando atenção para a natureza de sua arte e também pela reflexão e justaposição, método muito semelhante à dialética platônica, conhecida por seus efeitos discriminadores de valores, por criar um sentido independente do símbolo.[19]

[19] O autor mesmo explica o sentido dessas imagens auto-reflexivas: "First, there are the self-reflexive images. The picture and the mirror indicate for Lewis the double nature of his own fairy tales. They can be seen as superficial, as mere fantasy, or they can be seen as profound art. They can be seen as profound because his fairy tales are not symbolic. They can be seen as profound because the reader finds a new world, parallel and additional to his own. Hence Lewis dramatizes the discontinuity between inner and outer time. The reader, however, does not withdraw into his imagination. He instead begins a journey out of himself as well as out of the immediate environment. This journey is motivated by longing, by ideal scenes which he cannot help but desire. Historical Narnia is idealized but a world close enough to our own simulates this desire. It is quite because evil, thought present, is foreign to the place, something brought in form another world at the defining of time. Next, by fine gradations, Lewis leads beyond this ideal, shows it to be provisional, and ends his earlier Platonism might have led us out of the world by going within, Lewis phrases the new version, 'I this understood that in deepest solitude there is a road right out of self' (*Surprised by Joy*, p. 208). Second, the juxtaposition of worlds creates dialectic and gives grit and guts to all these idealized pictures. Moral choice exists and is never ambiguous. Lewis thus answers Socrates' critique of mythology (Republic)". (Schakel & Huttar, 1991, p. 232-254)

Com isso, o autor, quase que "por mero acaso", acaba associando dois outros campos, que, na verdade, são indissociáveis e cuja separação está na raiz da crise ética e educacional que vivemos no nosso século. Procuraremos aprofundar esse tema no próximo tópico.

NOTA SOBRE PENSAMENTO, LINGUAGEM E ÉTICA

Decidimos, neste momento, abrir um pequeno parêntese para tratar de um assunto que, de tão debatido, parece não ter solução desde Platão, ou até antes dele, até os dias de hoje. Trata-se da relação entre pensamento e linguagem, que, a nosso ver, precisa ser iluminada pela filosofia e, particularmente, pela ética.

Nos dias de hoje, com o advento da hegemonia tecnológica, o domínio dos multimeios de comunicação e

das grandes redes de informação, observamos uma real aproximação entre pensamento e realidade, por meio da linguagem. Mal criamos uma imagem na mente e já a traduzimos para a linguagem binária do computador.

A associação íntima entre pensamento e linguagem certamente trouxe grandes vantagens para a humanidade, como a de acelerar o fluxo de informações e de, quando tudo anda bem, democratizar o conhecimento.

Por outro lado, tendo esgotado os paradigmas epistemológicos clássicos, que fundamentavam e orientavam as ciências vernáculas, confrontamo-nos hoje com paradoxos modernos, como a desorientação diante de uma avalanche de informações a que estamos expostos. Já esquecemos até, do fim para o qual fomos criados e nossa vida se orquestra em verdadeiro "desacordo" com a nossa *ratio*.

Lewis já defendia as clássicas virtudes cardeais:

> com o objetivo geral da vida humana como um todo, com o fim para o qual o homem foi criado (que rumo a esquadra deve tomar; que espécie de música o regente da banda está para tocar). (*Cristianismo Puro e Simples*, p. 39)

Em *Os Quatro Amores*, Lewis elucida que, assim como o próprio homem, as virtudes cardeais encontram-se decaídas, refletindo a dialética do querer o bem, mas de não ser capaz de realizá-lo totalmente.[20] Quando o homem "quer demais" o bem, tende a recair no vício pela via do exagero.

Uma das virtudes cardeais, a "prudência" é, em *Cristianismo Puro e Simples*, a primeira lembrada por Lewis,

[20] Romanos 7.

como sendo o "espírito infantil" (que todos nós, de alguma forma, ainda temos em nós):

> A prudência é o bom senso, é o dar-se ao trabalho de considerar o que se está fazendo e qual sua conseqüência. Hoje em dia, a maioria das pessoas dificilmente consideraria a prudência como uma das "virtudes". Pois Cristo disse que só poderíamos entrar no seu reino se nos tornássemos crianças, e muitos cristãos têm a idéia de que, desde que sejamos "bons", não faz mal sermos tolos. Mas isso é um engano. Em primeiro lugar, a maioria das crianças demonstra uma grande "prudência" sobre as coisas em que estão interessadas e as consideram bem sensatamente. Em segundo lugar, como indicou o apóstolo Paulo, Cristo nunca pretendeu que devêssemos permanecer crianças na *inteligência*; ao contrário, ele nos disse que fôssemos não somente "Simples como as pombas" mas também "prudentes como as serpentes" [...]. Se você está querendo tornar-se um cristão verdadeiro, advirto-lhe de que está embarcando em algo que vai exigir todo o seu cérebro e tudo o mais [...] o Cristianismo em si mesmo é um processo de aprendizado. (*Cristianismo Puro e Simples*, p. 42-43)

Voltamos aqui novamente à função pedagógica. Josef Pieper (2001a) explica que "prudência" nada mais é do que ver as coisas como elas são, "abrir o olho" para o mundo, enxergando-o e a si mesmo:

> Mas isso é apenas o começo e a primeira metade da prudência. A outra, bem mais difícil, consiste em transformar aquilo que foi visto, a verdade das coisas, em diretriz do próprio querer e agir. Só então se perfaz a virtude da prudência, que com razão foi definida como "a arte de decidir corretamente". Só quem domina esta arte pode

ser considerado como um homem moralmente maduro e adulto. Para ele foi cunhada a palavra da Sagrada Escritura: "Se o teu olho é simples (*simplex*), então todo teu corpo estará na luz."(Mateus 6.22)

A própria imagem da porta, muito utilizada nos contos de fadas, pode simbolizar abertura e fechamento, sendo certamente uma alegoria da prudência.[21] Quanto à "temperança", Lewis comenta:

> A temperança é, infelizmente, uma dessas palavras que mudaram de sentido. Ela agora normalmente significa total abstinência de bebida alcoólica. Mas nos dias em que a segunda virtude cardeal era a "temperança" cristã ela não tinha esse significado [...]. O cristão pode achar conveniente renunciar a toda espécie de coisas por motivos particulares: ao casamento, a comer carne, a tomar cerveja, ou a ir

[21] E, quando Lúcia entra pela primeiríssima vez no guarda-roupa, por exemplo, a primeira coisa que faz é olhar para trás, "lá no fundo, por entre os troncos sombrios das árvores, viu ainda a porta do guarda-roupa, e também distinguiu a sala vazia de onde havia saído. Naturalmente, deixara a porta aberta, porque bem sabia que é uma estupidez uma pessoa fechar-se num guarda-roupa. Lá longe ainda parecia divisar a luz do dia. — Se alguma coisa não correr bem, posso perfeitamente voltar" (*LF*, p. 13-14). A exemplo de Lúcia, Pedro também é explorador precavido e experiente o suficiente para não se trancar no guarda-roupa. Ambos têm aquele tipo de ousadia de quem sabe que não está totalmente desprevenido e pode voltar ao "lar" a qualquer momento. Já Edmundo nem lembra de olhar para trás e só consegue voltar ao mundo de cá graças à generosidade da irmã. Na segunda "aventura" já não teria tanta sorte [...]. Mas não é só Edmundo. Há um momento, por exemplo, em que Pedro também vacila, quando, na Batalha Final, esquece-se de "limpar a espada". E não é só Lúcia e Pedro. Susana também tem a presença de espírito de lembrar dos casacos do armário, que viriam a ser fundamentais para as crianças defenderem-se da neve e do frio e do Sr. Castor, ao planejar a fuga pela floresta, reparando até nas condições do tempo (a neve que caía seria boa para apagar as pegadas deles)" (*LF*, p. 69-70). É claro que Aslam dá o exemplo maior de prudência, ao cometer a aparente "tolice" de aceitar as condições da feiticeira. Mal sabia ela que ele era *detentor de magia mais profunda*.

> ao cinema; mas se começar a dizer que essas coisas são más em si mesmas, ou desprezar os que dela se servem, estará no caminho errado. (*Cristianismo Puro e Simples*, p. 43)

O que o cristão deve evitar não são os prazeres em si, diz Pieper no citado artigo, mas a "concupiscência" dos olhos, a busca do prazer pelo prazer, que só leva à autodestruição no final (como mostram tantos mitos e contos de fadas). Pois a temperança tem muita relação com outra qualidade chamada "mansidão", que é o domínio próprio exibido por aquele que abre mão dos seus "pretensos" direitos (que normalmente não nos cabem por direito, se nos compararmos com Deus). Não é interessante observar a tendência humana de sempre querer reclamar mais e mais "direitos"?

A temperança é, assim, o que realça o sabor próprio e característico de cada um, com todas as suas potências e limitações. Essa virtude vai, portanto, muito além do que se pensa no senso comum.

O mesmo vale para a fortaleza, que é por Lewis descrita como a virtude que:

> inclui duas espécies de coragem: a que enfrenta um perigo e a que suporta o sofrimento. "Fibra" talvez seja a palavra moderna que mais se aproxime deste vocábulo. O leitor verá, certamente, que não se pode praticar nenhuma das outras virtudes por muito tempo, sem que esta entre em jogo. (ibidem, p. 44)

Não se trata, portanto, de uma "força bruta", mas daquela força que surge nos momentos de fraqueza. Trata-se, diz Pieper, de toda espécie de "heroísmo", como o de um mártir, ou o herói do trânsito que "atura" a hora

do *rush* com paciência. A diferença é que o último é menos reconhecido como grande homem.

Essa virtude também merece grande destaque em *LF*,[22] pois, como se sabe, todo bom conto de fadas tem os seus heróis.

Ford (1994, p. 306) diz até que o código de honra é a chave para se compreender as *Crônicas*. E, em um artigo separado, Lewis discute em que sentido o conceito de "cavaleirismo", ou código de honra, predominante durante a Idade Média, difere do conceito moderno de "herói" (sem deixar de ser tão ou mais necessário do que no passado):

> O rei é sempre um homem de carne e osso, um homem familiarizado com sangue, rostos esmagados, lábios abertos e corpos decepados. Por outro lado, é um homem delicado, quase feminino, de fino trato, gentil, modesto e discreto... Poderíamos até pôr em questão a relevância deste ideal para o mundo moderno. Mas ele é terrivelmente relevante. Pode não estar sendo praticado — a Idade Média já falhou notoriamente em seguir este ideal — mas é, sem dúvida, praticável, tão praticável quanto a necessidade que um homem sente por água, para não morrer no deserto. E o que é pior: isto indica o fato natural de que o real ideal humano nunca terá sido totalmente conquistado, e ninguém jamais poderá conquistar realmente, sem que haja a mais árdua disciplina. Isto já foi refutado pela história e experiência.[23]

22 Podemos reconhecer a importância desse tema pelo brilho do ritual de coroação das quatro crianças, que lhes dá o direito de ingressar para a ordem mais nobre de Nárnia. Esse título é posteriormente transferido para os heróis de outras histórias que se destacaram pela bravura na luta contra os povos não narnianos, como os telmarinos e calormanos. O personagem que talvez melhor exemplifique essa característica mas que, infelizmente, não aparece em *LF*, é, sem dúvida, o encantador ratinho Reepicheep, que aparece principalmente em *O Navio da Alvorada* e *A Última Batalha*.

Vemos aqui uma séria crítica contra contos do tipo dos de Walt Disney, em que as virtudes são tão exaltadas que ninguém se acha capaz de realizá-las. E o mal é tão depreciado que todos se sentem melhores, pois, afinal, ninguém é "tão" mal assim.

Em seguida, Lewis defende a tese de que o conceito de herói está totalmente distorcido nas escolas de hoje, que só lembram os grandes homens da História e esquecem o barbarismo desses mesmos homens, durante as "Grandes Guerras". Esquecem ainda do lado delicado e sensível de todo herói (como podemos observar também em heróis shakespearianos, como Hamlet).

Lewis faz então uma crítica social severa, denunciando o ideal moderno do herói das cidades, o homem "urbano e modesto", cujo único heroísmo e única esperança seja talvez a de sobreviver bravamente aos desafios da vida urbana:

> Há quem acredite que, reunindo mil homens, poderíamos produzir um ser que combinasse os dois lados do

23 "The knight is a man of blood and iron, a man familiar with the sight of smashed faces and the ragged stumps of lopped-off limbs; he is also a demure, almost a maidenlike, guest inhall, a gentle, modest, unobtrusive man [...]. What, you may ask, is the relevance of this ideal to the modern world? It is terribly relevant. It may or may not be practicable — the Middle Ages notoriously failed to obey it — but it is certainly practical as the fact that men in a desert must find water or die...
Worse still, it represents as a natural fact something which is really a human ideal, nowhere fully attained, and nowhere attained at all without arduous discipline. It is refuted by history and experience." (Hooper, 1986, p.13-14)

caráter de Lancelot. Mas se isso não é possível, então todo discurso a respeito de qualquer felicidade ou dignidade duradoura na sociedade humana é pura conversa. Sempre que há uma cisão dessas de Lancelot em duas partes, a história se torna um caso muito fácil de resolver [...]. A humanidade recai em dois partidos — dos que conseguem lidar com sangue e ferro, mas não conseguem "cortejar", de um lado, e dos que sabem "cortejar" mas são inúteis na batalha, de outro — pois a terceira classe, dos que são ao mesmo tempo brutais na paz e covardes na guerra, não queremos nem discutir. Quando ocorre esta cisão de Lancelot em duas facções, a História torna-se por demais simples. A história do velho Oriente Próximo é bem assim. Dificilmente os bárbaros descem dos seus lugares altos para exterminarem alguma civilização [...]. No mundo de hoje há uma tradição "liberal" ou "iluminada", que fala do lado lutador da natureza humana, como se fosse apenas mal e antiquado e como se invadisse os sentimentos do cavalheiro, com ares de *false glamour* da guerra. Existe ainda aquela tradição neo-heróica, inaugurada pelo ideal cavalheiro, que o vê como um sentimentalismo fraco, devido à sua gravidade romântica (ou seriedade ingênua e ansiosa!) como o feroz apelo pagão de Aquiles ao "invocar a modernidade". Já as qualidades heróicas prediletas de Kipling para seus subordinados favoritos têm se esquecido perigosamente do pacifismo e urbanismo. É impossível imaginar o Stalkey amadurecido na mesma sala que o melhor dos capitães de Nelson, muito menos com Sidney. Estas duas tendências são paradigmas de alcance mundial [...]. Em uma palavra, há ainda vida na tradição inaugurada pela Idade Média. Mas a manutenção dessa vida depende, em parte, do conhecimento de que o caráter cavalheiro é obra de arte e não da natureza — algo que precisa ser alcançado, e nada que se possa ter certeza de que vai acontecer de qualquer forma.[24]

Além de temperante, o perfeito cavalheiro medieval tinha um extremo senso de justiça, num sentido que:

> significa muito mais do que o que acontece nos tribunais. É aquilo a que nos referimos quando dizemos que determinado procedimento é "certo": inclui honestidade, reciprocidade, veracidade, fidelidade aos compromissos, todo esse lado da vida. (*Cristianismo Puro e Simples*, p. 43-44)

É claro que a traição de Edmundo é central na história de *LF*. Nela vemos espelhada toda história da traição humana. Trata-se da história de um delito, um inafiançável deslize, cometido por um só personagem[25] para a desgraça de muitos.[26] No caso da história da Queda, esse personagem foi Adão e a desgraça recaiu sobre toda a humanidade, sem exceção. O pior preço do delito: a morte física de todos e não o trabalho, como muitos acreditam. Embora a atividade econômica não seja a primeira finalidade do homem, também não é a última. Pois há duas formas de trabalho: a do Adão jardineiro, que con-

---

[24] "It may or may not be possible to produce by the thousand men who combine the two sides of Launcelot's character. But if it is not possible, then all talk of any lasting happiness or dignity in human society is pure moonshine. When this dissociation of the two halves of Launcelot occurs, history becomes a horribly simple affair [...]. In short, there is still life in the tradition which the Middle Ages inaugurated. But the maintenance of that life depends, in part, on knowing that the knightly character is art not nature — something that needs to be achieved, not something that can be relied upon to happen." (ibidem, p. 13-15)

[25] Já no Antigo Testamento se previa que a redenção era necessária. Cf. Salmos 49.9.

[26] Cf. Romanos 3.23 et seq. e 5.12 et seq.

diz com a sua natureza animal, e a do Adão decaído, cuja labuta é um castigo.[27] Ele é o antiexemplo da única virtude que não pode ser exagerada.

Há uma só virtude que não pode ser exagerada: *Agape*, um dos quatro amores (*Os Quatro Amores*, p. 28 et seq.), ou amor espiritual, conceito tão amplamente trabalhado por Lewis que mereceria um estudo à parte. Em sua resposta à sra. Ashton, Lewis comenta que:

> Caridade significa amor. Chama-se *Agape* no Novo Testamento para distinguir-se de *Eros* (amor sexual), *Afeição* (cordialidade familiar) e *Philia* (amizade). Então há quatro tipos de amor, todos bons em seu próprio lugar, mas *Agape* é o melhor porque é o tipo de amor que Deus tem por nós e é bom em todas as ocasiões [...]. Veja bem, *Agape* é dedicação total e sem nada em troca.[28]

[O amor representa a porta comum que interliga sensibilidade ética, estética e emocional do homem. O amor ágape revela-se nas *Crônicas* pelo tratamento afetuoso que Aslam dispensa às crianças (*My dear Son*, *Sweetheart* etc.).]

[27] "If I still wanted to defend my old view, I should ask you why toil appears in Genesis not as one of the things God originally created and pronounced 'very good', but as a punishment of sin, like death. I suppose one would point out in reply that Adam was a gardener before he was a sinner, and that we must distinguish two degrees and kinds of work — the one wholly good and necessary to the animal side of the animal rationale, and the other, a punitive deterioration of the former due to the Fall." (Hooper, 1993, p. 354)

[28] "Charity means love. It is called *Agape* in the New Testament to distinguish it from *Eros* (sexual love), *Storge* (family affection) and *Philia* (friendship). So there are four kinds of love, all good in their proper place, but Agape is the best because it is the kind God has for us and is good in all circumstances [...]. You see Agape is all giving, not getting." (ibidem, p. 438)

Em *Os Quatro Amores* Lewis também distingue os seguintes tipos de "amores naturais".

- *Afeto* — Este é para Lewis o mais universal, aberto e comum sentimento de amor, como a afeição que sentimos por toda humanidade. É também o menos discriminatório, mais humilde e democrático de todos os amores. Por outro lado, é o que menos aparece. Por isso, este tipo de amor está sempre associado a outras virtudes, tais como a bondade, a paciência e a solidariedade.
- *Amizade* — Para Lewis, a possibilidade de fazer amigos é a melhor parte da presente existência humana. Este amor é também o mais espiritual de todos, pelo qual Deus freqüentemente se manifesta. A amizade é uma escola de virtudes e vícios.

Um dos perigos mais eminentes das más amizades é o da indiferença pelo mundo externo, o orgulho cooperativo, que inclui o perigo mais espiritual da soberba. Por isso, toda amizade durável mantém um clima de franca humildade e honestidade entre os pares.

- *Amor erótico* — Lewis o define como sendo o amor que torna puro ou impuro, lícito ou ilícito o sexo. Pois, se voltado apenas para o prazer e satisfação de apetites, se egoísta, se esquece da pessoa amada, o ato sexual deixa de ser bom.

Por outro lado, se servir para exaltar a pessoa amada e entregar-se a ela, trata-se do mais transcendente de todos os amores, que pode também tomar o lugar que é destinado a Deus na vida de uma pessoa.

Assim, muitas vezes o caminho do romantismo, da adoração da mulher amada, uma vez frustrado, pode ser

o começo do retorno a Deus. Por isso é que os que renunciam ao amor Eros são mais informados a respeito das vicissitudes da natureza humana:

> Os que praticam a castidade, pelo contrário, "são mais conscientes e logo ficam sabendo muito mais sobre sua própria sexualidade do que qualquer outro [...]. Finalmente, embora tenha tido que falar bastante sobre o sexo, quero deixar o mais claro possível que o centro da moral cristã não é este. Quem pensar que os cristãos consideram a falta de castidade o pecado supremo, está redondamente enganado. Os pecados do corpo são maus, mas são os menos maus de todos os pecados. Os piores são puramente espirituais e também dão prazer: provar que o outro está errado, desempenhar o papel de mandão, de protetor arrogante, de desmancha-prazeres ou de linguarudo; são os prazeres do poder e do ódio". (*Cristianismo Puro e Simples*, p. 57)

Como podemos ver, da mesma forma que o próprio homem sempre tende ao desequilíbrio e exagero, todas as virtudes, exceto o amor *agape*, necessitam de "conversão", uma volta ao equilíbrio original. Pois, quando nos fixamos, quando cedemos a impulsos obsessivos, como o desejo por "manjar turco", acabamos com o "bom gosto" estragado. Pois "não há nada que tire tanto o gosto da boa comida caseira, do que a lembrança de um mau alimento enfeitiçado".[29]

[29] Além do episódio do *manjar turco*, outro exemplo disso é dado por Edmundo quando tenta ser um *gentleman* e fazer o papel do *bem*-educado diante da feiticeira, mas comete as piores gafes, como, por exemplo, falar de boca cheia. (*LF*, p. 37)

E o resultado final acaba sempre na decepção (desilusão) e solidão. Vemos em Edmundo um exemplo de exagero do "amor-necessidade" que acaba se tornando num egoísmo interesseiro reduzido às aparências e aos títulos. O mundo moderno todo sofre desse vício, que já revelava seus sintomas nocivos à sociedade na época de Lewis:

> ...a crescente exaltação da coletividade e a indiferença em relação às pessoas. As fontes filosóficas provavelmente são Rousseau e Hegel. Mas o caráter geral da vida moderna com a sua organização impessoal é mais potente do que qualquer filosofia [...]. Nada a não ser um Outro pode ser amado e um Outro só pode existir para um Eu. Uma sociedade, na qual ninguém tem consciência de si mesmo como pessoa diferente das outras pessoas; na qual não há a quem dizer "Eu te amo", é, de fato, imune contra (o pecado) do egoísmo, contudo, não por amor. Uma sociedade assim seria tão insípida e inodora quanto uma garrafa de água.[30]

Contra essa insipidez só mesmo a valorização da pessoa humana e a concretização das coisas. Ford considera Lewis simplesmente aristotélico, quando Aslam atribui a fala aos animais de Nárnia (*O Sobrinho do Mago*) como sinal de racionalidade.[31]

[30] "the growing exaltation of the collective and the growing indifference to persons. The philosophical sources are probably in Rousseau and Hegel, but the general character of modern live with its huge impersonal organizations may be more potent than any philosophy [...]. Nothing but Thou can be loved and Thou can exist only for an I. A society in which no one was conscious of himself as a person over against other persons, where none could say 'I love you', would, indeed, be free from selfishness, but not through love. It would be 'unselfish' as a bucket of water is unselfish." (*Of Others Worlds*, p. 83-84)

[31] "For Lewis, as for Aristotle, speech is the sign of rational thought in a creature. But in Aristotle's world and in the medieval cosmology, humans are the only talking animals. Not so in Narnia. When Aslam changes some

Em *Milagres*, Lewis faz considerações muito esclarecedoras a respeito da relação entre imaginação e pensamento (e que é particularmente interessante para a educação):

> Aquilo que pensamos ou dizemos pode ser, e geralmente é, muito diferente daquilo que imaginamos ou concebemos; e o significado pode ser verdadeiro enquanto as imagens que o acompanham são inteiramente falsas... A verdade é que, se tivermos de falar sobre coisas que não são percebidas pelos sentidos, somos forçados a usar a linguagem figurada. Os livros de psicologia, economia ou política fazem tanto uso da metáfora quanto os de poesia ou devocionais. Não existe outro meio de falar, como todo filósofo sabe perfeitamente. Os que quiserem ter certeza disso podem confirmar o fato lendo alguns livros desse tipo. É um estudo que dura a vida inteira, e devo contentar-me aqui com a simples declaração do fato; toda conversa sobre suprasensíveis é, e deve ser, metafórica no mais alto grau. Temos agora diante de nós três princípios de orientação: 1. O pensamento é distinto da imaginação que o acompanha. 2. O pensamento pode ser acertado em sua maior parte, mesmo quando as imagens falsas que o acompanham são tidas como verdadeiras. 3. Que quem quer que fale sobre coisas que não podem ser vistas, tocadas ou ouvidas ou outras semelhantes, deve inevitavelmente falar *como se pudessem* ser vistas, tocadas ou ouvidas. (*Milagres*, p. 67 et seq.)

O que Lewis está dizendo aqui é que a linguagem figurada ou metafórica é um recurso necessário para a

of the animals into Talking Beasts, he gives them not only speech but themselves, the land of Narnia, and charge over the Dumb Beasts from which they were taken. With the gift of rational self-possession comes possession of the world, freedom, and moral responsibility." (Ford, 1994, p. 200)

comunicação humana, que não consegue criar do nada, *ex nihil*, mas somente por meio do seu verbo. Por isso é que o sentido das palavras nem sempre é "seguro" e, com o tempo, inverte sua polaridade. Esse é objeto de estudo de Lauand (1995a, p. 53):

> ocorre com a linguagem um conhecido fenômeno de alteração do sentido das palavras, que se manifesta muitas vezes quando lemos um autor de outra época. E não é só alteração; como mostra Lewis, ocorre freqüentemente, sobretudo no campo da ética, uma terrível inversão de polaridade: "*the remarkable tendency of adjectives which originally imputes great goodness, to become terms of disparagement*": aquela palavra que originalmente designava uma qualidade positiva esvazia-se de seu sentido inicial ou passa até a designar uma qualidade negativa.[32]

É isso o que ocorre em grande parte com a palavra "Deus" nas sociedades modernas. Infelizmente, estamos perdendo o sentido dessa palavra, que certamente não poderemos esgotar (Lewis é totalmente tomista nesse ponto), mas da qual procuramos nos aproximar ao máximo no capítulo final do nosso estudo.

[32] A respeito do tema de fundo clássico lewisiano (*Studies in Words*).

5

A TEOLOGIA DE *O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*

A TEOLOGIA DO DEUS *ABBÁ*

Antes de adentrarmos na dimensão teológica de *LF*, cujo elo de ligação com a antropologia encontra-se, como já dizíamos, na própria imagem concreta do guarda-roupa, ao mesmo tempo corpo físico e entidade transcendental, é preciso observar que este trabalho não pretende ser um trabalho teológico. Por outro lado, para quem quer que esteja aberto e tenha ouvidos para essas dimensões, qualquer estudo que as ignorasse estaria passando ao largo do sentido mais autêntico e profundo de *LF*.

Neste capítulo pretendemos, assim, apresentar simples sugestões, a quem quer que se aventure a aprofundar-se teologicamente em *LF*, e que esteja acadêmica e espiritualmente autorizado para tanto. (Retomamos também as considerações que estabelecemos anteriormente sobre *Abbá*.)

De acordo com Odero & Odero, que, de resto, se mostram verdadeiras "autoridades no assunto", os temas teológicos centrais em Lewis, e que aparecem nitidamente também em *LF*, são:

> ... la existencia de un Dios personal, la centralidad de Cristo — Cristo como clave para entender al hombre y a toda la creación — y algunos pontos fundamentales de la história

> de la salvación que dan razón del estado actual del hombre y del futuro al que se dirige: la vocación sobrenatural del hombre, la caída original, la redención etc. (Odero & Odero, 1993, p. 358)

O caráter pessoal aparece, misturado ao mistério, inicialmente na figura de Aslam, que representa Cristo, já na primeira vez que as crianças ouvem seu nome. Quer dizer, esse nome as atinge em cheio, de tão carregado que está do caráter pessoal. Cada uma terá a sensação que lhe é particularmente agradável. O conceito personalista, peculiar do Cristianismo, é a pauta comum que une todas as cenas de *LF*, notadamente a conversa íntima que Aslam mantém com Edmundo, cujo teor fica reservado à imaginação de cada um: pois a experiência de Edmundo sintetiza a história da queda do homem em geral e do fracasso de cada ser humano em particular na tentativa de "acertar" ou de "ser feliz" na vida. Por isso, por esse caráter ao mesmo tempo universal e particular de sua traição, Edmundo só poderia ser salvo por Aslam, por ser este real e transcendente ao mesmo tempo, como nos explica o Castor:

> — O melhor meio para salvá-lo é procurar Aslam — disse o Castor. — Enquanto ele não chegar, não podemos agir. Não é que não precisemos de vocês, longe disso. Aí vai outra das nossas velhas canções: [...] Por isso, agora que ele já chegou, e que vocês também chegaram, tudo se encaminha para o fim. Sabemos que Aslam já veio outrora a esta região, mas há muito, muito tempo, ninguém sabe bem quanto. Mas os vossos, da vossa raça, sobre estes não há lembrança de terem estado aqui. (*LF*, p. 74)

O segundo aspecto da teologia de Lewis, a centralidade da pessoa de Cristo, fica evidente quando Aslam aparece pela primeira vez e reúne todas as criaturas falantes de Nárnia ao seu redor e, da mesma forma, também quando simplesmente desaparece novamente no final da história para ir cuidar de outros mundos, mostrando a mesma onipotência fundamental de Cristo quando reúne os seus discípulos ao aparecer diante deles após a sua morte e quando ascende aos céus, em meio às nuvens, desaparecendo de suas vistas.

Finalmente, o tema da "vocação sobrenatural do homem" fica claro no capítulo final com "A caçada ao veado branco". Como se sabe, a "caça à raposa" é famosa e tradicional na Inglaterra. Trata-se de uma espécie de jogo de esconde-esconde, em que normalmente a caça é liberta novamente no final. É pura diversão, puro ócio com apelo ao aspecto lúdico do homem, e que, no caso, termina com a redescoberta do poste de luz e o retorno à realidade de Londres.

É interessante notar que o poste de luz que Lúcia encontra antes de todos e serve de memorial às crianças, que, como todo bom ser humano, já quase haviam se esquecido do mundo real de Londres, é uma clara alusão à luz das Escrituras.

Como Davi já reconhecia, referindo-se à Bíblia, "Lâmpada para meus pés é a tua Palavra e luz, para os meus caminhos" (Salmo 119.105) pelo que corrobora o que a própria Bíblia testifica de si, ao dizer que "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2 Timóteo 3.16).

Por outro lado, não podemos fazer um estudo sistemático da teologia de *LF*, para o qual bastasse, por assim dizer, "uma boa cabeça". Pelo contrário, é muito difícil manter o tom "formal" de um trabalho acadêmico ao longo deste estudo, pois, para entendermos a teologia subjacente a *LF* é preciso, antes de mais nada, ter o coração e o espírito abertos e atentos aos significados que transcendem as simples histórias da carochinha.

Impedir que isso ocorra é a principal estratégia do inimigo da fé, é ficar rondando a mente do paciente humano e mantendo-a sempre distraída e limitada ao aqui e agora (quem é que não conhece essa velha tática?). Como Screwtape muito bem recomenda na sua primeira carta ao seu sobrinho:

> Eu já tive um paciente, ateu confirmado, que costumava ler no Museu Britânico. Um dia, enquanto ele ia lendo, eu vi uma cadeia de pensamentos que iam tomando mau caminho em sua mente. O Inimigo, naturalmente, apareceu ao lado dele no mesmo instante. Antes de eu saber a quantas andava, vi perigar meu trabalho de vinte anos. Se perdesse a cabeça e tentasse uma defesa por meio da argumentação, estaria perdido. Mas não sou tolo. Ataquei imediatamente o homem pelo ponto que tinha mais sob meu controle, e sugeri que já era hora do almoço. O Inimigo presumivelmente fez a contra-sugestão (você percebeu que nunca se pode ouvir bem o que ele lhes diz?) de que isso era mais importante que o almoço. Acho, pelo menos, que tal deve ter sido sua linha, pois quando eu disse "Perfeito! Importante demais para atender no fim da manhã", o paciente esperou consideravelmente; e quando afinal acrescentei "melhor voltar depois do almoço com a cabeça fresca para estudar isso", ele já estava quase na porta. Ao chegar à rua, a batalha estava ganha. Mostrei-lhe um jornalzinho que apregoava o jornal do meio-dia, um ônibus que ia passando, e antes de ele chegar no último degrau, já lhe havia insinuado a inalterável convicção de que, por mais estranhas que fossem as idéias que passavam pela cabeça de um sujeito sozinho com seus livros, uma saudável dose de "vida real" (pela qual ele entendia o jornaleiro e o ônibus) era o bastante para mostrar-lhe "que aquela espécie de coisa" positivamente não podia ser verdade. Ele bem sabia que escapara por um fio, e anos mais tarde gostava de referir-se "àquele inarticulado senso de realidade que é nossa última salvaguarda contra as aberrações da mera lógica". Está agora a salvo, na casa de Nosso Pai. (*Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, p. 20-21)

O que Screwtape não sabe é que o "Inimigo" (Deus) está mais interessado em nós do que nós podemos estar Nele. Ele está, por assim dizer, no nosso encalço e sabe discernir não apenas o nosso comportamento típico mas a nossa lógica particular de funcionamento, a nossa *ratio* interior. Por isso, ao contrário do Satanás, que só sabe tirar conclusões a partir do nosso comportamento manifesto, ele prevê e conhece todos os nossos passos.

Da mesma forma como as palavras de Aslam após o seu encontro com a feiticeira nos fazem supor ("Está tudo resolvido"), ele conhecia algo mais, de que a feiticeira nem sequer sonhava, mas que é muito familiar ao homem. Ao contrário dela, que não era humana, os seres humanos têm uma vocação sobrenatural que sempre os impele a buscar algo mais, uma realização transpessoal, uma unificação com o nosso criador e conhecedor em profundidade.

Encontramos inúmeras passagens das Escrituras que dizem que só Cristo conhece o nosso nome verdadeiro,[1] para além de todos os nomes, e que nós, por outro lado, só o podemos conhecer por meio de "nomes" e de "ouvir falar".[2]

Devemos observar que o conhecimento dos nomes sempre foi muito importante na tradição judaica e nas línguas semíticas em geral, tendo um lado místico-religioso muito acentuado. Também, em *LF*, os nomes são muito importantes (embora não tão precisamente delineados quanto os nomes criados por um Tolkien, por exemplo). É possível, nesse sentido, comparar o nome de Aslam em *LF* com os nomes de Cristo na Bíblia, e há até quem defenda uma "teologia do nome de Aslam":

> A "teologia" do nome de Aslam está profundamente enraizada na tradição judaico-cristã [...], na qual um nome reflete em profundidade a reputação e experiência de uma pessoa [...]. O seu nome leva a fama de estar por detrás de toda história, desde o começo; trata-se, igualmente, de uma promessa de cuidado para com eles, e até melhor do que para o futuro. Para os cristãos, este futuro chegou definitivamente em Jesus, o Cristo, cujo nome, *Yeshua*, significa *Yahwe* salva.[3]

[1] Cf. "O verdadeiro nome da cada um" *in* Lauand, 1990, p. 47 et seq.

[2] De acordo com Ford, os únicos que conhecem o nome de Aslam em *LF* são os animais falantes criados em *O Sobrinho do Mago*, que o conhecem e honram intuitivamente, pois sabem reconhecer a voz do seu Criador. Esta é outra forte alusão à parábola da Ovelha Perdida (Cf. Ford, 1994, p. 404).

[3] "Lewis 'theology' of the name of Aslam is deeply imbedded in the Judeo-Christian tradition [...] in which the name profoundly reflects the reputation

Mas, de todos esses três aspectos teológicos, o mais eminente em *LF* (e que fica mais evidente nos quatro últimos capítulos), é o modo peculiar do cristão conceber seu Deus, na pessoa de Cristo, pauta por onde transcorre todo relacionamento com ele. Ao contrário do deus do panteísmo, que se dissolve no universalismo de chavões como a "força da natureza" e a "energia cósmica",[4] Cristo é, como o expressa o Castor, um ser "muito perigoso, é perigosíssimo", ao mesmo tempo que é simplesmente "bom", como a própria imagem do leão, em oposição à feiticeira, que é totalmente má.[5] Esse confronto de opostos pode ser encontrado sempre que se fala em Aslam ou algo relacionado a ele. Numa das batalhas, por exemplo, Aslam se revela, em meio a toda a confusão e barulho de armamentos, com um só rugido, capaz de unir Ocidente e Oriente.[6]

E a forma carinhosa de tratamento das crianças, que Aslam sempre chama de *children*, deixa claro que, muito além do lado terrível, temos em Cristo o ser pessoal e, mais ainda, num sentido muito próprio, o Pai, refletido

and the experience of the person. ... His name is his reputation for having been behind his people's history from the beginning; it is also a promise to care for them as well or even better in the future. For Christians this future arrived definitively in Jesus the Christ, whose own name, *Yeshua*, means *Yahwe* saves'." (ibidem, p. 63)

[4] Em uma carta ao seu melhor amigo, Lewis explica essa diferença: "In Pantheism God is all. But the whole point of creation surely is that He was not content to be all. He intend to 'be all in all'". (*Letters to Malcolm*, p. 70)

[5] Ford lembra que, quando o leão entra em cena pela primeira vez, vale a pena saborear o efeito que ele provoca nas criaturas mitológicas que se reúnem em torno dele, pelo que se prova que esta é, para ele, a mais numinosa de todas as cenas empregadas por Lewis em *LF*: "the center of the best pagan and Christian intuition". (ibidem, p. 20)

[6] Cf. *LF*, p. 156-157.

na sua pessoa. É esse precisamente o tom que "in-forma" (deve informar) todo o ser e agir, o *Lebensstil*[7] cristão, que reflete, de certa forma, o estilo de vida e fala simplex[8] do povo, ao mesmo tempo que fala de Deus.

Cristo veio para remeter-se à salvação, por meio de *Yahvé*, seu pai. Veremos, a seguir, em que sentido podemos comparar Aslam a Cristo e a Deus-Pai, em seu trato pessoal com as crianças, chave que, em Lewis, é fundamental para a compreensão do Cristianismo.

A FILIAÇÃO EM CRISTO

No presente capítulo, faremos uma análise mais profunda da relação que pode haver entre a figura de Aslam e a imagem de Cristo, que espelha também a imagem do Pai de forma tão natural e espontânea quanto a criança recém-instruída nas coisas de Deus confunde Deus com Jesus Cristo. Para ela, as duas imagens fundem-se de uma forma tão natural quanto se fundem o cavalo e o cavaleiro numa só imagem de nobreza.

O que buscaremos, nas páginas a seguir, é abrir-nos ao significado muito mais profundo, escrito nas entrelinhas de *LF*, e que só reconhecemos após inúmeras leituras, condicionadas pelo momento que ora estamos vivendo.

[7] Em *Timeless at Heart* Lewis explica que a única especificidade imprescindível a uma "comunidade verdadeiramente cristã" que pretende seguir o "estilo de vida cristão" é a observação das regras básicas do Cristianismo, tais como a comunhão, a prática da eucaristia etc. (*Timeless at Heart*, p. 46-47)

[8] Ou seja, unívoco, claro, descomplicado ou, sem *plicas*, ingênuo, límpido e direto, estilo que podemos também encontrar nos provérbios e nos contos de fadas.

Vale aqui uma nota pessoal a respeito do estilo de Lewis: sua genialidade vem de ser tão sincero nas suas colocações explícitas e nas suas metáforas ou alusões àquilo que não se pode exprimir em palavras, que suas histórias (umas mais do que outras, é claro) se realizam, se tornam vivas e se concretizam na própria vida de quem as lê.

Apesar de em *LF* não termos uma cena em que Aslam dialoga com o Grande Imperador d'Além-mar, e do seu sacrifício ter sido suportado em total silêncio, Lewis sintetizava sua teologia da trindade na imagem de Aslam. As instruções dadas por Aslam para a primeira Batalha de Pedro são de um grande líder de batalhas, mas são também tipicamente paternas.[9]

Na Mesa de Pedra, Aslam fica quieto, mas todos que o conheciam sabiam muito bem que ele tinha o poder de, com uma só patada, acabar com toda a história.[10] E as mesmas criaturas que ele havia criado em *O Sobrinho do Mago* (não as falantes, é claro), são as que o torturam.[11] O absurdo da cena provoca o protesto das meninas, feridas no seu senso de justiça. Parece até que a injustiça atiça ainda mais o gosto da feiticeira em matar o leão (vibrava e se contorcia de ódio);[12] ela demanda todo poder sobre a vida e a morte.[13]

[9] "'Deve colocar os centauros em tal parte', ou, 'Não esqueça as sentinelas'." (*LF*, p. 130)

[10] "Claro que, se o leão quisesse, uma patada seria a morte para eles, mas ficou quieto, mesmo quando os inimigos rasgaram a sua carne de tanto esticarem as cordas." (*LF*, p. 135)

[11] "Vejam, não passa de um gatão!" (*LF*, p. 136)

[12] "— Covardes! Covardões! — soluçava Susana. — Será possível que ainda tenham medo?" (*LF*, p. 137)

[13] "— Quem me impedirá? Quem poderá arrancá-la de minhas mãos? Vê se compreendes que me entregaste Nárnia para sempre, que perdeste a vida

Lewis desafia aqui diretamente as falas que alguns povos reivindicam a respeito de Deus. Alguns até admitem a conclusão evidente de que, se há uma "Lei Natural", quando a quebramos:

> ... somente uma pessoa pode perdoar. E ainda não atingimos um Deus pessoal, mas somente um poder por trás da Lei Moral, mais semelhante a uma mente do que a qualquer outra coisa. Talvez seja bem diferente de uma pessoa. Se Ele é apenas uma mente impessoal, não há sentido em Lhe pedir que não nos leve a mal ou que não nos castigue, assim como não faz sentido pedir desculpas à tabuada quando erramos nas contas. A solução não deixará de estar errada [...]. O problema é que uma parte de nós mesmos está do lado Dele e realmente concorda com a sua reprovação da ganância, da iniqüidade e da exploração humana [...]. Por outro lado, sabemos que, se há uma retidão absoluta, ela deve odiar a maior parte das coisas que fazemos. Esse é o terrível dilema em que nos encontramos. Se o universo não é governado por uma retidão absoluta, todos os nossos esforços, no final das contas, são inúteis. Mas se é, então estamos nos fazendo cada dia mais inimigos dessa retidão, e nada nos diz, absolutamente, que amanhã seremos melhores; assim o nosso caso é novamente desesperador. (*Cristianismo Puro e Simples*, p. 17)

Enquanto o panteísmo afirma a lei absoluta, a maioria dos povos modernos segue o relativismo moral, mas todos têm em comum esse "dilema". O mesmo povo judeu que aclamou a Cristo como rei gritou pela sua

sem teres salvo a vida da criatura humana. Consciente disso, desespera e morre." (*LF*, p. 138)

morte. E a grande placa na sua cruz dizia "Rei dos Judeus". Quer dizer, a encarnação de Cristo no mundo teve efeitos sobre toda raça humana, mais efetivos do que qualquer bomba atômica.

Para começar, Cristo provocou grande impacto político ao reivindicar para si ser Filho de Deus, levando o povo ao ponto de desejar expressamente a sua morte. Mais do que uma revolução isso representou o cumprimento de uma antiga profecia, que falava do Filho do Homem que desceria à Terra com uma missão mais ampla, e que somente ele, a pessoa de Cristo, poderia realizar.[14]

E Cristo foi coerente com a sua alegação, literalmente, até o fim. Como se sabe, suas últimas e mais marcantes palavras foram:

> Abbá! Ó Pai! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres.[15]

Em outras palavras, no momento de maior abandono Cristo admite seu sofrimento e suplica a Deus por misericórdia, mas abre mão dos seus direitos e do seu poder.

Entramos aqui na diferença básica, no cerne, a chave que distingue o Cristianismo de todas as outras cosmo-

[14] Semelhantemente, Pedro tenta negociar com o Castor o fato de o fauno ter sido preso pela feiticeira, mas o castor mantém a sua cabeça fresca, porque tem consciência de um plano maior por trás daquela situação constrangedora "— Mas a gente não pode dar um jeito? — perguntou Pedro. — Quer dizer, se a gente for disfarçado de... sei lá... de vendedores ambulantes ou de qualquer outra coisa ... esperar que ela saia de casa ... ou ... Puxa vida! A gente tem de achar um jeito. O fauno arriscou-se para salvar a minha irmã, Sr. Castor! Não podemos abandoná-lo assim, deixar que façam com ele uma coisa dessas! — Não vale a pena, Filho de Adão! — disse o Castor. — Nem vale a pena experimentar. Agora que Aslam está a caminho..." (*LF*, p. 72)

[15] Cf. Marcos 14.36.

visões e religiões. Quando Aslam aparece vivo diante de Lúcia e Susana, elas levam o maior susto. Isto é, somos caçadores do nosso *self* mas não contamos com este outro Alguém que tenciona esse fio que estamos puxando e lhe fornece resistência: Está "vivo"!

Ao mesmo tempo que somos "caçadores de mim", somos, por assim dizer, presas da Onipotência, Soberania e Onipresença de Deus. Vale a pena citar novamente *Milagres* para insistirmos nesse ponto:

> Os homens relutam em passar da noção de uma divindade abstrata e negativa para o Deus vivo. Não me surpreendo. Aqui se encontra a raiz principal e mais profunda do panteísmo e da objeção ao simbolismo tradicional. Em análise final, o ódio não se dirigia ao fato de Ele ser retratado como Homem, mas porque O fizeram rei, ou mesmo um guerreiro. O Deus panteísta nada faz, nada exige. Ele está ali quando o solicitam, como um livro numa prateleira. Não irá persegui-lo. Não há perigo de o céu e a terra fugirem em momento algum do seu olhar. Se Ele fosse a verdade, poderíamos então dizer convictamente que todas as imagens cristãs de soberania não passavam de um acidente histórico do qual nossa religião deveria ser purificada. Descobrimos com um choque que elas são indispensáveis. Você já teve surpresas assim antes, em relação a coisas menores — quando a linha puxa a sua mão, quando algo respira a seu lado no escuro. O mesmo acontece aqui; o choque se dá no exato momento em que a sensação de vida nos é comunicada juntamente com a pista que estivemos seguindo. É sempre chocante encontrar vida, quando pensávamos estar sós. "Veja!", gritamos, "está *vivo*!" E, portanto, este é o ponto onde muitos recuam — eu teria feito o mesmo se pudesse — agastando-se do Cristianismo. Um Deus "impessoal" é bem aceito, Um Deus subjetivo de beleza, verdade e bondade, dentro de nossa cabeça — melhor ainda. Uma força de *vida* informe, surgindo através de nós, um vasto poder que podemos deixar fluir — o melhor de tudo. Mas o próprio Deus, vivo, puxando do outro lado da corda, talvez se aproximando numa velocidade infinita, o caçador, rei, esposo — isso é outra coisa muito diferente. (*Milagres*, p. 87-88)

Em *LF*, fica claro que Deus não é um Deus "domesticável". Você não pode forçá-lo; Ele vem quando menos o esperamos, não por acaso, não como o "leão que ruge" em derredor, mas como o pastor à procura de sua ovelha perdida, que tem uma missão específica para ela.

Ele, diferentemente do homem, não conhece impossibilidades.[16] E para encontrá-lo, não basta estar disponível, é preciso estar pronto, ter uma "presença de espírito" e um certo "senso pelo fantástico", como o que move Lúcia a abrir a porta de um velho armário que tinha noventa por cento de chance de estar trancado:

> Para ela, valia a pena tentar abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase a certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina... De repente notou que estava pisando em qualquer coisa que se desfazia debaixo de seus pés. Seriam outras bolinhas de naftalina? Abaixou-se para examinar com as mãos. Em vez de achar o fundo liso e duro do guarda-roupa, encontrou uma coisa macia e fria, que se esfarelava nos dedos. (*LF*, p. 12-13)

16 Cf. Jó 11.10.

Lúcia não consegue deixar de olhar no armário... mas também mal acredita no que estava acontecendo diante dos seus próprios olhos. E, quando volta para o lado de cá do guarda-roupa, não esconde sua sensibilidade e busca sincera pela verdade.

Da mesma forma como nenhum personagem consegue "forçar" uma entrada no mundo de Nárnia, pela sua vontade, também não podemos "forçar" Deus a absolutamente nada: a realizar um milagre ou deixar de realizá-lo. Por outro lado, nunca estamos a salvo Dele, principalmente se temos um espírito aberto para o mundo dos contos de fadas.[17] Não basta "invocar" o nome de Deus, é preciso dispor-se a ouvir o que "Aquele que é" tem a nos dizer.[18] Essa é uma constante em todas as *Crônicas de Nárnia*.

Como o próprio Santo Tomás já dizia:

> A denominação "Aquele que é", quanto à sua origem, é mais própria de Deus que este último nome mesmo; pois ela se origina do ser, tanto quanto à sua significação como quanto ao conteúdo desta, conforme já dissemos. Mas, quanto ao ser designado, o nome de Deus é o mais próprio, porque é usado para significar a natureza divina; se

[17] Ford comenta, nesse sentido, que Lúcia é a primeira a ouvir a voz de Aslam, "Lucy first hears Aslam's name in *LWW*, she has 'a beginning of vacation, waking up in the morning feeling'. There is a dreamlike quality to her first vision in *PC*, in which the trees are not quite awake, but that she herself is 'wider awake than anyone usually is'... And if there was ever any doubt, at the end of *LB* Aslam fulfills Lucy's original feeling back in *LWW* and tells the inhabitants of his country that now 'the term is over, the holidays have begun. The dream is ended, this is the morning'". (Ford, 1994, p. 385-386)

[18] "Nem todo o que me diz 'Senhor, Senhor' entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade do meu Pai que está nos céus." (Mateus 7.21)

> bem que mais próprio ainda é o nome do tetragrama, imposto para significar a própria essência incomunicável e por assim dizer singular de Deus (*ST*, XIII art. 9).[19]

A idéia de Deus como Jeová, o "Eu sou",[20] aquele que é, o que é, é totalmente "antiga". No Antigo Testamento,[21] a principal fonte cultural da civilização judaica, Deus recebe vários nomes além de *Yahveh,* ou *Yeshua,* o Nome,[22] e aparece normalmente ligado à tradição dos "pais",[23] como comenta Messori:

[19] A comunicabilidade do nome de Deus tem muito que ver com a abertura e com a disposição de cada um para ouvir, como comenta Logsdon: "Minds and hearts change only when the owner is seeking and has opened them first. All this made me think of a Chesterton quote, which maddeningly, now, I can't find. Basically it said that when a man is utterly convinced of something, it is then that he is helpless to defend it, because of the fact that he is utterly convinced and not merely playing with debating counters. [...] The first necessity seems to be an open mind. In all our conversion experiences I think we will be able to look back and point to a state in which we said 'OK I'm not sure what to believe, but I'm going to look over all the evidence and make a decision on basis of what I see there'. I think without this state of mind occurring, none of us would be Christian now [...]. In answer to Lewis's critics, Lewis did write apologetics [...] Perhaps, ultimately, metaphor is the only way to communicate conviction. Perhaps this is way the metaphor-filled *Mere Christianity* and the Narnia tales touched more souls than a number of dry theological tomes. Lewis's arguments appeal more to the common sense that the extremes of reason". (Logsdon, 1995, p. 2 et seq.)

[20] Gênesis 4.26; Êxodo 3.13; João 8.24 e Apocalipse 1.4.

[21] Fora este, Deus recebe no AT ainda os nomes de *Shaddai* (Gênesis 17.1); *Elyon* (Gênesis 14.18), Deus do Céu (Esdras 1.2; Marcos 2.21; Mateus 3.2; O Bendito (Marcos 14.61); O Poderoso (Mateus 26.64); *Adonay* (Isaías 37.24; Êxodo 15.17; Isaías 37.24; 2 Reis 19.23) etc.

[22] 1 Reis 8.16.

[23] Cf. Gênesis 26.24-25. Isso ocorre também na visão de Jacó em Gênesis 28.13 et seq. na história da sua fuga, em Gênesis 46.3 e em Êxodo 3.13 et seq., quando Deus revela a Moisés a sua missão de libertação do povo judeu na sarça ardente.

... Vamos reler: "Indo um pouco mais longe, prostrou-se por terra e pedia que, se fosse possível, essa hora passasse. E dizia: 'Abba (Pai)! todas as coisas vos são possíveis; afastai de mim este cálice. Mas não aconteça como eu quero, mas como vós quereis' (*Cristianismo Puro e Simples*, 14.35 et seq.). O evangelista acrescenta logo depois que "Afastou-se de novo e rezou, repetindo as mesmas palavras" (14.39). "As mesmas palavras": repetindo, portanto, aquela prece que começa com aquele extraordinário *Abbá*. Segundo os outros dois sinóticos (João, como sabemos, coloca também ali a captura, mas deixa de lado a oração de Jesus), a invocação começa não com o termo aramaico conservado por Marcos, mas com o grego *páter* (Lucas) ou *páter mú*, meu pai (Mateus). Basta uma rápida consulta a uma "chave bíblica" (uma dessas obras que indicam as passagens onde são empregadas as palavras bíblicas) para constatar que *Abbá* aparece uma só vez nos evangelhos: exatamente no trecho de Marcos que citamos. Depois é encontrado duas vezes em Paulo, na carta aos romanos e aos Gálatas. Palavra muito pouco usada, pois; mas o suficiente para lançar uma luz muito viva sobre todo o Novo Testamento. Paga a pena, então, demorar-nos aqui um pouco, como o fez com especial rigor o biblista alemão Joachim Jeremias, que aos seus muitos livros, todos muito importantes, acrescentou um nos anos 60 que se tornou um clássico, cujo título é simplesmente *Abbá*. Para medir a realmente misteriosa novidade instaurada por Cristo nas relações entre terra e céu, é preciso saber, antes de mais nada, que, em todo o Antigo Testamento, somente quinze vezes se usa o termo "pai" para falar de Deus. É, além do mais, uma "paternidade" metafórica, alegórica, totalmente diversa da paternidade terrena. Também jamais é pessoal, individual, como se cada pessoa, pensando no Criador, pudesse invocá-lo dizendo "meu pai". Essa relação íntima (pelo menos segundo algumas interpretações) parece existir em alguns raros casos, mas sempre em se tratando do rei de Israel. [...] nas raras vezes que a Escritura hebraica usa o termo "pai", este é sempre acompanhado de qualificativos como "Senhor, Altíssimo, Eterno", para marcar a distância entre ele e o homem, distância que a piedade hebraica protege a todo custo. Essa veneração, que às vezes se transforma em pavor, está sempre tão presente que, como todos sabem, nem sequer se ousa mencionar o nome divino, mas se recorre a perífrases para indicá-lo. (Messori, 1993, p. 282 et seq.)

De fato, os nomes de Deus associam-se, no Antigo Testamento, à idéia de força e poder. Um dos poucos a usar a metáfora de Deus-Pai é o rei (e poeta) Davi, considerado também o amigo de Deus.[24] Se procurarmos nos livros proféticos, encontraremos previsões desse novo relacionamento:

> Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-Maravilhoso, Deus-Forte, *Pai-Eterno*, Príncipe-da-Paz (*grifo nosso*).[25]

E ela é totalmente confirmada no Novo Testamento:

[24] Salmo 68(67).6. Outra passagem semelhante a esta é o Salmo 89.27. E, no cântico a respeito da vigilância, Deus é lembrado como Senhor, que nos livra das injustiças cometidas pelos outros.

[25] Cf. Isaías 9.5. E em Malaquias 2.10, por exemplo, fala-se em Deus-Pai como o Criador, "Não temos todos um único pai? Não foi um único Deus que nos criou?"

ANEXO II

RESUMO DO ENREDO DE *O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*

Embora possam ser lidas isoladamente, com começo, meio e fim, muitos preferem ler as *Crônicas de Nárnia* por ordem cronológica de escrita — *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (*LF*), *O Príncipe Caspian*, *A Viagem do Peregrino da Alvorada*, *O Cavalo e seu Menino*, *A Cadeira de Prata*, *O Sobrinho do Mago* e *A Última Batalha*. Já outros preferem a ordem "lógica", que começa com a criação de Nárnia em *O Sobrinho do Mago*, seguindo com *LF*, *O Cavalo e seu Menino*, *O Príncipe Caspian*, *A Viagem do Peregrino da Alvorada*, *A Cadeira de Prata* e *A Última Batalha*, cada uma tematizando um valor moral central, que, no caso de *LF*, parece ser a verdadeira realidade sobrenatural ou eterna e o sentido da ressurreição ou vida além da morte, ou, em outras palavras, da redenção e do resgate.

Apesar da aparente "confusão" ou certa inconsistência que a ordem cronológica possa causar, ela retrata a realidade mais "adulta" e o respeito que Lewis tinha pelo leitor. Em uma carta a uma criança leitora, ele recomenda começar pela leitura de *O Sobrinho do Mago*, onde a feiticeira é apresentada como *Jadis*, a última rainha de um mundo, à beira do armagedon final, para o qual Digory e Polly são transportados pelos mesmos anéis mágicos que levam Jadis a Nárnia (onde passou a ser conhecida como "Feiticeira Branca"). Essa diferença do nome da feiticeira entre *LF* e *O*

Realmente estamos diante de um *unicum*, como não deixa de notar Jeremias: "Podemos afirmar com toda a certeza que o conjunto dos textos hebraicos de oração não tem absolutamente nada de análogo a essa invocação *Abbá*. E isso vale não só para os textos da liturgia oficial, mas também para as orações "livres" para as quais a literatura talmúdica nos conservou muitos exemplos". Mas por que não se usa esse termo em Israel? Porque não passa de um balbucio de criança quando começa a pronunciar as primeiras palavras: *imma*, em vez de mamãe; *abbá*, em vez de papai. Como diz o Talmud: "Quando uma criança aprecia o gosto do trigo (isto é, quando é desmamado e passa de leite a alimentos mais substanciosos) aprende a dizer *abbá* e *imma* [...]."
Como já foi comentado: "Gritar *abbá* está acima de toda capacidade humana, não é possível senão no contexto da nova relação com Deus, que nos foi dada pelo Filho feito homem". Por isso dizíamos, no início deste capítulo, que naquela pequena palavra infantil de duas sílabas, conservada pelo segundo evangelista, está oculto o segredo maior da missão de Cristo. "Oculto": não usamos o termo por acaso. Como mais vezes o constatamos, entre as características que fazem únicos os evangelhos, está como que um esconder pérolas entre suas dobras, um exigir pesquisa e reflexão para descobrir suas riquezas. Aqui e sempre estamos diante da estratégia de um *Deus esconditus*, que parece querer brincar de se esconder nos pormenores. E também isso — pensando bem — não está entre os menores sinais de credibilidade desses textos: com efeito, se não fossem senão obra humana seriam muito mais explícitos. A propaganda, também a religiosa, não gosta dos meios-tons, não pode como que brincar de esconde-esconde com o leitor (ou ouvinte); precisa apresentar claramente seus

argumentos, não escondê-los com meias palavras, de tal modo que só nestes decênios o trabalho dos biblistas conseguiu encontrar e revelar essas pedras preciosas. Assim, se por um lado certa crítica moderna parecia pôr a fé em risco, tentando privá-la de sua base histórica, por outro lado acabou alimentando essa mesma fé: é somente graças à trabalheira de tantos especialistas que hoje podemos apreciar o que significa um piedoso hebreu ter chamado de "papai" o Eterno, o Inacessível, o Deus cujo nome não se ousava escrever nem pronunciar. De qualquer modo é ainda mais significativo que esse *Abbá*, que abre perspectivas espantosas e totalmente inéditas na história religiosa da humanidade, esteja no início dos relatos da Paixão, projetando sobre toda esta última uma luz que lhe dá pleno significado [...]. Pois bem: além da preeminência inaudita (mas objetiva) que essa perspectiva dá à mensagem evangélica sobre qualquer outra mensagem religiosa, é preciso ainda levar em conta o fato misterioso que, também aqui — como em tantas outras partes do Novo Testamento — se realiza um vaticínio repetido nos séculos, encontra seu cumprimento a expectativa milenar de todo um povo. (Messori, 1993, p. 284 et seq.)

Essa é a explicação para o claro-escuro, a espécie de brincadeira de *hide-and-seek* presente em todo *LF*, mas especialmente na caçada ao veado branco. Ele pode ser encontrado, por qualquer um, desde que o busque.[30] Mas é com as meninas que o leão passa os seus últimos momentos, são elas que testemunham sua morte e são elas novamente com quem ele "brinca", depois de ressurreto.

[30] Em Lucas 11.9, Cristo promete ser encontrado por todos, desde que busquem.

Nesse sentido, outro detalhe importante para a compreensão da teologia de *LF* é que, enquanto repartiam entre si suas vestes, Cristo chama Maria, sua mãe:

> Vendo Cristo sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse:
> — Mulher, eis aí teu filho.
> Depois disse ao discípulo:
> — Eis aí tua mãe. — Dessa hora em diante o discípulo a tomou para casa.[31]

Em outras palavras, Cristo passa a sua filiação carnal para um homem, num ato preparatório de sua partida deste mundo e da sua forma carnal. Com isso, estende a idéia de filiação Divina para o ser humano feminino. Por outro lado, Deus permanece sempre Pai.

O carinho do pai aparece claramente nos episódios em que Aslam brinca com as meninas, especialmente logo após a sua ressurreição, num claro paralelo à história de Maria Madalena,[32] que só reconhece o Cristo ressurreto quando ele a chama pelo seu nome.[33]

Nesse sentido, *LF* se parece muito com as parábolas bíblicas do "Filho Pródigo", da "Ovelha Perdida" e da "Dracma Perdida".[34]

Muito além de uma simples questão de machismo ou feminismo (que o próprio Lewis também considera em determinados artigos), o que vemos aqui é a união mística das duas dimensões do ato redentor de Cristo neste mundo: a da redenção individual particular e pessoal de cada um e a salvação universal da humanidade. Lewis mesmo defendia a tese de que Cristo teria se encarnado novamente e morrido por um só homem (ou mulher), se fosse o caso.

[31] Cf. João 19.26-27.

[32] Maria Madalena vai até o túmulo de Jesus três dias após a sua morte e o encontra ressurreto. E ela só o reconhece quando ele pronuncia o nome dela, cf. João 20.11 et seq.

[33] Como as ovelhas reconhecem a voz do pastor em João 10.11-16.

[34] Cf. Lucas 15.4 et seq.

Assim, embora Aslam tivesse morrido calado, amordaçado, e a cena final tivesse sido censurada pelo autor, a semelhança do sentido da morte de Aslam à morte de Cristo é inegável. Podemos ver nela toda a grandeza do ato de Deus em sacrificar uma parte Dele mesmo, seu próprio filho, para a salvação da humanidade, abandonando-o até no auge da sua agonia na cruz.

Este é até hoje o grande e inexaurível mistério da teologia cristã, que impele Cristo, na cruz, subitamente, a chamar Deus de Eli (ou Eloí).[35] Além das discussões e polêmicas em torno desse nome, se atentarmos para aspectos que podem passar despercebidos, provamos mais uma vez a legitimidade histórica e literária do registro bíblico, e, muito além e antes desta, para o que Messori destaca e repete:

> Uma olhada ao martiriológio hebraico mostra de modo bastante claro e impressionante qual deveria ser a história da Paixão de Cristo se aí houvesse mistura de invenção, visando à emoção. O mártir hebreu — que é herói daquela literatura — mostra um incrível desprezo pela morte e

[35] Mateus 27.46 e Marcos 15.34. Depois de receber o gole de vinagre, o seu último brado é mencionado por cada um dos evangelhos, de acordo com os diferentes "estilos" dos autores: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" Lucas 23.46 e "Está consumado", João 19.30.

uma insensibilidade sem igual diante dos tormentos e sofrimentos. (Messori, 1993, p. 307)

Cristo foi certamente mais do que um grande profeta preocupado em defender sua tese particular.

Palavras de agonia e dúvida existencial, como as pronunciadas por Cristo, não são as de quem quer ser eternizado como "grande mártir". Com elas, Cristo prova somente sua profunda humanidade, inaugurando uma nova possibilidade de relacionamento do homem com Deus. Já nas cartas apostólicas[36] observamos a metáfora "Deus-Pai" sendo usada como termo de saudação entre os "irmãos da fé" simbolizando a fraternidade cristã.

Assim, embora Aslam[37] tenha morrido calado, a alusão a Cristo é evidente, principalmente quando Aslam tem a longa conversa com a feiticeira, negociando o resgate de Edmundo.

Podemos dizer em síntese, então, que o ser e o agir cristãos fundam-se nessa filiação, que tem implicações

[36] No Novo Testamento, temos uma grande quantidade de referências a Deus-Pai, a começar do Sermão da Montanha (Mateus 5.16 et seq.), que inclui a "verdadeira" oração, o Pai-Nosso. Cf. Mateus 6.7 et seq.; Lucas 11.2 et seq.; João 17.6 et seq. As exortações à fidelidade filial, cf. 1 João 2.23.

[37] De acordo com Ford e uma das cartas de Lewis, o nome de 'Aslam', ou *Arslam*, vem de 'leão' em turco. Ele também recebe nas *Crônicas* outros nomes, "the great Lion, the son of the Emperor-beyond-the Sea, and the King above all High Kings" (*Companion to Narnia*, p. 60). Lewis não o descreve com grandes adjetivos. Mas, o importante é que o nome de Aslam provoca sempre um sentimento numinoso, seja de terror, seja de encantamento. Já em *O Cavalo e seu Menino*, Shasta sente um profundo respeito pelo nome de Aslam, hesitando em pronunciá-lo sem o devido conhecimento. Da mesma forma, quando as criaturas de Nárnia recebem o dom da fala, e com ela também o raciocínio, em *O Sobrinho do Mago*, o primeiro nome que pronunciam é o de Aslam.

muito mais teológicas do que políticas. A conversão ao Cristianismo tem implicações muito mais sérias do que a filiação a um determinado partido. Tem implicações sobre a pessoa toda, sua forma de ser, encarar e atuar neste mundo, que segue o modelo de Cristo, único ser que sintetiza todos os modos de ser humano, ao mesmo tempo que é Deus:

> Dios, además de hacernos hijos en el hijo, nos ha dado en Cristo "un hombre que es realmente lo que todos los hombres están llamados a ser" (Mchr, 152). Jesucristo, además de ser la revelación del Amor de Dios, es también la revelación de lo que es el hombre, la segunda Persona de la Santíssima Trindad, el hijo, se hizo hombre para enseñarnos quál es la dignidad humana. (Odero & Odero, 1993, p. 254)

O melhor termômetro para se medir o grau de verdade contido no Cristianismo encontra-se no cristão. Odero & Odero citam esta passagem de *The Everlasting Men*, de Chesterton:

> El mejor juez del Cristianismo es el cristiano, el outro juez que le segue inmediatamente en capacidad es el confuciano. El peor juez es el hombre seguro de su criterio, el cristiano mal educado que se inclina gradualmente hacia el agnosticianismo. No pueden ser cristianos porque ni por un momento pueden dejar de ser cristianos. Si el Cristianismo fuera sólo una nueva moda oriental, no se le harái el reproche de ser una antigua fe oriental. (ibidem, p. 331)

Para concluir esta parte do nosso trabalho (sem encerrá-la), cabe lembrar qual é esta vocação misteriosa e

eterna do homem, para a qual todo *LF* caminha, e que, embora fácil de ser descoberta, é difícil de ser cumprida:

> A informação de que dispomos é sobre como nós, homens, podemos ser levados a Cristo, tornando-nos parte do maravilhoso presente que o jovem Príncipe do universo quer oferecer a seu Pai: o presente que é ele mesmo e, portanto, nós que nele estamos. Este é o único fim para o qual fomos criados. E a Bíblia deixa transparecer, com singulares e entusiásticas alusões, que, quando estivermos com Cristo, muitas outras coisas na Natureza começarão a ficar certas. O pesadelo terá terminado: será a manhã de um novo dia. (*Cristianismo Puro e Simples*, p. 114)

CONCLUSÃO

PISTAS PARA UM MÉTODO PEDAGÓGICO LEWISIANO

Após nossa breve apresentação das *Crônicas de Nárnia*, com posterior análise do sentido mais profundo do principal desses contos, que é, sem dúvida, *LF*; depois da apresentação dos principais aspectos da filosofia/teologia de Lewis, contraponteados com diversas passagens de *LF*; uma vez discutido o conceito de razão, central em toda a obra do autor, e a relação existente entre ética cristã e literatura e sua dimensão pedagógica; e, finalmente, a teologia do Deus pessoal, daremos algumas pistas para o que poderíamos chamar de "método pedagógico" lewisiano.

Como dizíamos, *The Abolition of Men* é a principal obra pedagógica de Lewis. Ela trata de relevantes questões epistemológicas e éticas, tais como a definição, defesa e manutenção do conhecimento; como preservar o valor da personalidade de cada um no seu próprio contexto cultural e social; como lidar com diferentes pontos de vista a respeito de um mesmo assunto; como reconhecer as interfaces, confluências e concorrências entre esses aspectos, ao longo dessa interação; e o que isso tem que ver com o conceito de Deus.

Do ponto de vista puramente lógico, Lewis apresenta nessa obra os fundamentos antropológico-filosóficos

da educação cristã, bem como as qualidades humanas essenciais que ela é capaz de desenvolver no aluno, estimuladas também por livros altamente educativos como *LF*.

Se atentarmos somente para o conteúdo, *LF* — com a mirabolante imaginação de Lewis, que aparece também em *Perelandra* e outras obras — fornece inúmeros incentivos à pesquisa, como, por exemplo, sua geografia e sua história, a matemática que as crianças empregam para calcular a quantidade de comida a ser levada na expedição pela floresta, sem falar nos fenômenos físicos, químicos e biológicos que aparecem na história, como o degelo, o alvorecer de um novo dia etc. Diversas passagens fornecem rica base para análise lingüística e literária, que não cabe agora retomar.

Assim, *LF* dá ocasião a atividades educativas que poderiam ser desenvolvidas com jovens, crianças e adultos como, por exemplo, de confronto entre o universo de Nárnia e outros contos de fadas ou mitos e a realidade da ciência. Mas o confronto direto com a Bíblia e com a vocação cristã, embora com o cuidado de não-exaustão analítica de questões, a princípio inexauríveis, é certamente o mais rico de todos.

Tem razão Manlove, (1993, p. 40) quando diz que a principal lição de *LF* é de natureza moral. E a principal lição é a negação sistemática do egoísmo narcisista ou maniqueu (típico do espírito infantil) e a afirmação de uma personalidade madura.

Podemos afirmar que a essência da pedagogia lewisiana e o principal objetivo de *LF* é a criação de "modelos" capazes de representar a realidade humana de uma forma maravilhosa, menos dualista ou distorcida do que

aqueles que, de uma forma ou de outra, nenhuma pedagogia podem deixar de usar. Modelos que permitam à criança desenvolver, ela mesma, uma visão do mundo e do universo antropológico, moral e religioso plausível e plena de sentido.

Uma proposta como essa era precisamente do que careciam as instituições educacionais da época de Lewis, que vinham procurando modelos capazes de orientar os rumos éticos da educação. Hoje, essa necessidade é ainda mais premente.

Não é de estranhar que as palestras de Lewis despertassem interesses dos mais variados: de empresários da indústria pesada, que não sabiam mais como motivar seus funcionários, até o exército e as emissoras de rádio (BBC). Foi assim que Lewis, além de professor de grande popularidade junto aos alunos e escritor famoso, sem método muito preciso mas sempre preocupado em estabelecer interfaces entre as pessoas, ficou conhecido também como grande orador.[1]

Em um desses sermões, Lewis adverte aos que intentam ser "professores cristãos":

> Quando professores cristãos desejam lembrar o povo cristão da domesticidade — e eu, por mim, acredito que as pessoas precisam, de fato, ser lembradas disso — a primeira necessidade é a de parar de contar mentiras

[1] Mr. Mathew, grande amigo e membro dos Inklings, dá o seu testemunho: "At times he lectured from skeleton notes, at times form a written text; on occasion he improvised; it was hard to tell which method he was following. But always he forged a personal link with those who heard him". (Como, 1979, p. 96)

sobre a vida do lar e substituí-las por um ensino realista. Quem sabe os princípios fundamentais fossem alguma coisa do tipo:

1. Desde a Queda, nenhuma organização ou modo de vida, qualquer que seja, tem uma tendência natural para o bem [...].
2. Pela conversão ou santificação da vida em família, temos de ter o cuidado de pretender algo mais do que a preservação do "amor" com o sentido da afeição natural [...].
3. Temos de reconhecer a grande armadilha que se esconde na principal característica da vida doméstica, que é, no senso comum, parafraseada como sua atração principal: 'é aí que nos mostramos como realmente somos'.
4. Como as pessoas devem, então, comportar-se em casa? [...]
5. Finalmente, não devemos ensinar que, se o lar tem de ser um instrumento da graça, tem de ser um lugar de *regras*? Não pode haver vida em comum sem *regula*. A única alternativa à regra não é a liberdade, mas a inconstitucional (e muitas vezes inconsciente) tirania do componente mais egoísta.

Em uma palavra, não devíamos parar de pregar a domesticidade, ou então começar a pregá-la de forma mais séria? Será que não está na hora de abandonarmos as eulogias sentimentais e começar a dar dicas práticas quanto à majestosa, difícil, amável e venturosa arte de criação de uma família realmente cristã?[2]

[2] "If Christian teachers wish to recall Christian people to domesticity — and I, for one, believe that people must be recalled to it — the first necessity is to stop telling lies about home life and to substitute realistic teaching. Perhaps the fundamental principles would be something like this: 1. Since the Fall, no organization or way of life whatever has a natural tendency to go right.

Criar a família cristã — era esse, em outras palavras, sem dúvida, o maior objetivo de Lewis com *LF*, escrito já em idade madura, após algumas tentativas frustradas, que custaram nove anos de sua vida, e o sucesso foi quase imediato entre as crianças, de lares cristãos ou não.

Trata-se de uma autêntica tradução de *Cristianismo Puro e Simples* para crianças e adultos. Como vimos nos capítulos anteriores, se colocarmos *LF* lado a lado com *Cristianismo Puro e Simples*, abrangeremos duas dimensões igualmente importantes da educação cristã: a educação dialógica ou sistematizada do giz e da lousa e a educação por meio da imaginação, da parábola.

De acordo com Lauand (1995a), fundado em Santo Tomás, o principal objetivo da educação é ensinar as virtudes (especialmente a prudência) a este ser "esquecente", que é o homem, pois as mesmas não são inatas mas adquiridas pela educação e experiência.

O primeiro aspecto dessa pedagogia de Santo Tomás, que é a pedagogia do exemplo, é o estabelecimento de similitudes entre a realidade imediata ou sensível

[...] 2. By the conversion or sanctification of family life we must be careful to mean something more than the preservation of 'love' in the sense of natural affection [...] 3. We must realize the yawning pitfall in that very characteristic of home life which is so often glibly paraded as its principal attraction. 'It is there that we appear as we really are [...] 4. How then are people to behave at home? [...] 5. Finally, must we not teach that if the home is to be a means of grace it must be a place of *rules*? There cannot be a common life without *regula*. The alternative to rule is not freedom but the unconstitutional (and often unconscious) tyranny of the most selfish member. In a word, must we not either cease to preach domesticity or else begin to preach is seriously? Must we not abandon sentimental eulogies and begin to give practical advice on the high, hard, lovely, and adventurous art of really creating the Christian family?" (Hooper, 1970, p. 284 et seq.)

e o que se quer fazer o aluno lembrar, o que inclui a valorização do concreto e do lúdico ou do bom humor na escola, eliminando tudo que seja aborrecido ou enfadonho nela.

Podemos afirmar que *LF* se encaixa perfeitamente nessa condição.

> Na segunda lei (da educação da memória), Tomás afirma ser necessário organizar e dispor em ordem aquilo que se quer lembrar, de tal modo que haja uma associação por encadeamento. (Lauand, 1995a, p. 176)

A riqueza de associações que podemos estabelecer com *LF* ficou já clara no capítulo 1 do nosso trabalho.

> É necessário, prossegue o Aquinate ao enunciar a terceira lei, que o homem tenha solicitude e afeto para com aquilo que quer recordar, pois onde não há interesse e amor não se fixam as impressões na alma. (ibidem, p. 180)

Esse elemento, o ingrediente indispensável a qualquer aprendizado — o amor — é tão ou mais esquecido na escola de hoje do que a lógica de que tanto se queixa o professor em *LF*. O amor e interesse despertados por *LF* nas crianças fica claro pelas cartas que elas escreveram para ele em vida e as inúmeras comemorações e estudos que se realizam até hoje em sua memória por todo o mundo.

E o maior amor que podemos manifestar no ensino é o amor à sabedoria, que é a mais pura filosofia.

> Finalmente, diz Tomás ao enunciar a quarta lei, é necessário meditar freqüentemente sobre o que queremos guardar na memória. (ibidem, p. 182)

Há inúmeros exemplos de frases repetitivas e instigadoras da memória em *LF*, entretanto, os exemplos de reflexões, que chegam a atingir níveis metafísicos e filosóficos, são ainda mais numerosos.

Por outro lado, a educação por meio de parábolas e *mashal*, ao mesmo tempo que abriga um poderoso potencial pedagógico não se dá espontânea ou instantaneamente como num passe de mágica. É perfeitamente possível que uma criança ouça um provérbio ou uma história como *LF* sem chegar a conclusão nenhuma, ou que a ache meramente "interessante".

Toda história do pensamento e da prática pedagógica no Brasil e no mundo tem provado exaustivamente que as técnicas ou soluções pretensamente instantâneas para o problema da educação não são eficazes a longo prazo, especialmente, e este é o caso na maioria das vezes, quando não estão fundadas num projeto pedagógico mais amplo que inclua uma perspectiva antropológico-filosófica bem-definida.

Evidentemente, o aspecto mais destacado na proposta aqui discutida é o da educação moral. Um dos requisitos fundamentais para a sua concretização é que não apenas o professor mantenha-se aberto para a totalidade do real e que apresente todas as virtudes de autêntico mestre, mas que também a criança apresente certas virtudes, principalmente a *docilitas*, como nos explica novamente Lauand:

> Quando falamos de memória e *docilitas* (por exemplo) não estamos pensando propriamente em aspectos "técnicos" da educação, mas em sua dimensão moral: a atitude interior de humildade receptiva. (ibidem, p. 189)

Nesse sentido, o adulto que em termos de conhecimento, teoricamente ao menos, tem vantagem sobre a criança, também tem de dar o exemplo de humildade.

Ao contrário do que prega a educação (falsamente) democrática, que nivela todos os participantes do processo educacional por baixo, o próprio Lewis elucida a diferença fundamental que existe (e deve ser reconhecida) entre o professor e o aluno:

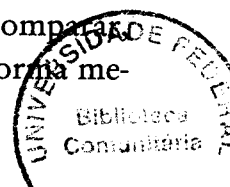
> Um professor é capaz de traçar as letras com a mão da criança porque é adulto e sabe escrever. Isso, sem dúvida, é mais fácil para ele, e só porque lhe é mais fácil é que pode ajudar a criança. Se esta o recusasse porque "é fácil para adultos" e esperasse aprender a escrever com outra criança, que também não soubesse escrever (não tendo, então, nenhuma vantagem "injusta"), não progrediria muito depressa. Se estou me afogando num rio, alguém que esteja na margem pode me estender a mão e salvar a minha vida. Ou será o caso de eu gritar, naquele instante de agonia: "Não, isso não é justo! Você tem uma vantagem! Você está com os pés na margem!" Tal vantagem (chame-a de "injusta", se quiser) é a única razão pela qual ele pode nos ajudar. Onde podemos buscar auxílio a não ser em algo mais forte do que nós? (*Cristianismo Puro e Simples*, p. 33)

Vemos aqui já uma crítica à concepção de educação que alega que a afirmação da ignorância da criança é antidemocrática e que todas as crianças devem ser consideradas "iguais" em termos de conhecimentos, pretendendo nivelá-las por baixo, alegando que isso seria de alguma forma vantajoso para uma pretensa "democratização" do ensino.[3]

[3] Cf. LEWIS, C.S., Democratic Education, in *Present Concerns*, p. 32 et seq.

Lewis critica essa pedagogia e essa democracia do "eu sou tão bom quanto você" no discurso final de *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, onde o diabo conta como a escola tem ajudado na grande missão dos infernos: salvar os humanos das garras do Inimigo:

> O princípio básico da nova educação será impedir que os imbecis e indolentes se sintam inferiores aos alunos inteligentes e aplicados. Seria "antidemocrático". Tais diferenças entre os alunos — pois trata-se óbvia e cruamente de diferenças *individuais* — devem ser disfarçadas [...]. Numa palavra, podemos razoavelmente esperar a virtual abolição da educação, uma vez que *sou-tão-bom-quanto-você* tenha seguido seu curso. Todos os incentivos para aprender terão desaparecido, bem como todas as penalidades por não aprender. Os poucos que poderiam desejar aprender serão impedidos de o fazer; quem seriam eles para elevar-se acima de seus semelhantes? De qualquer modo, os professores — ou deveria dizer enfermeiros — estarão por demais atarefados em dar segurança aos cretinos e afagar-lhes as costas, para perder tempo com o verdadeiro ensino. Será desnecessário planejar e labutar a fim de disseminar entre eles uma perturbável presunção e uma ignorância incurável. Os vermezinhos o farão por nós. (p. 137)

Por outro lado, temos em *The Abolition of Men* uma visão clara da Lei Natural, mencionada no início do nosso trabalho (Lei do Tao) e que afirma a objetividade dos valores humanos, que, portanto, são tão variáveis quanto são absolutos, permitindo-nos comparar, julgar e escolher a melhor conduta de uma forma menos subjetiva.

Lewis nos mostra que, por maiores que sejam as nossas objeções à filosofia oriental e pagã, o Tao, que transcende o tempo, o espaço e as particularidades de cada cultura, nos lembra que temos certas regras a obedecer e que, se as desprezarmos, se acharmos que somos capazes de "inventar" nossas próprias regras morais, e, o que seria ainda pior, de inventar o próprio homem, estaremos caminhando em direção à "abolição" ou extinção da espécie humana. E, se levarmos os cientificistas (principalmente os behavioristas) a sério, acabaremos no *Admirável Mundo Novo*, de George Orwell, ou seja, numa antipedagogia, que reduz o homem à máquina.

No final do livro, Lewis cita certos provérbios provenientes de várias culturas e épocas, que nos dão uma idéia do tipo de valores que devem ser estimulados pelas escolas, em resposta à crítica do professor em *LF*. E, como Lewis muito bem defendia num artigo com o mesmo título: "Às vezes um conto de fadas é a melhor forma de se dizer o que tem que ser dito".[4] Sua maior função é de lembrar-nos de verdades há muito esquecidas e do sentido ignorado de certas palavras.

Para citarmos somente um exemplo da área educacional, muitos professores ignoram que a palavra "disciplina" não é a mera capacidade de manter uma classe em estudo silencioso, mas tem vários significados, quais sejam: "ordem, obediência às leis, matéria de estudo, instrumento de penitência". Assim, a disciplina depende muito da autoridade que estamos seguindo. Se o chefe de

4 "Sometimes Fairy Stories May Say Best What's to Be Said". In: *On Stories*, 1982.

Estado é um totalitário, a lei torna-se injusta e a "disciplina", que com ela se coaduna, uma imoralidade. Conseqüentemente a pedagogia, que segue os parâmetros formulados pelo Estado, torna-se uma "antipedagogia". Portanto, não podemos considerar a disciplina um bem absoluto. Essa foi a maior lição das grandes guerras para a humanidade.

Por outro lado, isso também não quer dizer que tenhamos de negar toda e qualquer disciplina. Isso seria totalmente antinatural, pois, como dizíamos, o ser humano é tal, que, por mais criativo que possa ser de resto, precisa necessariamente seguir algum modelo elementar, e é melhor que seja o melhor modelo possível. Quando prepara o banquete, por mais original que seja, a cozinheira acabará seguindo algum princípio ou "segredo" herdado de sua avó.

Uma alternativa interessante para o tipo de sofisma cometido pela educação nazista, e que é comum também entre marxistas ortodoxos, encontra-se nos contos de fadas com fundo moral como *LF*, e outras obras, tais como as de George Mac Donald, E. Nesbit (que traduziu os *Contos da Cantuária* para o inglês), Tolkien, Charles Williams etc., que contêm verdades aplicáveis a toda a raça humana.[5]

Uma vez reunidos esses tesouros do patrimônio cultural comum da humanidade, o próximo passo, diz Lewis, será deixar de lado todas as leis éticas totalitárias ou suicidas e refletir sobre qual seria a pedagogia mais adequada a cada Estado.

5 Mas certamente essas alternativas nunca substituirão a própria Bíblia, que, muito mais do que mitos, narra o Grande Mito do Deus que morreu para resgatar a humanidade, o mito que se tornou verdade. Como se sabe, a Bíblia continua sendo, até hoje, o maior *best-seller* da humanidade.

No que se refere à pedagogia dos contos de fadas, Nelly Novaes Coelho recomenda o seguinte procedimento para o trabalho pedagógico com livros como *LF*, com crianças dos 10 anos de idade para cima (4ª série em diante):

> O esquema é o seguinte: Impressões do romance, Idéia principal, Resumo (fatos); Personagens; Ambiente; Tempo; Estrutura da narrativa; Ficha de Leitura; Análise do texto [...]. Dependem eles dos objetivos totais que pretendemos com a análise, e os nossos, como já dissemos, estão condicionados pela convicção de que literatura é reflexo artístico de uma experiência humana, de uma verdade humana. (Coelho, 1966, p. 37 et seq.)

Evidentemente, longe de ser mecânico, todo esse "esquema" baseia-se na preparação psíquica do aluno, atenta aos objetivos totais ou vitais que permeiam toda literatura, e igualmente aos fatores que vêm de fora, tais como o contexto histórico, literário e biográfico do autor.

Lewis só não concordaria com Coelho na medida em que suas sugestões podem dar margem a análises formalistas demais. Para ele nada deve pôr em risco o sentido numinoso da história. Por isso, Lewis também não definiu um método bem-delineado.

Para Manlove, se é que existe um "método" lewisiano para se trabalhar com as *Crônicas de Nárnia*, ele será sempre aproximado, respeitando a própria criatividade do professor, que poderá desenvolver atividades preparatórias, paralelas e posteriores à leitura de *LF* (estudo biográfico, entrevista, dramatização, mesa-redonda, elaboração de mapas, resumo, re-escrita da história etc.). No

capítulo "Approaches to Teaching" Manlove sugere algumas questões a serem discutidas em grupos, que selecionamos e traduzimos, a seguir:

> - O que você sentiu quando Lúcia entrou no país estrangeiro através do guarda-roupa? Você acha que foi uma boa idéia usar o guarda-roupa? Por que você acha que o guarda-roupa é o terceiro item do título?
> - Você acha que o fato de Edmundo ter provado do manjar turco foi um pecado vergonhoso?
> - Por que Aslam não destruiu simplesmente a feiticeira? Ele não tinha poder suficiente para isso? Por que ele teve de morrer?
> - Qual foi o efeito da morte de Aslam? Você acha que foi "certo" ele ter sido capaz de voltar novamente à vida depois?
> - Por que as crianças têm de voltar à Inglaterra no final de cada história de Nárnia, se o tempo não passa no nosso mundo, enquanto eles estão em Nárnia?
> - Lewis chamou as histórias de Nárnia de contos de fadas. Você conhece algum outro conto de fadas? Você acha que o que Lewis escreveu é parecido com esse conto?
> - Coloque a história da Paixão e Ressurreição de Cristo lado a lado com *O Leão*, e observe a reação das crianças. Trata-se de uma simples forma nova de contar a mesma história, ou de uma nova história em um mundo diferente, com a mesma estrutura básica divina? (Manlove, 1993, p. 117 et seq.)

Consideramos algumas das demais questões muito triviais ou excessivamente complexas. Da nossa parte, acrescentaríamos as seguintes:

- Qual foi o seu personagem predileto? Por quê?
- Faça uma descrição breve da figura do professor. O que para ele estava errado com as escolas? Você concorda com isso?
- O que você sugere que possa mudar no ensino escolar para evitar esse problema?
- Qual a primeira providência que você tomaria se fosse rei de um mundo como Nárnia?
- Edmundo teria tido alguma chance de se salvar sozinho? Como?
- Que direito tinha a feiticeira sobre a vida de Edmundo?
- Lewis chamou essa e as histórias que se seguiram de contos de fadas. Você conhece algum outro conto de fadas? Que história desse tipo *LF* lembra a você?
- O que você achou do tratamento que Pedro dava a Edmundo? Edmundo tinha motivos para trair os irmãos daquele jeito?
- Se você pudesse, que pergunta faria a Aslam a respeito de Nárnia?
- Qual foi a atitude que você considerou mais heróica de todos os personagens? E qual a mais lamentável?
- Se você tivesse sido uma das crianças, do que você mais teria gostado de brincar com o leão?
- O que você acha que aconteceu depois que as crianças foram coroadas, até o final da história?

Questões como essas já seriam, a nosso ver, suficientes para fazer as crianças refletirem e aproximá-las do universo de valores subjacente a *LF*. E a moral dessa parábola manifesta-se naturalmente no cerne da discussão, ou então passará totalmente despercebida. Mas isso, na prática, depois que se leu *LF*, só acontece raramente. Lembre-se que, de acordo com o professor:

Quem é coroado rei em Nárnia será sempre rei em Nárnia. Mas não tentem seguir o mesmo caminho duas vezes. Na verdade, vocês nem devem fazer coisa alguma para voltarem a Nárnia. Quando menos esperarem, pode acontecer. (*LF*, p. 166-167)

ANEXO I

CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA DA VIDA E OBRA DE C. S. LEWIS

1898	Nasce em Belfast (Irlanda).
1905	Muda-se para Little Lea (Inglaterra).
1908	Morre Flora Lewis, sua mãe. Ingressa no Wynyard School.
1910	Retorna à Irlanda e matricula-se no Campbell College (Belfast).
1911	Volta à Inglaterra (Chersbourg School House em Malvern).
1913	Estuda no Malvern College.
1914	Toma aulas particulares com William T. R. Kirkpatrick.
1916	Lê *Phantastes* de George Mac Donald. É aceito no Univ. College/Oxford.
1917	Lewis alista-se no exército para lutar na I Guerra Mundial e encontra o amigo de guerra, Paddy Moore e sua mãe, Mrs. Janie Moore.
1918	É ferido e hospitalizado na França e Paddy é anunciado morto.
1919	Publicação de *Spirits in Bondage* (sob o pseudônimo de Clive Hamilton).
1925	Admissão no Magdalene College. Primeiro encontro com Tolkien.
1926	Publicação de *Dymer* (sob o pseudônimo Clive Hamilton).

1929 Morre seu pai, acometido de câncer.
Início do processo de conversão de Lewis.
1933 Publicação de *Pilgrim's Regress.*
1936 Publicação de *The Allegory of Love.*
1938 Publicação da primeira obra de sua Trilogia Espacial *Out of the Silent Planet*
1939 Lewis e Tolkien associam-se aos *Inklings.*[1]
1940 Publicação de *Problem of Pain* (*O Problema do Sofrimento*).
1941 Primeiro discurso para a RAF e BBC de Londres.
Encontro com o Oxford University Socratic Club.
1942 Várias publicações, entre elas *The Screwtape Letters* (*Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*).
1943 Publicação de *The Abolition of Men*, *Christian Behaviour* e *Perelandra.*
1945 Publicação de *The Great Divorce* e *That Hideous Strength* (última obra da série de ficção científica).
1947 Publicação de *Miracles* (*Milagres*).
1950 Publicação de *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*).
1951 Morte de Mrs. Moore, mãe do amigo falecido na guerra, Paddy, de quem Lewis cuidou a vida toda.
Publicação de *Prince Caspian* (*Príncipe Caspian*); irmãos Lewis nos Kilns.
1952 Publicação de *Mere Christianity* (*Critianismo Puro e Simples*) e *The Voyage of the Dawn Treader.*
Joy Gresham passa o Natal com os irmãos Lewis.
1953 Publicação de *Silver Chair* (*A Cadeira de Prata*).
1954 Publicação de *Surprised by Joy.*

[1] Grupo de catedráticos que discutiam filosofia, literatura e mitologia.

Joy volta aos EUA com os filhos para efetuar o divórcio.
Publicação de *The Horse and his Boy* (*O Cavalo e seu Menino*) e *English Literature in the Sixteenth Century.*
Aula inaugural em Cambridge (Literatura Medieval e Renascentista).
1955 Publicação de *The Magian's Nephew* (*O Sobrinho do Mago*).
Casamento civil com Joy
1956 Publicação de *The Last Battle* (*A Última Batalha*) e *Till we Have Faces.*
Joy descobre que está com câncer.
1957 Casamento religioso de Joy e Lewis.
1958 Publicação de *Reflections on Psalms.*
Publicação de *The Four Loves* (*Os Quatro Amores*) e *Studies in Words.*
1960 Joy morre de câncer.
1961 Publicação de *A Grief Observed* e *An Experiment in Criticism.*
1962 Publicação de *They Asked me for a Paper.*
1963 Morte de C. S. Lewis.
1964 Publicação póstuma de *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer.*

ANEXO II

RESUMO DO ENREDO DE *O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*

Embora possam ser lidas isoladamente, com começo, meio e fim, muitos preferem ler as *Crônicas de Nárnia* por ordem cronológica de escrita — *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (*LF*), *O Príncipe Caspian*, *A Viagem do Peregrino da Alvorada*, *O Cavalo e seu Menino*, *A Cadeira de Prata*, *O Sobrinho do Mago* e *A Última Batalha*. Já outros preferem a ordem "lógica", que começa com a criação de Nárnia em *O Sobrinho do Mago*, seguindo com *LF*, *O Cavalo e seu Menino*, *O Príncipe Caspian*, *A Viagem do Peregrino da Alvorada*, *A Cadeira de Prata* e *A Última Batalha*, cada uma tematizando um valor moral central, que, no caso de *LF*, parece ser a verdadeira realidade sobrenatural ou eterna e o sentido da ressurreição ou vida além da morte, ou, em outras palavras, da redenção e do resgate.

Apesar da aparente "confusão" ou certa inconsistência que a ordem cronológica possa causar, ela retrata a realidade mais "adulta" e o respeito que Lewis tinha pelo leitor. Em uma carta a uma criança leitora, ele recomenda começar pela leitura de *O Sobrinho do Mago*, onde a feiticeira é apresentada como *Jadis*, a última rainha de um mundo, à beira do armagedon final, para o qual Digory e Polly são transportados pelos mesmos anéis mágicos que levam Jadis a Nárnia (onde passou a ser conhecida como "Feiticeira Branca"). Essa diferença do nome da feiticeira entre *LF* e O

Sobrinho do Mago, porém, não chega a ser motivo para confusão por parte das crianças, que, ao contrário dos adultos, embora não sejam menos inteligentes do que eles, não fazem questão de coerência total no caso de uma história de ficção, contentando-se com explicações apenas razoáveis.

Em resumo, o que certamente não substituirá a leitura da história: quatro irmãos, Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia (nessa ordem) descobrem um mundo mágico através de um guarda-roupa comum da casa de um professor, no qual permanecem refugiados durante a Segunda Guerra Mundial. Lúcia, a primeira a descobrir esse mundo, chamado "Nárnia", topa com um fauno à luz de um poste. Durante um chá em sua toca ele conta várias histórias interessantes acerca de Nárnia, incluindo o feitiço da Feiticeira Branca, pelo qual é sempre inverno e nunca Natal (*LF*, p. 23). Embora todos os habitantes tivessem recebido a missão de denunciar todo e qualquer "Filho de Adão" ou "Filha de Eva" que por lá aparecesse, caso contrário seriam transformados em estátua de pedra, o fauno não consegue fazê-lo e traz Lúcia de volta ao mundo de cá do guarda-roupa. Para decepção de Lúcia, porém, nenhum dos irmãos acredita na sua história, e ela é recebida com desconfiança, pois tempo nenhum havia se passado enquanto ela esteve em Nárnia, e o guarda-roupa tem uma aparência comum. Edmundo, que aproveita para zombar da irmã mais nova, acaba descobrindo Nárnia quando, no outro dia, resolve seguir Lúcia para dentro do guarda-roupa, que volta a dar acesso a esse mundo. A primeira pessoa que ele encontra, a Feiticeira, convence-o, com seu "manjar turco", a trazer os outros três irmãos a Nárnia. Na volta, Edmundo encontra-se com Lúcia mas não lhe conta nada acerca dos seus planos maléficos. De volta para o quarto da casa do professor, mais

uma vez, para total decepção de Lúcia, Edmundo nega tudo diante dos outros irmãos, alegando que tudo não passa de imaginação. Quando Pedro e Susana discutem com o professor a possibilidade de Lúcia estar ficando louca, para surpresa deles ele acredita em Lúcia, uma vez que ela nunca havia demonstrado sinais de loucura, e admira-se muito com o que andam ensinando às crianças nas escolas que fazem com que elas não consigam sequer raciocinar direito. Durante outra brincadeira de esconde-esconde, todas as quatro crianças resolvem entrar no guarda-roupa, indo parar em Nárnia. Depois de Pedro pedir perdão a Lúcia e incumbi-la de ser o guia deles na volta à casa do fauno, as crianças descobrem que a casa dele havia sido arrombada, ele havia sido preso pela feiticeira e provavelmente transformado em pedra.

Nesse meio-tempo, um castor falante atrai a atenção das crianças, conduzindo-as até a sua casa. Na casa do casal de castores, as crianças comem uma comida muito gostosa e ficam conhecendo as antigas profecias a respeito de Aslam e dos quatro tronos de Cair Paravel. Quando quatro filhos de Adão e filhas de Eva ali chegassem, seria o sinal de que Aslam estava chegando para resgatar o mundo de Nárnia do seu feitiço. Ao ouvirem pela primeira vez o nome de Aslam, todos sentem algo misterioso e maravilhoso, exceto Edmundo, que, pelo contrário, sente-se muito mal. Logo em seguida, todos dão-se conta do sumiço de Edmundo, e o Castor deduz que ele foi ao encontro da feiticeira, determinando que todos partissem imediatamente para a Mesa de Pedra.

No caminho para o castelo da feiticeira, Edmundo sofre muito com o frio; chegando ali descobre, espalhados pelo pátio, seres de Nárnia petrificados pela feiticeira, inclusive um leão, que supõe ser Aslam. Após ralhar com

Edmundo por este não ter trazido com ele os irmãos nem se munido das informações necessárias para evitar a chegada de Aslam, a feiticeira resolve usá-lo como refém e partir imediatamente para a Mesa de Pedra.

Nesse meio-tempo, as crianças e os castores encontram, no meio do caminho, seres mitológicos e Papai Noel em pessoa, que anuncia que Aslam está a caminho e entrega-lhes presentes. A neve começa a derreter-se...

Quando as crianças alcançam a Mesa de Pedra, Aslam já os está aguardando e convoca todos os narnianos falantes para a batalha contra a feiticeira e suas hostes. Ele incumbe Pedro de liderar a primeira batalha dos narnianos contra as tropas da feiticeira. No meio da confusão do encontro com a feiticeira e seu guarda, que Pedro consegue matar, os narnianos conseguem libertar Edmundo. A própria feiticeira consegue fugir e envia um salvo-conduto para Aslam, para lembrá-lo de que, de acordo com a lei inscrita na Mesa de Pedra, ela tem direito ao sangue de todo traidor. Aslam negocia com a feiticeira as condições para a salvação de Edmundo. Nessa noite, apesar da festa promovida por Aslam, as meninas, que já haviam intuído que algo estava pairando no ar, vão atrás de Aslam e acabam testemunhando a sua entrega à tortura e morte na Mesa de Pedra. Nessa mesma madrugada, depois de ver Aslam morrer e ser libertado das amarras por simples ratinhos, Susana e Lúcia testemunham algo ainda mais espetacular: a quebra da Mesa de Pedra e a ressurreição de Aslam. Depois de brincar com as meninas, ele voa com elas até o castelo da feiticeira, onde Pedro e suas tropas estão enfrentando as hostes da feiticeira. Com o reforço, a feiticeira é derrotada e morta, e Aslam traz, com o seu sopro, as estátuas de pedra de volta à vida. No final, Edmundo, já arrependido e

perdoado pelos irmãos, é homenageado, pois assume um papel fundamental nessa batalha, na qual teria morrido se não fosse o licor curador de Lúcia.

No final da história, Aslam oferece uma grande festa de coroação às crianças e desaparece. Após alguns anos de reinado feliz em Nárnia, já adultas, numa caçada ao veado branco, as crianças reencontram o poste de luz onde tudo havia começado e acabam retornando a Londres, através do mesmo guarda-roupa mágico, e lá descobrem que nenhum tempo havia passado.

Quando relatam ao professor a razão do sumiço dos casacos do guarda-roupa, com os quais se protegeram contra o frio de Nárnia, o mesmo acredita em toda a história e anuncia que esta é apenas a primeira de uma série de aventuras e que as crianças certamente voltariam a Nárnia algum dia, ainda que nunca pelo mesmo caminho, pois, uma vez rei ou rainha de Nárnia, sempre rei ou rainha de Nárnia...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE C. S. LEWIS

LEWIS, C. S. *Spirits in Bondage* (sob o pseudônimo de Clive Hamilton). London: Heinemann, 1919.

_________. *Dymer* (sob o pseudônimo de Clive Hamilton). London: Dent, 1926.

_________. *The Pilgrim's Regress.* London: Dent, 1933.

_________. *The Allegory of Love.* Oxford: Clarendon Press, 1936.

_________. *Out of the Silent Planet.* London: John Lane, 1938.

_________. *Rehabilitations and Other Essays.* London: Oxford University Press, 1939.

_________. *The Problem of Pain.* New York: Macmillan, 1940.

_________. *The Screwtape Letters.* London: Geoffrey Bles, 1942.

_________. *A Preface to Paradise Lost.* London: Oxford University Press, 1942.

_________. *Perelandra.* London: John Lane, 1943.

_________. *Christian Behaviour.* London: Geoffrey Bles, 1943.

_________. *Broadcast Talks.* London: Geoffrey Bles, 1944.

_________. *Beyond Personality.* London: Geoffrey Bles, 1944.

_________. *That Hideous Strength.* London: John Lane, 1945.

_________. *The Great Divorce.* London: Geoffrey Bles, 1945.

_________. *Miracles; A Preliminary Study.* London: Geoffrey Bles, 1947.

_________. *Arthurian Torso.* London: Oxford University Press, 1948.

_________. *The Lion, the Witch and the Wardrobe.* New York: Macmillan, 1950.

_________. *Prince Caspian.* New York: Macmillan, 1951.

_________. *Mere Christianity.* Rev. ed. New York: Macmillan, 1952.

_________. *The Voyage of the Dawn Treader.* New York: Macmillan, 1952.

_________. *The Silver Chair.* New York: Macmillan, 1953.

________. *Surprised by Joy*. New York: Harcourt Brace, 1954.

________. English Literature in the Sixteenth Century Excluding Drama. In: *Oxford History of English Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1954, v. 3.

________. *The Horse and His Boy*. New York: Macmillan, 1954.

________. *The Magician's Nephew*. New York: Macmillan, 1955.

________. *The Last Battle*. New York: Macmillan, 1956.

________. *Till we Have Faces*. London: Geoffrey Bles, 1956.

________. *Reflections on the Psalms*. New York: Harcourt Brace, 1958.

________. *The Four Loves*. London: Geoffrey Bles, 1960.

________. *Studies in Words*. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.

________. *The World's Last Night and Other Essays*. New York: Harcourt Brace, 1960.

________. *A Grief Observed*. London: Faber & Faber, 1961.

________. *An Experiment in Criticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.

________. *They Asked for a Paper*. London: Geoffrey Bles, 1962.

________. *Letters to Malcolm*. New York: Harcourt Brace, 1963.

________. *The Discarded Image*. Cambridge: Cambridge University Press, 1964.

________. *Poems*. London: Geoffrey Bles, 1964.

________. *Screwtape Proposes a Toast and Other Pieces*. London: Collins Fontana, 1965.

________. *Of Other Worlds*. London: Geoffrey Bles, 1966.

________. *A Mind Awake*. London: Geoffrey Bles, 1968.

________. *Narrative Poems*. London: Geoffrey Bles, 1969.

________. *Selected Literary Essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

________. *Letters to Malcolm*. New York: Harvest, 1973.

________. *Of Other Worlds*. New York: Harvest, 1975.

________. *Cartas do Coisa-Ruim*. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

________. *On Stories*. New York: Harvest, 1982.

________. *O Problema do Sofrimento*. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

________. *Milagres*. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

________. *Joyful Christian*. New York: Macmillan, 1984.

________. *Cristianismo Puro e Simples*. 2 ed. São Paulo: ABU Editora, 1985.

________. *Os Quatro Amores*. 2 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.

________. *Timeless at Heart: Essays on Theology*. London: Collins Fount, 1987.

________. *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*. 3 ed. São Paulo: ABU/Martins Fontes, 1987.

________. *The Lion, the Witch and the Wardrobe*. New York: First Harper Collins Edition, 1994.

________. *A Grief Observed*. New York: Harper Collins, 1994.

________. *Letters to Children*. New York: Touchstone, 1995.

________. *George Mac Donald*. New York: Touchstone, 1996.

________. *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

________. *Crônicas de Nárnia — A Cadeira de Prata*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

________. *Crônicas de Nárnia — O Cavalo e seu Menino*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

________. *Crônicas de Nárnia — O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

________. *Crônicas de Nárnia — O Príncipe Caspian*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

________. *Crônicas de Nárnia — O Sobrinho do Mago*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

________. *Crônicas de Nárnia — A Viagem do Peregrino da Alvorada*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

________. *Crônicas de Nárnia — A Última Batalha*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

COLETÂNEAS

God in the Dock: Essays on Theology and Ethics. In: Hooper, Walter (ed.). Reedição de *Undesceptions*, que reúne *God in the Dock, First and Second Things* & *Timeless at Heart*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970.

C. S. Lewis: First and Second Things. London: Geoffrey Bles, 1944.

C. S. Lewis: Timeless at Heart. London: Geoffrey Bles, 1987.
Present Concerns. In: Hooper, Walter (ed.). London: Harcourt Publishers, 1986.
Christian Reflections. Grand Rapids: Eerdmans, 1967.

BIBLIOGRAFIA DE CONSULTA

ACKER, Leonardo van. *O Tomismo e o Pensamento Contemporâneo*. Pref. Miguel Reale. São Paulo: Convívio, 1983.
AESCHLIMAN, Michael D. *The Restitution of Men*. Grand Rapids: Eerdmans, 1983.
AQUINO, Santo Tomás. *Summa Contra Gentis*. São Paulo: Abril, 1973. (Os Pensadores, VIII).
BÍBLIA de Jerusalém. ed rev. São Paulo: Paulinas, 1991.
BÍBLIA Sagrada em CD-ROM. Petrópolis: Vozes, 1997.
BRETZKE, Gabriele Greggersen. *Josef Pieper: O Elemento Negativo na Filosofia de Santo Tomás de Aquino*. São Paulo:USP, 1995. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Pós-Graduação em Educação.
________. Estudos Lewisianos nos Estados Unidos. In: *Mirandum II*. São Paulo: Mandruvá/DLOFFLCHUSP, 1997.
CHAMBERS, Tim. *C. S. Lewis and The Bible* [online]. ftp://col.hp.com/html/tbc/p/merechri.gif, Email: tbc@netbox.com, http://www.netbox.com/tbc, 1996.
CHESTERTON, G. K. *Orthodoxy*. Texto eletrônico, s. d.
________. *The Everlasting Man*. San Francisco: Ignatius Press, 1993.
COELHO, N. N. *O Ensino da Literatura*. São Paulo: FTD, 1966.
COMO, James T. *C. S. Lewis at the Breakfast Table and Other Reminiscences*. New York: Macmillan, 1979.
COREN, Michael. *The Man Who Created Narnia*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.
DORSETT, L. W., (ed.). *The Essential C. S. Lewis*. New York: Touchstone, 1996.
________. *The Essential C. S. Lewis*. New York: Macmillan, 1988.
________. & MEAD, M. L. (eds.). *Letters to Children*. New York: Macmillan, 1985.

________. *Boxen*. London: Collins 1985.
DURIEZ, Colin. *The C. S. Lewis Handbook*. Grand Rapids: Baker Book House, 1990.
EDWARDS, Bruce L. *A Rhetoric of Reading: C. S. Lewis's Defense of Western Literacy*. Bowling Green: BYU, 1987.
FORD, Paul F. *Companion to Narnia*. San Francisco: Harper Collins, 1994.
GIBSON, Evan K. *C. S. Lewis, Spinner of Tales; A Guide to His Fiction*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.
HANANIA, Aida Rámeza. Literatura e Educação: as maqâ-mât de Al-Hamadháni. In: *Oriente & Ocidente: Educação Moral e Sátira dos Vícios*. São Paulo: EDIX Edições/Centro de Estudos Árabes DLO-FFLCH/USP, 1995.
HOOPER, W. & GREEN, R. L. *C. S. Lewis: A Biography*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1974.
HOOPER, W. *Companion and Guide*. San Francisco: Harper Collins, 1996.
________. *Past Watchful Dragons*. New York: Colier, 1979.
________. (ed.). *Letters of C. S. Lewis*. New York: Hartcourt Brace, 1993.
________. *All my Road Before Me*. New York: Hartcourt Brace, 1991.
________. (ed.). *Studies in Medieval and Renaissance Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
________. (ed.). *On Stories*. New York: Harcourt Brace, 1982.
________. (ed.). *Letters of C. S. Lewis*. Rev. ed. New York: Harcourt Brace, 1988.
HOWARD, Thomas. *C. S. Lewis, Man of Letters*. Wheaton: Ignatius, 1987.
HOZ, Victor Garcia. *Pedagogia Visível — Educação Invisível*. São Paulo: Nerman, 1988.
HUTTAR, Charles & SCHAKEL, Peter. *World and Story of C. S. Lewis*. Missouri: University of Missouri Press, 1981.
KILBY, Clyde S. *Christian World of C. S. Lewis*. Michigan: Grand Rapids: Eerdmans, 1964.
________. (ed.). *Letters to an American Lady*. Grand Rapids: Eerdmans, 1971.

KREEFT, Peter. *C. S. Lewis for the Third Millenium*. Six Essays on the Abolition of Man. San Fransisco: Ignatius, 1994.

________. *C. S. Lewis: A Critical Essay*. Front Royal: Christendom College Press, 1988.

LAUAND, Luiz Jean. *Educação Moral e Provérbios*. São Paulo:USP, 1995a. Tese de Livre-Docência apresentada à Coordenação da Faculdade de Educação.

________. *Oriente & Ocidente: O Bom Humor na Bíblia — O Bom Humor Árabe*. São Paulo, DLO-FFLCH/USP, 1995b.

________. *Filosofia e Linguagem Comum*. Curitiba: PUC, 1990.

________. *Filosofia, Educação e Arte*. São Paulo: Edições IAMC, 1988.

________. (org.). *Oriente & Ocidente: Língua e Mentalidade*. São Paulo: APEL, FFLCH/USP, s.d.

________. *Raízes do Pensamento Medieval*. São Paulo: Ícone Editorial, 1993.

LINDSKOOG, Kathryn Ann. *C. S. Lewis: Mere Christian*. Glendale: Regal Books, 1973.

MARTINDALE, Wayne & ROOT, Jerry, (eds.). *The Quotable Lewis*. Wheaton: Tyndale House, 1989.

________. *Fern-Seed and Elephants and Other Essays on Christianity*. London: Collins-Fontana, 1975.

________. *The Dark Tower and Other Stories*. London: Collins, 1977.

________. *The Joyful Christian*. New York: Macmillan, 1977.

________. *The Weight of Glory and Other Addresses*. New York: Macmillan, 1980.

________. *On Stories*. London: Collins, 1982.

________. *All My Road Before Me*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1991.

________. *Readings for Meditation & Reflection*. New York: Harper Collins, 1992.

MESSORI, Vittorio. *Padeceu sob Pôncio Pilatos?* São Paulo: Santuário, 1993.

ODERO & ODERO. *C. S. Lewis y la Imagem del Hombre*. Pamplona: EUNSA, 1993.

PETERS. Thomas C. *Simply C. S. Lewis*. Wheaton: Crossway Books, 1997.

PIEPER, J. O que é o amor?. *Revista da Faculdade de Educação USP*, v. 18, n. 2, p. 253-254.

________. *Estar Certo como Homem: as Virtudes Cardeais Redescobertas* [online]. Trad. Luiz Jean Lauand. [citado em 24.02.2001a]. Publicação eletrônica disponível em http://www.hottopos.com.br/videtur11/estcert.htm. (Tradução de: *Menschliches Richtigsein*.)

________. *Scholastik*. München: DTV, 1978.

________. *Abertura para o Todo: a Chance da Universidade* [online]. Trad. Gilda N. M. de Barros e L. Jean Lauand. [citado em 24.02.2001b]. Publicação eletrônica disponível em http://www.hottopos.com.br/mirand9/abert.htm.

________. Viver do silêncio. Trad. Henrique Elfes. *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. São Paulo: EDF-FEUSP, v. 2, n. 3, p. 45-54, 1994.

SAYER, G. *Jack*. Wheaton: Crossway Books, 1994.

SCHAKEL, Peter J. *Reading with the Heart*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

________. & HUTTAR, G. *World and Story in C. S. Lewis*. Columbia: 1991.

________. (ed.). *The Longing for a Form*. Grand Rapids: Baker, 1977.

SIBLEY, Brian. *Shadowlands, the Story of C. S. Lewis and Joy Davidman*. London: Hodder and Stoughton, 1985.

TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

TILLYARD, E. M. W. *The Personal Heresy*. London: Oxford University Press, 1939.

OBRAS SOBRE AS *CRÔNICAS DE NÁRNIA*

BAYNES, Pauline & RIORDAN, James. *A Book of Narnians*. New York: Harper Collin, 1995.

EDWARDS, Bruce L. *Taste of the Pineapple*. Essays on C. S. Lewis as Reader, Critic, and Imaginative Writer. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, 1988.

FORD, Paul F. *Companion to Narnia*. Pref. Madeleine L'Engle; ilust. Lorinda Bryan Cauley. 4 ed. San Francisco: Harper San Francisco, 1994.

HINTEN, Marvin. *Paralels and Alusions in the Cronicles of Narnia*. Bowling Green, 1996. Tese de Doutorado apresentada à Coordenação da Bowling Green State Unviersity.

HOOPER, Walter. *Past Watchful Dragons*. The Narnian Chronicles of C. S. Lewis. New York: Collier Books, 1979.

KARKAINEN, Paul. *Narnia Explored*. Old Tappan: Revell, 1979.

MANLOVE, Colin. *The Chronicles of Narnia*. New York: Twayne Publishers, 1993.

SIBLEY, Brian. *The Land of Narnia*. Brian Sibley Explores the World of C. S. Lewis. Ilust. Pauline Baynes. London: Collins Lions, 1989.

SCHAKEL, Peter J. *The Longing for a Form*: Essays on the Fiction of C. S. Lewis. Kent: Kent State University Press, 1977.

________. *Reading with the Heart*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

ARTIGOS REFERENTES A C. S. LEWIS

NEU HOUSER, David L. Higher Dimensions: C. S. Lewis and Mathematics. *Seven*,Illinois, v. 13, p 45-64, 1996.

DISSERTAÇÕES E TESES

KEEF, K. (ed.). *The C. S. Lewis Speaker and Teacher*. London: Hodder, 1974.

GERHARDSTEIN, Sarah Anne. *Cornestones*. Foundation of Lewis in *The Lion the Witch and the Wardrobe*. Senor Thesis for Hedale College, 1988.

BAKKE, J. A. *The Lion, the Lamb and the Children*. Christian Education through the *Chronicles of Narnia*. Minnessota: University of Minnessota. Ph.D., 1975.

WILCOX, Steven Michael. *Reality, Romanticism and Reason*; Perspectives on C. S. Lewis Pedagogy. Colorado: University of Colorado, Ph.D., 1982.

PERIÓDICOS DEDICADOS A C. S. LEWIS

CSL: THE BULLETIN OF THE NEW YORK C. S. LEWIS SOCIETY. New Haven, Connecticut. Fundada em 1969.

THE CANADIAN C. S. LEWIS JOURNAL. Inglaterra. Fundado em 1979.

THE CHRONICLE OF PORTLAND C. S. LEWIS SOCIETY. Portland, Oregon. Fundada em 1972.

INKLINGS-JHARBUCH FÛR LITERATUR UND ÄSTHE-TIC. Lüdescheid, Alemanha. Fundado em 1984.

THE JOURNAL OF MYTH, FANTASY AND ROMAN-TICISM. Publicado anualmente pelo Mythopoeic Literature Society. University of Queensland, Brisbane, Austrália.

MYTHIC CIRCLE. Publicado pelo Mythopoeic Society. Altadena, California, EUA.

MYTHLORE (Quarterly Journal of Society — enfatizando Charles Williams, J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis). Publicado pelo Mythopoeic Society. Altadena, Califórnia, EUA.

THE LAMP-POST OF THE SOUTHERN CALIFORNIA C. S. LEWIS SOCIETY. Sierra Madre, Califórnia. Fundada em 1974.

SEVEN. An Anglo-American Literary Review. Wheaton College, Wheaton. Fundada em 1979.

Este livro foi composto em Garamond
O miolo foi impresso em Pólen Soft 80 g/m² e a
capa em Cartão Supremo 250 g/m², pela Gráfica Parma,
para a Editora Mackenzie em agosto de 2001.

pela Alegria, recentemente traduzida para o português.

Dados biográficos sobre o seu romance temporão com a escritora americana Joy Gresham podem ser extraídos ainda do filme *Terra das Sombras* (*Shadowlands*), com Anthony Hopkins no papel principal.

Hoje a obra de Lewis é adotada em currículos de alguns Estados americanos e sua vasta produção é prestigiada em todo o mundo, sendo discutida em séries e programas de TV, conferências, debates, encontros, listas de discussão e inúmeros sites na internet.

Como filha de missionários evangélicos alemães, Gabriele Greggersen formou-se em Pedagogia pela USP, com habilitação em Administração Escolar. Fez também mestrado e doutorado em Filosofia da Educação pela mesma instituição. Atualmente é docente do mestrado e da graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Embora pouco conhecido no Brasil, o catedrático de filosofia e literatura inglesa, Clive Staples Lewis (1898-1963), fez sucesso junto ao público infantil com suas *Crônicas de Nárnia*. A correspondência entre o autor e as crianças rendeu uma publicação à parte, ainda sem versão para o português. O mais surpreendente, porém, é a antropologia filosófica, lida nas entrelinhas dos sete contos de fadas criados a partir da primeira desta série de histórias, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*. Com *insights* profundos acerca do homem e de sua existência no mundo somos convidados à reflexão. Entre outras, o livro nos remete a questões como: Em que sentido uma história imaginária pode ser real? O que é verdadeiro e o que é ilusório na vida? Qual a lógica possível no mundo das fadas? Qual o sentido e atualidade das lições éticas deste conto?

Assim, por trás de histórias aparentemente ingênuas, Lewis demonstra, com seu talento e arte literária, todo o potencial didático deste tipo de literatura para o ensino de conceitos filosóficos universais, capazes de nortear a prática pedagógica do educador no mundo de hoje.

ISBN 85-87739-14-X
9 788587 739148

A Antropologia Filosófica de C. S. Lewis

Gabriele